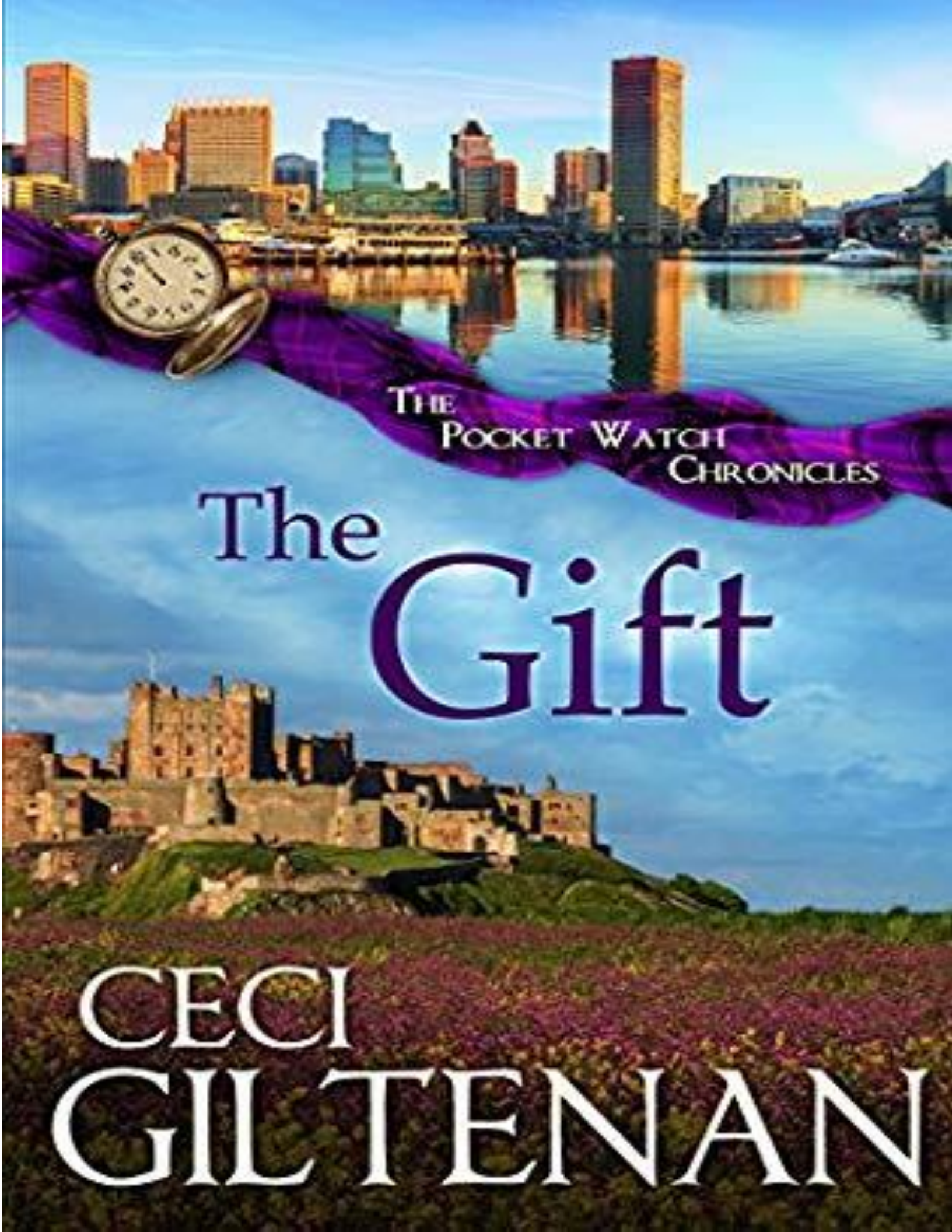




THE
POCKET WATCH
CHRONICLES

The Gift

CECI
GILTENAN



O PRESENTE

CECI GILTENAN

(Crônica do Relógio de bolso 05)



Stitch, Leccia, Elisete, Meirinha.



SINOPSE

Tavish Ranald, herdeiro de Laird Ranald deve se casar. É seu dever. Mas ele não está pronto. Ele ama alguém que ele nunca pode ter. Como ele pode se casar com a escolha de seu pai, Claire Morrison, quando outra mulher mantém seu coração e sempre será?

Cassandra Wren Calloway é uma rica herdeira americana que prefere ser a estudante universitária de espírito livre Cassie Wren. Mas quando ela perde sua alma gêmea, seu espírito e coração ficam alquebrados, ela não tem certeza de como pode seguir em frente.

Então Gertrude, um espírito imortal, oferece a Cassie a oportunidade, passando sessenta dias em outro tempo, como outra pessoa. Cassie salta para a chance. Ela acorda como Claire Morrison, na Escócia do século XIV, e embarca na maior aventura da sua vida.

O único problema é Tavish Ranald ...

Dedicatória

Para a menina com a coroa e um lenço rosa. Eu nem sequer sei o seu nome, mas você está permanentemente alojada no meu coração. E, para minha alma gêmea, meu amado marido,

Eamon.

Agradecimentos

Como sempre, eu devo um enorme obrigada a Lily Baldwin e Kathryn Lynn Davis por sua ajuda e orientação com este livro. Eu amo tanto vocês duas, até a lua e de volta. Também devo um agradecimento especial a Jen Coleman, que foi a primeira leitora beta para este livro e a último revisora. Você é uma amiga incrível.

—Uma palavra livra-nos de todo o peso e dor da vida - essa palavra é amor.—

~ Sófocles

Capítulo 1

O apartamento acima do Hooked Restaurante e Bar

Baltimore, Maryland

Domingo, 11 de agosto, 2013

Cassie Calloway ficou olhando para o smartphone na mão. Era o aniversário de sua irmã mais nova, Sloan. Não é que não quisesse chamar sua irmã; ela amava Sloan, mas temia que a chamada não fosse uma boa ideia, pois a última vez que estiveram juntas, trocaram duras palavras. Sloan, junto com a maioria do resto da família, tinha deixado muito claro que Cassie não era mais bem-vinda em suas vidas.

Ainda assim, ela não podia ignorar o aniversário de sua irmã.

Cassie digitou o número de Sloan, se perguntando se ela sequer iria responder. Depois de um momento a ligação foi estabelecida, mas houve silêncio na outra extremidade. Cassie decidiu que teria de falar primeiro.

— Oi, Sloan. Eu só estava ligando para desejar feliz aniversário.

— Cassandra. — Sua família se recusava a chamá-la de Cassie e Sloan conseguia fazer com que seu verdadeiro nome soasse como um palavrão.

— Você não tem que ligar. Eu recebi o seu cartão.

— De qualquer maneira, eu queria ligar.

— Não consigo entender o porquê.

— Você é minha irmã. Eu te amo.

— Você tem um jeito engraçado de mostrar isso.

— Sloan, você nunca me deixou explicar.

— Não há explicação possível. Você chegou em casa no fim de semana da minha festa de debutante... careca. Não há desculpa. Primeiro você

partiu o coração de mamãe quando você se recusou a ter a sua própria, mas você não poderia deixar por isso mesmo, não é? Tinha que estragar a minha. Foi algo impensado, imaturo e egoísta. Tenho é vergonha de você.

Tinha um pouco de exagero em dizer que ela tinha arruinado a festa de Sloan, pois ela não tinha estado completamente careca. Parecia mais um corte raspado porque já estava começando a crescer. Mas, quando seus pais viram o cabelo tosquiado de Cassie, assim como Sloan, se recusaram a ouvir suas razões e proibiram-na de ir ao evento. Desculpas foram inventadas... Cassie estava desesperadamente doente com uma gripe e a festa continuou como planejado.

Francamente, quando raspou a cabeça, ela não tinha pensado na festa de Sloan, que estava a cinco semanas de distância. Ainda assim, mesmo que lembrasse, não teria mudado nada.

— Sinto muito, Sloan. — Depois de uma pausa longa, ela perguntou: — Então, como você está? Você está animada para voltar a Valsar em um par de semanas? Há alguma aula que você está querendo ter?

— Estou bem. Eu não sou como você, não fico animada com a perspectiva de novos cadernos e lápis recentemente apontados e essa conversa acabou. Não ligue de novo, Cassandra. Você não é mais minha irmã.

Sloan desligou.

Não foi pior do que Cassie esperava. Ainda assim, doeu.

Ela suspirou profundamente, olhando a hora antes de colocar o telefone de lado. Trabalhava no andar de baixo como garçonne do Hooked e precisava se vestir. Seu turno começaria em breve.

Michael Roberts, o proprietário do Hooked, tinha renovado o velho edifício para parecer como o interior de um antigo navio a velas, com um

tema de pirata. Por essa razão era muito popular entre os turistas. Mas os moradores também o frequentavam. Hooked servia uma grande variedade de cervejas artesanais produzidas no local, e alguns dos melhores bolos e sopa de caranguejo Maryland, da área.

Claro que a equipe de garçons usava fantasias para combinar com o tema. Os homens ficavam com a parte mais fácil – calças pretas até o joelho, meias brancas, camisas brancas soltas, que se atavam ao pescoço e faixas de pirata vermelha. Por outro lado, o uniforme das mulheres era mais envolvente e destinava-se a atrair os clientes do sexo masculino. Elas usavam blusas camponesas de corte baixo, corpetes apertados destinadas a criar um pouco de busto, mesmo nos mais planos, saias vermelhas curtas, botas pretas, e uma bandana de pirata colorida em torno de suas cabeças.

Cassie se vestiu rapidamente e foi ao banheiro aplicar um pouco de maquiagem e ajustar sua bandana. Olhou para seu reflexo por um momento.

Ela mal tinha 1,58 de altura e era muito magra. Muito magra. Tinha perdido peso nos últimos meses. Seu cabelo castanho claro tinha crescido um par de polegadas agora e com seu tamanho diminuto e delicado fazia seus amigos dizerem que ela parecia uma fada.

Fofa.

Sloan era bonita.

Sua mãe era a imagem da elegância.

Cassie era fofa.

Ela tocou o cabelo, lembrando-se do momento em que decidiu cortá-lo.

Depois de duas remissões e recaídas, os médicos de Tom acreditavam que teria mais chance de uma remissão a longo prazo com um transplante

de medula óssea. A quimioterapia antes do transplante tinha sido áspera. Os efeitos colaterais duraram dias. Cassie o visitava todos os dias, ficando tanto quanto podia. As aulas tinham terminado bem antes que ele fosse para o hospital e ela tinha cortado seus turnos em Hooked para dois por semana.

Um dia ela foi visitá-lo, apenas alguns dias depois de ter recebido a medula óssea e ele estava miserável. Sua boca estava cheia de feridas, tinha dores de estômago terríveis, e estava exausto.

Pensando sobre isso e decidiu apenas perguntar-lhe.

— Então, o que você pensaria se eu raspasse minha cabeça?

— Eu acho que você está tentando roubar o meu novo look fantástico.

— Não, é sério.

— Eu acho que depende. Por que você quer?

— Um par de razões. Quando venho lhe visitar, vejo tantas crianças que estão lutando contra essa doença, tantas pequenas cabeças carecas. Há esta menina que usa uma coroa com um lenço rosa flutuando na parte de trás. É adorável. De qualquer forma, eu tenho tudo isso de cabelo, que está aqui, sem muita utilidade. Eu acho que quero doá-lo para uma dessas instituições de caridade que faz perucas para crianças que perderam seus cabelos. E realmente, Tom, não podemos deixar que todos esses pequenos lá em cima roubem o seu novo look fantástico.

Ele deu uma risada tímida.

— Você sabe que não tem que cortar tudo fora para fazer isso.

— Sei. Mas eu acho que eles querem, pelo menos, dez polegadas. De qualquer maneira, vai ficar muito, muito curto, então é melhor que eu corte tudo.

— Faça tudo ou vá para casa?

— Você entendeu. Faça tudo ou vá para casa

— Você disse que tinha duas razões. Qual é a outra?

Cassie sorriu, sabendo que ele não poderia ver através da máscara que ela tinha que usar, quando estava com ele.

— Se você acha que isso é estúpido, diga-me e eu não vou fazê-lo. Mas pensei que talvez... bem, toda vez que você ver a minha cabeça careca, vai ser como um grande sinal de néon piscando “eu te amo”. Vai lembrá-lo que nossas almas estão entrelaçadas... que meu coração bate com o seu. E um dia, quando tudo passar e meu cabelo estiver longo novamente, será um símbolo de triunfo.

Ele desviou os olhos por um momento. Quando virou a cabeça de volta para ela, tinha lágrimas em seus olhos, mas ele tinha no rosto o grande sorriso bobo que ela adorava e não via há dias.

— Não é estúpido, Cassie. Eu acho que o grande sinal de néon seria ótimo. — Então ele disse — Eu vou te amar para sempre, Cassie.

— Para a lua e além, Tom — ela respondeu, como sempre fazia quando ele dizia isso.

Assim, no dia seguinte, ela teve a cabeça raspada e Tom adorou.

Duas semanas depois, ele morreu por complicações do transplante.

Deus, ela sentia muita sua falta. Enxugou as lágrimas do rosto com os nós dos dedos, para não manchar sua maquiagem, embora tivesse mudado para o rímel à prova d'água, meses atrás, por esta mesma razão.

Tom tinha sido o seu normal. Ele era a vida que ela desejava, a vida que tinha sonhado.

Sua família não sabia sobre ele e era assim que ela queria. Ele tinha sido seu segredo desde o primeiro ano.

Ele era um segredo difícil de manter. Seu pai era Sanford Calloway, bilionário proprietário de Calloway Technologies, um dos mais ricos, e mais poderosos homens do mundo. Sua mãe também tinha um pedigree impressionante. Ela nasceu Alexandra Wren, a única filha de Jonathan Davis Wren, um dos empresários mais bem-sucedidos do século XX.

Cassie tinha os chateado regimento, optando por participar de uma universidade pública normal para estudar história e literatura. Seu pai finalmente concordou em deixá-la ir, mas insistiu no detalhe de segurança. Cassie implorou aos homens pagos para protegê-la que não contassem a seus pais sobre Tom. Eventualmente, ela recorreu ao suborno. Ela tinha uma conta substancial, em algum lugar perto de vinte e cinco milhões, deixada a ela por seu avô, Wren. Não demorou muito tempo para aprender que algumas centenas de milhares compravam discrição.

Todo este esforço não era porque ela tivesse vergonha de Tom. Pelo contrário, era para impedi-lo de ser ferido. Ela temia que se sua família descobrisse sobre ele iria mastigá-lo e cuspi-lo, mas só depois de ter passado toda a sua vida por um microscópio. Francamente, mesmo com tanta dor que tinha agora ao ser afastada de sua família, isso fazia algumas coisas mais fáceis. Ela já não tinha que defender todas as decisões que fazia sobre sua vida, *ad infinitum*¹, e seu pai tinha retirado sua segurança.

Eventualmente, contara a Tom sobre sua família. É difícil esconder um detalhe de segurança, até mesmo um muito discreto, do homem que se está namorando. Mas manteve sua vida privada em segredo de todos os outros, pois nunca tinha se sentido confortável em ser Cassandra Wren Calloway, preferindo ser, simplesmente Cassie, Wren.

¹ NT: Ad Infinitum – Latim: Ao Infinito.

E neste momento, Cassie Wren precisava chegar no térreo para o início de seu turno de garçoneiro. Ela nunca se atrasava.

Ela adorava Michael, o proprietário do Hooked. Michael era outro pouco de normalidade em sua vida. Ele era tanto seu chefe quanto seu senhorio. Por causa dele, ela tinha um emprego, um lugar para viver e era capaz de pagar suas contas com seu próprio dinheiro. Ela preferia deixar sua poupança de lado, se possível. Desceu correndo os degraus de trás e que dava acesso a sala principal da taverna abaixo.

Hoje, talvez mais do que na maioria dos dias, Cassie precisava ver o enorme, sorriso caloroso de Michael, e ela não ficaria desapontada. Ele era um cara grande, de quase sessenta anos e era o mais gentil, mais trabalhador e simplesmente maravilhoso homem que ela conhecia. Ele era certamente mais como um pai para ela do que seu próprio pai. Uma das garotas com quem trabalhava gostava de dizer: Seu coração é tão grande quanto o seu traseiro. Mas, na verdade, Cassie sabia que era muito maior.

— Hey, esguicho, você está bem?

— Sim, Mike, eu estou bem.

— Você me diria se não estivesse?

— Claro que sim — respondeu Cassie, mas ela provavelmente não diria. Hooked era bem-sucedido, mas só porque Mike trabalhava como um cão para torná-lo assim. Ela não estaria disposta a dar-lhe qualquer outra coisa com que se preocupar.

Normalmente as noites de Domingo não eram as mais agitadas, mas durante o verão, todas as noites eram lotadas. Para piorar a situação, a outra garçoneiro, Alicia, tinha ido para casa mais cedo, porque o bebê estava doente. Cassie teve que trabalhar com as mesas extras, por isso não tinha parado durante toda a noite e estava exausta. Aos domingos, Hooked

revelar este amor. Então, não, você não frequenta igreja, mas mostras compaixão para com todos.

— Eu não sei do que você está...

— Mas eu sim. Posso ver o que está em seu coração, Cassie. Posso ver as bênçãos que trazes aos outros, grandes e pequenas. Alguns são aparentemente tão inconsequentes que os esquece assim que faz.

Cassie sorriu para ela.

— Mesmo se fosse verdade, como você pode saber tudo isso? Nós acabamos de nos conhecer.

— Eu sei, moça, porque observo. Tenho visto toda sua vida.

Ah, não! Essa mulher descobrira quem era ela?

— Uh... você sabe quem eu sou? É isso que você está tentando me dizer? — Se o que ela precisava era de ajuda financeira, Cassie tentaria lhe ajudar.

A anciã riu.

— Na verdade, eu sei exatamente quem você é e eu não preciso de qualquer ajuda financeira, mas é bonito que estejas disposta a ajudar. Não, eu não estou falando sobre o seu nome ou a família em que você nasceu. Eu não só sei quem és como conheço até sua alma.

Essa foi a coisa mais ultrajante que alguém já tinha lhe dito, mas no instante em que as palavras saíram da boca da anciã, Cassie sentiu-se envolta em um calor que nunca antes experimentara. Ela soube que Gertrude acreditava no que dizia, mas Cassie simplesmente não conseguia entender.

— Como isso é possível?

— Eu gosto muito do fato de você não ter dito: “isso é *impossível*” ou “ninguém me conhece tão bem” ou algo similar. Assim deixaste um espaço

para a chance de que isso seja verdade e isso é outra coisa na qual és única. E sendo assim, como seu coração é gentil e sua mente aberta, eu vou lhe dizer quem eu realmente sou, e porque sei muito sobre você.

— Okay. Quem é Você?

Ela sentou-se um pouco mais reta, cruzando as mãos sobre a mesa à sua frente.

— Eu sou um espírito imortal.

Capítulo 2

Ei, ei, ei. Cassie não poderia ter ouvido que corretamente.

— Sinto muito, o quê?

— Não me ouviste mal, moça. Eu disse que sou um espírito imortal. Eu existo desde o início dos tempos, desde os primeiros momentos da criação.

— Não tenho certeza se estou entendendo o que você quer dizer.

— A maioria das pessoas têm um pouco de dificuldade com isso. Os seres humanos gostam de nomear as coisas. Achem que conseguem entender melhor, quando algo tem um nome. Então, ao longo da história nos foi dado nomes diferentes. Entre eles estão: anjo, fada, musa, guia do espírito, mensageiro, espírito elementar, um dos antigos, ou um servo do Divino. E nós somos todas essas coisas, e nenhuma delas, porque toda a linguagem humana é dolorosamente imprecisa e a compreensão humana é limitada. Não há uma palavra que resuma a nossa verdadeira natureza. Então fique à vontade para escolher o nome que melhor lhe agradar.

Cassie fez uma careta.

— Eu certamente não sei o que alguns desses representam e não acredito em muitos dos que eu entendo. Mas acredito em anjos. Ou pelo menos quero acreditar.

— Então que seja anjo. No entanto, mais importante do que ser capaz de dar à algo um nome é ter a capacidade de compreender o seu propósito.

— Eu sempre pensei que anjos fossem protetores.

— Sim, de certa forma são. Mas isto realmente não capta o grande esquema de tudo.

— Então qual é o seu propósito?

— É bastante simples, realmente. Nosso propósito é orientar os seres humanos e ajudá-los a discernir a vontade do Criador. Todos recebemos habilidades e ferramentas para ajudar. Você já viu duas das minhas. Eu posso ir e vir despercebida... essencialmente Eu não sou sempre visível para todos. As pessoas só me veem se elas precisam. Mike pensou que estivestes usando o “majestoso nós” porque ele não podia me ver.

— Oh. — Cassie não sabia o que dizer sobre isso. Mas, certamente parecia como se Mike não soubesse que ela estava lá. — Que outro dom tenho visto?

Gertrude sorriu.

— Eu tomo ciência de detalhes que preciso saber, tais como: seus pensamentos e reações às coisas que eu disse são frequente entre eles.

Cassie teve dificuldade em acreditar no que estava ouvindo e estava firmemente convencida de que uma das duas estava louca – *e pode ser que seja eu.*

— Não, moça, você certamente não está *louca* e nem eu.

— Uau. Você realmente sabe o que eu estou pensando.

— Sim, eu sei. Pelo menos, às vezes eu sei.

— E você pode apenas andar ao redor ouvindo os pensamentos das pessoas?

— Não. Eu só sei coisas quando eu preciso sabê-las. Se eu não preciso saber dos pensamentos de alguém, eu não os ouço.

— Mas por que você precisa saber dos pensamentos de alguém?

— Bem, como eu disse, o nosso objetivo é ajudar os humanos a entenderem o que o Criador deseja para eles. Às vezes, conhecer os seus

pensamentos me ajuda a cumprir minha missão. Geralmente, eu sei e posso fazer o que for necessário, enquanto eu seguir três regras.

— Quais são elas?

— Eu não posso mentir. Não posso quebrar uma promessa. E, acima de tudo, eu não posso interferir no livre arbítrio de um ser humano.

Cassie fez uma careta.

— E se você não pode aderir a uma regra sem quebrar outra?

— Me dê um exemplo.

— Bem, e se você prometer manter alguém longe de se machucar, mas então essa pessoa escolhe se jogar de uma ponte? Se você salvá-la, você estará interferindo em seu livre arbítrio e se você não o fizer, você estará quebrando sua promessa.

Ela sorriu.

— Essa é uma boa pergunta com uma resposta muito fácil. Eu simplesmente sou incapaz de fazer uma promessa que não vou cumprir. As palavras não poderiam sair de meus lábios. E para ser justa, não faço muitas promessas. Como podes ver claramente, elas são perigosas.

Cassie balançou a cabeça, um pouco confusa.

— Eu realmente não entendo nada disso, mas por alguma razão maluca, eu acredito em você.

O rosto de Gertrude se torceu em um sorriso tão cheio de amor, que mais uma vez, Cassie sentiu-se cercada por calor.

— Estou contente que creia em mim. Eu sabia que o faria.

Cassie sorriu.

— Obrigada pela visita. Não começou sendo um grande dia e você definitivamente o fez melhor.

— Minha querida moça, minha visita não era o presente. — Ela riu. — Apesar de que penses que sim, é simplesmente encantador.

Cassie não pôde deixar de perguntar.

— Por que você me escolheu para dar este presente?

— Esta é uma questão muito boa. E quase ninguém pergunta. Mas estou feliz que tenhas perguntado. O fato é que, às vezes há luzes tão brilhantes, que eu não posso ignorá-las. Como eu já disse, tens um tipo, gentil por natureza. Eu sei que, apesar de sua própria mágoa, abris livremente o coração e dá aos outros. Você quis se livrar de mim esta noite e descansar um pouco, o que é muito necessário. Mas não o fez.

— Como você sabe disso? — Cassie sorriu e deu uma risadinha. — Oh, bem, é um de seus dons.

— Sim. Mas o ponto é, você sempre coloca as necessidades dos outros em primeiro lugar e sempre o fará. É simplesmente quem és. É por isso que sua alma é tão brilhante. E, no entanto, muitos dos que estão destinados a lhe amar estão completamente cegos para isso. Como resultado, no momento, você está um pouquinho abatida. Eu costumo ter uma razão para oferecer a alguém o presente que vou lhe dar. Muitas vezes é porque há algo que precisam descobrir ou fazer onde estão. Mas esse não é o seu caso. Eu estou oferecendo este presente, apenas porque quero que você o tenha. Apenas lhe dar é suficiente. Eu quero que você saia da tristeza que lhe cerca.

Cassie estava sem palavras que soltou um suspiro longo e lento.

—Uau.

Gertrude riu.

— Exatamente meus pensamentos.

Cassie sentiu-se corar.

— Estas são, realmente, palavras muito gentis. Honestamente, só de ouvir alguém dizer essas coisas já é um presente maravilhoso. Especialmente quando esse alguém é um anjo que não pode mentir.

Gertrude riu novamente.

— Você é verdadeiramente graciosa, Cassie, mas isso também não é o presente. Meu presente para você é o tempo. — Ela deslizou o relógio de bolso do outro lado da mesa.

— É adorável. Mas parece muito valioso e eu realmente não preciso dele.

— Na verdade, é inestimável. E não é exatamente o que parece ser.

— Não é um relógio de bolso?

— É, mas é muito mais. É um canal para viagem no tempo.

— Viagem no tempo? — Essa era a última coisa que Cassie estava esperando ouvir. — Isso é possível?

— Sim, é possível. O tempo pode dar um loop de volta sobre si mesmo e as pessoas podem atravessar de uma hora para outra. Ou, mais precisamente, as almas podem. Quando alguém aceita o relógio, eles têm a oportunidade de trocar almas com outra pessoa.

Cassie ficou surpresa.

— Como?

— É muito simples. A pessoa que aceita o relógio diz uma palavra antes de ir para a cama. Esta palavra será usada para retornar ao seu próprio tempo. Então, o viajante do tempo coloca o relógio de bolso ao redor de seu pescoço ou em um bolso, e vai dormir. E acordará no corpo de outra pessoa, mas com sua própria alma e consciência, e eles terão até sessenta dias para experimentar essa vida.

Ela abriu o relógio.

— Como podes ver, o relógio de bolso tem apenas um ponteiro. Ele avança um segundo a cada dia que uma alma está no passado. Essa pessoa pode regressar ao seu próprio corpo, a qualquer momento durante os sessenta dias, dizendo a palavra. Eles nem sequer tem que ter o relógio de bolso consigo.

Cassie fez uma careta.

— O que acontece com a outra alma?

— Como eu disse, é uma troca.

— Então, essa pessoa recebe sessenta dias na minha vida? Estou bastante certa de que não vai gostar.

Gertrude sorriu.

— Não, não é isso que acontece. É uma troca, mas não uma troca igual. Especificamente, o tempo não é igual em ambos os lugares. Para cada dia que os viajantes do tempo experimentam na vida que eles assumem, apenas um segundo passa na que deixam.

A carranca de Cassie se aprofundou.

— Oh! Então, depois de retornar, a outra pessoa acorda sessenta dias depois, sem se lembrar do que aconteceu?

Gertrude balançou a cabeça tristemente.

— Não, moça. Entenda que, para que ocorra a troca, a outra pessoa vai ter feito algo que traria a sua própria morte. O viajante do tempo vai fazer alguma coisa para mudar isso, pelo menos temporariamente. No entanto, a vida da outra pessoa está acabada. Quando o viajante do tempo retorna ao seu próprio tempo, o corpo da outra pessoa vai morrer e sua alma vai seguir em frente.

— Mas e se o viajante do tempo não quiser voltar? Existe uma maneira para ficar?

— A todo mortal é dado tempo e o livre arbítrio. Eles fazem escolhas a cada dia. Milhares, milhões, bilhões de escolhas na vida. E mesmo que não percebam isso, cada escolha tem consequências, boas e más.

Cassie suspirou tristemente.

— E mesmo uma boa escolha pode terminar uma vida.

— Na verdade, sim. Assim como você pode ver, a vida de um acaba, a de outro, não. O presente que alguém que usa o relógio de bolso tem, é o tempo. A oportunidade de experimentar outra vida.

— Compreendo.

— Você compreendeu as noções básicas de como o relógio de bolso funciona?

Cassie assentiu.

— Eu acho que sim.

Gertrude deu ao relógio outro pequeno empurrão em direção a Cassie.

— Então quer tentar?

— Se quero viajar através do tempo?

— Sim.

— Eu só vou embora daqui um minuto no máximo?

— Sim, a menos que você decida ficar.

— Eu não acho que eu possa fazer isso. Pobre Mike. Ele viria amanhã e me encontraria morta. Não, eu não quero que ele tenha que lidar com isso.

— Você pode voltar a qualquer momento durante os sessenta dias.

— Podes me dizer onde eu estaria indo?

— Se você escolher aceitar o relógio, vou esclarecer alguns detalhes. Normalmente não faço isso, mas desta vez é um pouco diferente e eu tenho alguma margem de manobra.

— E mesmo que eu aceite o relógio, não sou obrigada a usá-lo?

— Não, você não será. A escolha é completamente sua.

Cassie olhou para o relógio. Viajar para outro momento. Experimentar uma outra vida. Seria uma aventura. E talvez quando ela voltasse já teria passado tempo suficiente.

Talvez seu coração não doesse tanto.

Talvez ela pudesse seguir em frente.

Finalmente, ela suspirou e olhou para cima.

— Obrigado, Gertrude. Vou aceitá-lo.

Gertrude sorriu e colocou o relógio na mão de Cassie.

— Excelente. Agora vou falar um pouco sobre onde você irá. Eu quase nunca faço isso, no entanto seu caso é... único. Mas ao fazê-lo, se você decidir usar o relógio, eu quero sua promessa de que vai direto para a cama e que não fará nenhuma pesquisa no Google para encontrar mais do que você já sabe.

— Okay. Eu prometo.

— Você vai estar indo para a Escócia no ano de 1342.

— Uau. O período medieval? Apenas... Uau.

Gertrude riu.

— Sim, o período medieval...

Cassie fez uma careta.

— Ah, não. Eu pensei que talvez eu estivesse indo de volta aos tempos coloniais ou algo assim, mas não posso voltar tão longe. Eu não poderia falar com ninguém. Nessa época eles falavam gaélico na Escócia. Mesmo

Darach, com sete anos de idade para o treinamento. Você entende o que isso significa?

— Eu acho que sim. Ele foi enviado para outra casa nobre para aprender a ser um guerreiro?

— Sim. Ele foi enviado para viver e treinar com os MacLeods no continente. E, a pedido de Gavinia, Claire também foi enviada ao continente, para uma viver e ser educada por freiras em uma abadia.

— Oh. Fui enviada para uma escola católica só para meninas, quando eu tinha nove anos. Eu não posso imaginar o que é está sendo enviada para uma abadia medieval.

— Bem, para ser justa, Claire aprendeu a amá-las e as freiras também a amavam. Provavelmente foi infinitamente melhor do que teria sido conviver tendo Gavinia como madrasta. Mas, como resultado, Claire não viu ninguém de sua família em dez anos. Seu pai e Fearchar, seu irmão mais velho, morreram há vários meses, mas isso é outra história. Seu irmão Darach ainda está em formação com os MacLeods, e seu irmão restante, Coll, tornou-se Laird do Clã Morrison.

— Isso é uma coisa boa? — Cassie perguntou timidamente.

Gertrude sorriu.

— Sim, ele é um bom líder. No entanto, ele não estava feliz com Claire simplesmente estando escondida e esquecida em uma abadia. Ele tentou arrumar um casamento vantajoso para ela.

Cassie ficou chocada.

— Oh, meu Deus! Ele está planejando tirá-la de uma abadia protegida e casá-la?

Gertrude riu.

— Não exatamente. Inicialmente, ele só queria conhecer seus desejos, para saber se ela pretendia juntar-se a ordem. Ela respondeu dizendo que ainda não tinha tomado essa decisão. Sendo esse o caso, ele enviou outra carta pedindo-lhe para voltar para casa por um tempo. Ele acreditava que ela deveria experimentar um pouco de vida fora da abadia antes de fazer tal compromisso. E prometeu que se ela passasse vários meses em casa, ele permitiria que ela retornasse e se juntasse a ordem se quisesse.

— Isso parece razoável — disse Cassie.

— Sim, você pode pensar assim. Mas lembre-se, Claire tem apenas dezoito anos e viveu uma vida totalmente protegida durante os últimos dez. Ela realmente não sabe o que quer, mas a ideia de deixar o lugar que ela considera sua casa é impressionante.

— Eu acho que posso entendê-la.

— Tenho certeza que pode, mas os homens medievais não são tão compreensivos. O fato é que Coll é seu laird. Ela essencialmente pertence a ele, e ele tem o direito de tomar decisões por ela. Então, ele enviou outra carta, dando-lhe um ultimato. Ela pode voltar para casa por vários meses, como ele inicialmente oferecera, ou ela pode ir para a casa do homem a quem ele quer que seja seu noivo. Fazer isso lhe permitiria conhecer o homem e sua família.

As sobrancelhas de Cassie se ergueram.

— Caramba. Isso é um pouco como saltar da frigideira para o fogo.

Gertrude riu.

— Você pode pensar assim, mas realmente é uma gentileza. Muitas mulheres nobres não tinham voz nenhuma quanto a escolher com quem elas se casariam e nem ao menos podiam conhecer o seu futuro marido, até o dia do casamento.

— A abadessa. Veja, Laird Morrison tinha o hábito de enviar uma
de doação para a abadia nos meses de abril e setembro de cada ano,
garantir que sua filha fosse bem cuidada e tivesse tudo o que fosse
necessário para uma vida confortável.

— Não, não até que Claire tentasse a vida fora da abadia, pelo menos por um tempo. Sem esses fundos, a Abadessa seria obrigada a mandá-la para casa.

— Se ela quisesse fazer votos, normalmente seu dote seria dado à abadia. Mas, digo novamente, Coll se recusava a fazer isso a menos que ela concordasse em deixar a abadia por alguns meses. Ele pensava, e ele estava certo, que qualquer decisão que ela fizesse seria baseada no fato de que tinha medo de sair e não porque queria realmente fazer votos. Por tudo que estava em jogo, a Abadessa concordou.

— Ela planeja fugir da abadia e se esconder na floresta por um tempo. Espera que, quando retornar seu irmão perceba que ela não quer ir para se casar ou, verdade seja dita, tomar os votos religiosos. Ela quer que continue como tem sido.

A expressão de Gertrude se tornou triste.

O Presente – Ceci Giltenan

Na verdade, o meu coração se parte por ela. Nenhuma moça merece ser mandada embora e esquecida. Mas, como sabes agora, eu não posso interferir em seu livre arbítrio. O que posso fazer é deixar esta escolha longe dela e dá-la a você .

— O que devo fazer?

Gertrude riu.

— Quando chegares lá, basta ir para a cama. Você será despertada muito antes do amanhecer para as orações. Quanto à questão maior, eu não posso interferir em sua decisão também, minha querida. No entanto, se você for para a casa do noivo de Claire, você não precisará dar qualquer desculpa por não conhecer ninguém. Se você for para a casa de Claire, será estranho se você não lembrar de certas pessoas, mas pode-se explicar se essa é sua escolha. De qualquer maneira, você será inteligente o suficiente para descobrir como se dar bem no século XIV.

Isso tudo era tão incrível, Cassie não estava completamente certa de que pudesse acreditar. Mas, se ela tentasse e não funcionasse, não seria grande coisa. E se funcionasse... bem, ela tinha que tentar.

— Ok, Gertrude. Eu vou fazer isso.

Gertrude sorriu.

— Bom. Estou certa de que você ficará feliz por fazê-lo. Apenas certifique-se de escolher uma palavra que não seja propensa a dizer por acidente.

— Que tal... — Cassie olhou ao redor, seus olhos pousando sobre os tapetes de cerveja da National Bohemian sob os copos de água, e ela sorriu.

—Que tal Natty Boh?

Gertrude arqueou uma sobrancelha.

— Natty Boh?

Cassie apontou para a cerveja no tapete.

— Natty Boh. National Bohemian. — Ela sorriu e deu de ombros. — É uma coisa de Maryland.

Gertrude riu.

— Perfeito.

— Existe alguma coisa que eu precise saber?

Gertrude inclinou a cabeça.

— É sempre uma boa ideia lembrar que o universo se desenrola como deveria. Agora, você precisa ir para a cama. — Ela levantou de seu assento e abriu os braços. — Dê-me um abraço, docinho.

Cassie o fez, e mais uma vez foi preenchida com profundo carinho e uma enorme sensação de que tudo estava bem com o seu mundo.

— Vou ver você de novo?

Gertrude sorriu.

— Só o tempo dirá, moça. Só o tempo dirá.

Cassie riu.

— Deixe-me colocar os copos no lugar. Vou ter que abrir a porta para deixá-la ir. — Ela levou os copos até a estação do ajudante de garçom e colocou-os em uma das grandes caixas cinzentas. — Agora — ela se voltou para Gertrude, mas a anciã tinha desaparecido.

Cassie olhou para o relógio na mão, e disse

— Isso realmente não deveria ter me surpreendido, deveria? — Então ela riu de si mesma por falar com o relógio enquanto subia as escadas para o seu apartamento. Era bem depois da meia-noite e ela estava exausta.

Ela entrou em seu quarto, viu seu laptop na mesa e riu. Estava muito cansada para fazer qualquer pesquisa no Google de qualquer maneira, mesmo que Gertrude não tivesse dito que não o fizesse. Mas ela não podia

ir para a cama depois de uma noite de trabalho no bar sem tomar um banho rápido. Ainda assim, ela estava pronta em cinco minutos. Começou a pegar uma camiseta velha para dormir, mas parou. Ela realmente não achava que decidiria ficar no século XIV... mas apenas no caso, ela colocou um par de pijamas agradáveis.

Em seguida, quando estava subindo na cama, pensou em outra coisa. E pegou a chave de sua caixa-forte na mesa de cabeceira, abriu a caixa que estava sob sua cama, tirou alguns papéis e os colocou sobre a mesa antes de colocar a caixa de novo.

Ela colocou a cadeia do relógio em volta do pescoço e foi para a cama.

— Ok, aqui vamos. Minha palavra de retorno é Natty Boh. — Então ela enrolou-se para ir dormir.

Capítulo 3

Abadia de São Avoca, Glen Elg

As primeiras horas da manhã, 12 de agosto de 1342

Claire Morrison sentou-se em seu quarto, com a cabeça entre as mãos, sem conseguir dormir. Ela não sabia o que fazer. Por que não poderia o irmão apenas deixá-la sozinha? Ela gostava de viver na abadia. Ela podia ler ou pintar o conteúdo do seu coração. Estava aprendendo a tocar o clarsach⁴. Ela amava a vida aqui.

Seu pai e Fearchar, seu irmão mais velho, morreram há quatro meses. Provavelmente era pecaminoso, mas ela não tinha derramado uma lágrima por qualquer um deles. Como ela podia lamentar por alguém que realmente não conhecia?

Ela não tinha memórias de Fearchar. Ele foi embora para treinar com Laird Fraser quando ela era um bebê e ela tinha sido enviada para a abadia, antes que ele voltasse em casa.

Seu irmão Coll era laird agora, mas ela só tinha vagas lembranças dele. Ele foi enviado para treinar com Laird MacCauley quando ela tinha seis anos.

Ela tinha lembranças maravilhosas de seu doce irmão mais jovem, Darrach. Ela o adorava. Ele era apenas um ano mais novo do que ela e tinham sido inseparáveis durante a maior parte de seus primeiros dias de vida.

Claro que ela se lembrava de seu pai. Quando pequenina, ela o amava com tudo o que tinha, e acreditava que ele também a amava. Mas ele casou novamente, quando Claire tinha oito anos, tornou-se claro que ele não a

⁴ NT: Clarsach – é uma harpa celta.

amava. Não de verdade. Quando sua nova esposa não quis ser incomodada por seus filhos, Claire e Darrach tinham sido mandados embora. Darrach começou o treinamento com os MacLeods e Claire tinha sido enviada para a abadia para ser educada.

Lembrou de ter implorado e suplicado para deixá-la ficar em casa. Mas ele a ignorou. Ela foi levada de barco de sua casa em Lewis até o porto em Loch Alsh e viajado, em seguida, por terra, a metade de um dia, em direção ao sul, até a Abadia de Saint Avoca.

Quando ali chegou, ela orou incessantemente para que seu pai sentisse sua falta tanto quanto ela sentia dele, e viesse buscá-la.

Ele nunca o fez.

Um par de guardas apareciam, pelo menos duas vezes por ano, com uma oferta considerável para a Abadia, destinada a pagar por seu cuidado e educação. Mas nunca houve nem mesmo uma nota mais breve de seu pai. Claro, ela não podia ler quando chegara, mas uma vez que aprendera, ficara muito orgulhosa de sua conquista. Ela escreveu cartas para ele muitas vezes. Ainda assim, depois de um ano ou mais sem respostas, ela parou. Ela nunca viu seu pai ou irmãos novamente.

Mas uma vez que perdeu a esperança de algum dia voltar para casa, começou a amar a Abadia e as freiras que viviam ali. Elas eram sua verdadeira família.

Ela adorava tanto a abadia, que depois que completou dezoito anos em janeiro, passou muitas horas em oração tentando discernir se essa era sua vocação, se estava destinada a fazer votos e juntar-se às irmãs que tornaram-se tão queridas para ela. E, no entanto, depois de todas as suas contemplações, ainda não tinha certeza se estava pronta para assumir esse compromisso, mas isso não significa que queria sair.

Agora, tomar os votos não era sequer uma opção.

Claire voltou a pensar na discussão que tivera com a Abadessa na tarde anterior.

Quando Claire recebera a mensagem de que a Abadessa queria vê-la, ela ficara nervosa, preocupada que Coll tivesse enviado outra carta.

Depois de anos sem ter ouvido nada sobre sua família, ela havia recebido quatro mensagens dele desde abril. A primeira foi simplesmente para deixá-la saber que seu pai havia morrido. A segunda informou-lhe que Fearchar também estava morto e que Coll era o Laird do Clã Morrison. Na terceira carta, Coll perguntou se ela pretendia tomar os votos santos. Após essa carta, ela escreveu uma breve mensagem para dizer que não tinha tomado essa decisão ainda. Talvez tenha sido um erro, porque em sua última carta sugeriu que ela voltasse para *casa* por um tempo, uma vez que não estava planejando fazer votos imediatamente.

Casa? O Castelo Morrison? Não, não era a sua casa e não tinha sido por dez longos anos. Então, ela não perdera tempo ao enviar-lhe uma carta dizendo que preferia ficar em Saint Avoca enquanto tentava discernir a sua vocação.

Ela tinha estado de pé no corredor do lado de fora do escritório da Abadessa há muito tempo se preocupando com essas coisas. Sabendo que a inação não ia resolver seus medos, ela finalmente criou a coragem de bater na porta.

A Madre tinha respondido.

— Ave.

Claire tinha entrado e se curvou.

— Boa tarde, Reverenda Madre. Você chamou por mim?

— Sim, Claire. Por favor, sente-se.

A Madre ergueu uma mão.

— Não, Claire. Se queres tornar-se uma de nós, deves aprender a ter paciência e obediência. Me ouça....

Claire inclinou a cabeça.

— Sinto muito, Reverenda Madre. Eu vou escutar.

— Como eu estava dizendo, o plano de seu irmão tem mérito. Você mesma me disse há alguns momentos, que não sabe o que Deus está lhe chamando a fazer. E se meses de oração e meditação não fizeram Sua vontade clara. Passar o tempo em um ambiente diferente pode ajudar. E seu irmão deu-lhe duas opções.

— Ele não quer apenas que eu vá para o Castelo Morrison?

— Isso é certamente uma opção. Mas ele me diz que, recentemente, tem conversado com o Laird Ranald, sobre um noivado entre você e Tavish, seu filho mais velho e herdeiro.

— Um noivado? — Claire tinha praticamente gritado. — Eu não quero me casar.

— Claire Morrison, controle sua língua e ouça o que tenho a dizer.

Repreendida, ela baixou a cabeça novamente.

— Sim, Reverenda Madre. Eu sinto muito.

— Laird Morrison só está discutindo a possibilidade com Laird Ranald. Nada foi decidido ainda. Mas ele está dando-lhe a oportunidade de conhecer os Ranalds. Se você não deseja ir para Castelo Morrison, pode ir ao Castelo Ranald. É na costa, ao sul daqui, mas não completamente para a Ilha de Mull.

Claire respirou profundamente.

— Reverenda Madre, eu não quero fazer nenhuma dessas coisas. Eu quero ficar aqui. Talvez seja Deus fazendo Sua vontade clara para mim. Vou levar o meu santo voto.

Foi quando veio o golpe final. A Madre sacudiu a cabeça tristemente.

— Sinto muito, minha criança, isto não é uma opção. Se você ficar aqui contra a vontade do Laird Morrison, ele deixará de fornecer apoio financeiro para você. E, se optares por fazer votos sem gastar alguns meses longe da abadia, ele não nos dará seu dote. Mas, além de tudo isso, eu não acredito que Nosso Senhor queira que você tome os votos sagrados por desespero. Essa decisão deve ser tomada com calma e com amor.

— Então, você está dizendo, que tenho que partir?

— Sim, criança. Não para sempre, se fazer votos for sua decisão final. Mas você tem que sair por um tempo. Você pode retornar para a casa de sua família, ou pode ir para o Castelo Ranald.

Talvez ela pudesse, apenas, adiar um pouco as coisas.

— Então, eu vou pensar em tudo e orar por orientação ao longo das próximas semanas.

A Madre lhe dera um pequeno sorriso triste.

— Sinto muito, Claire. Você pode orar sobre isso esta noite, mas deve tomar sua decisão pela manhã. Seu irmão enviou guardas para lhe escoltar a qualquer lugar você decidires. Você partirá de manhã cedo para o porto, onde um navio Morrison espera para levar-lhe ao destino que escolha.

— Eu tenho que sair amanhã?

— Sim. Irmã Mary Felicity vai ajudar-lhe a embalar suas coisas. Além dos guardas, Angus vai com você até o porto para colocar suas malas e engradados no vagão.

Claire estava atordoada. Ela correu ao redor da mesa e se ajoelhou aos pés da Madre.

— Reverenda Madre, eu não quero fazer isso. Eu não posso sair. — Ela levantou o rosto para a Madre a quem amava como uma mãe. — Por favor, Reverenda Madre, deve haver uma outra maneira. Por favor, deixe-me ficar.

A anciã embalou o rosto de Claire em suas mãos.

— Oh, minha doce criança, eu também não quero deixar você partir. Mas seu Laird exige. E eu sei disso. Depois que você nos deixar por um tempo, se decidir voltar, será porque encontrou o profundo amor de Deus necessário para tomar os votos. Se você decidir ficar no castelo Morrison, será porque você encontrou o amor de sua família novamente. E, se decidir aceitar o noivado com Tavish Ranald, será porque você encontrou o amor de um homem bom. Cada resultado possível é maravilhoso à sua própria maneira.

Lembrar as palavras da Madre agora trouxe lágrimas aos olhos de Claire. Ela sabia que eram verdadeiras. Mas cada resultado possível significava que ela tinha de deixar a abadia pela manhã e ela simplesmente não estava pronta para fazer isso.

Ela olhou ao redor da câmara. Tudo estava banhado no brilho suave da luz da lua. Suas roupas e pertences tinham sido embalado e colocado no vagão, pronto para ir na primeira luz. Tudo o que restava na sala eram os móveis e as roupas de viagem. Esta era sua casa. Ela tinha vivido aqui por mais tempo do que no castelo Morrison. Ela não deveria ter que sair. Assim não.

Ela foi até a janela e olhou para fora, além do pátio e dos jardins, para as florestas além de suas paredes. E então lhe veio a ideia. Ela poderia fugir

por um tempo. Poderia se esconder nas florestas. Era agosto, havia uma abundância de plantas comestíveis a serem encontradas. Ela não teria que ficar longe para sempre. Apenas tempo suficiente para que o irmão percebesse que não deveria forçá-la a sair de casa. Sim, isso iria funcionar.

Com essa decisão, ela atravessou o quarto, e colocou a túnica, meias, sapatos e o plaid que estava planejando usar no dia seguinte. Ela abriu a porta do quarto com a intenção de espiar o corredor.

~ * ~

Cassie acordou instantaneamente e assim como Gertrude tinha dito, ela estava em um corpo diferente. Era meia noite, ela estava completamente vestida, e sua mão estava em uma pesada porta de madeira.

— Oh, Claire. — Cassie disse com tristeza, sua voz soando estranha. — Eu sinto muito. — O livre arbítrio sendo o que era, Cassie esperava que Claire tivesse mudado de ideia no último minuto. Mas, claramente, não era assim. O único consolo de Cassie era que a menina tinha sido poupada de um destino terrível.

Ela gentilmente fechou a porta, tirou as roupas e vestiu uma roupa de baixo que sabia ser chamado de chemise. O relógio de bolso estava pendurado fortemente no pescoço. Decidiu então que era melhor mantê-lo assim por um momento. Olhando em volta para o quarto de Claire, ela beliscou seu braço apenas para convencer-se de que isso era real.

— Eu realmente estou aqui. — Ela sabia que deveria ir dormir, mas ela não podia deixar de ir até a janela e olhar para fora. A lua lançava uma luz pálida sobre os terrenos da Abadia e das montanhas além. Ela olhou para os céus e simplesmente ficou maravilhada com as estrelas. Vivendo em meio a poluição luminosa moderna, ela nunca tinha visto um céu tão

cheio de estrelas. As lágrimas encheram seus olhos. — Obrigada, Gertrude — ela sussurrou. Então, assim como Gertrude tinha instruído, ela subiu na cama e foi dormir.

Muito cedo, ela acordou com um toque suave em sua porta.

— Claire, querida, vista-se e se junte-se a nós para os Laudes antes de sua partida.

Os olhos de Cassie se abriram. *Laudes*? Ela ficou confusa por um momento até que lembrou do relógio de bolso e que ela estava em uma abadia do século XIV.

Oh, certo. Laudes fazia parte do Ofício Divino, a Liturgia das Horas. Era um conjunto de orações e salmos que eram dito antes do amanhecer. Vestiu-se rapidamente, envolvendo-se com a roupa quente que se assemelhava a um cobertor, ao redor de seus ombros, contra o frio da manhã. Entrou no corredor e juntou-se a procissão de freiras silenciosas.

Isso foi nada menos que incrível. Ela estava caminhando pelos corredores de uma abadia medieval, indo para as Laudes com as freiras. E depois ela estaria em uma aventura.

As Laudes eram lindas. Cassie realmente não tinha ido à igreja desde que se formou no colegial. Talvez fosse parte de sua rebelião. Ela sorriu, pensando que provavelmente iria compensar por todas aquelas missas ignoradas, agora. Ela sabia que as vidas medievais giravam em torno da Igreja. Ainda assim, não a incomodava. Esta manhã, ela gostara bastante da liturgia. Tinha esquecido a paz que poderia se encontrar na adoração.

Após a liturgia terminar, a mulher mais velha que havia liderado as orações se aproximou de Cassie e a abraçou.

— Bom dia, Claire.

Claire tinha ouvido tratarem-na como “Reverenda Madre” então ela acreditava que era seguro.

— Bom dia, Reverenda Madre.

— Você está menos chateada esta manhã?

— Sim — disse Cassie.

— E tomou sua decisão, criança?

Droga, ela havia esquecido e ainda não havia. Mas Gertrude tinha feito um bom ponto ao falar que ir para o Castelo Ranald seria mais fácil em alguns aspectos, porque de qualquer forma lá ela não conhecia ninguém lá.

A Madre inclinou a cabeça, considerando Claire por um momento.

— Você deve ter, pois parece diferente esta manhã. Mais calma.

Cassie balançou a cabeça, sabendo que estava mais diferente do que a cara senhora poderia imaginar.

— Sim, Reverenda Madre. Eu tomei a minha decisão. Irei ao castelo Ranald.

A velha mulher sorriu e acenou.

— Eu acho que é uma excelente escolha. Vai dar-lhe a oportunidade de ver o que seria esperado de você como a esposa de um Laird e determinar se quer enfrentar esse desafio.

Cassie sorriu.

— Reverenda Madre, o que já você diria se eu tivesse dito que a minha escolha era ir para Castelo Morrison?

A mulher sorriu maliciosamente e assentiu.

— Você é muito inteligente, minha criança. Eu teria dito: "eu acho que é uma *excelente* escolha. Vai dar-lhe a oportunidade de se reconectar com

sua família e clã. Uma vez que chegares em casa, tenho certeza que você sentirá o amor que sempre esteve lá esperando você" .

Cassie riu.

— Foi o que pensei.

A Madre sorriu de volta.

— Bem, na verdade, não há escolha errada. Você acabará por voltar aqui se é onde estás destinada a ficar. Agora, vamos nos juntar as irmãs no refeitório. Vamos ter o nosso desjejum mais cedo do que normalmente porque as irmãs, querem lhe oferecer o adeus.

O café da manhã consistia de caldo de carne, pão e um pouco de queijo e acabou rapidamente. Todas as irmãs abraçaram e desejaram boa sorte a Cassie. Foi um alívio quando percebeu que poderia apenas se dirigir a todas como “Irmãs” e não precisava se preocupar em saber seus nomes.

Depois que todas as despedidas acabaram, a Madre foi para fora com ela. Dois grandes guerreiros esperavam com um homem mais velho e um pouco curvado. Dois cavalos foram selados e um terceiro estava preso a um pequeno vagão.

A Madre disse:

— Eu não sei se lembras destes homens ou não. Eles estiveram aqui algumas vezes. Estes são Sir Gordon e Sir Conan, eles são dois dos guardas de seu irmão. — Ela apontou para cada um deles enquanto os apresentava.

Quase em uníssono disseram:

— Bom dia, Lady Claire.

Um pouco de emoção borbulhou dentro de Cassie. Ela era *Lady Claire*.

— Bom dia, senhores.

Gordon era um homem muito bonito, que parecia estar em seus quarenta e tantos anos. Conan tinha aproximadamente a mesma idade,

mas tinha o que parecia ser cicatrizes de queimadura em um lado de seu rosto.

— Senhores, Claire decidiu ir para Castelo Ranald.

Gordon concordou.

— Bom. Eu acho que você descobrirá que os Ranalds pessoas muito finas. Eu conheci Tavish em várias ocasiões e ele é um bom homem. Estou feliz por você dar-lhe uma chance.

Não tendo certeza do que dizer, Cassie apenas sorriu e acenou com a cabeça.

A Madre se virou para ela.

— Bem, minha criança, é hora de eu dizer adeus também. Vou sentir falta de você, terrivelmente. E independentemente de qualquer que seja sua decisão, eu espero que algum dia você retorne para nós, mesmo que seja apenas para uma visita.

A mulher mais velha reuniu Cassie nos braços para um abraço.

— Agradeço-lhe, Reverenda Madre.

A Madre recuou, limpando rapidamente as lágrimas de suas bochechas.

— Agora, deixe Angus ajudar-lhe sobre o assento do vagão e o monte e você poderá partir.

Uma vez que eles estavam finalmente na estrada, Cassie mal podia conter sua excitação sobre a viagem. Em seu próprio tempo, ela estava trabalhando em seu diploma de Bacharel em História e o período medieval era o seu favorito. Mas para ela, a história nunca tinha sido sobre datas e linhas do tempo à memorizar. Ela adorava compreender os *porquês* – quais climas políticos, econômicos ou sociais levaram a certas coisas. Mas a história social – como as pessoas viviam – era, talvez, o seu tema favorito. E

agora ela estava indo experimentar em primeira mão. Ela queria falar com esses homens, e aprender o máximo que podia.

Finalmente, reuniu coragem suficiente para falar com eles.

— Posso fazer-lhe uma pergunta?

Ela não se dirigiu a qualquer um deles em particular, mas Gordon respondeu.

— Sim, minha Lady, com certeza.

— Quanto tempo vai demorar para chegar ao Castelo Ranald?

— Nós vamos chegar ao porto pouco depois do meio-dia. Um dos navios de seu irmão nos espera lá. Vamos carregar seus pertences e sair na maré alta, que deve ser cerca de três horas depois de chegarmos. Se tirvemos ventos decentes, vai demorar de três a quatro horas para chegarmos ao nosso destino.

Conan disse:

— No entanto, se tivermos ventos flocosos ou completamente parados, pode demorar muito mais tempo.

Gordon fez uma careta para ele.

— Sempre otimista, não é, Conan? Minha Lady, ventos flocosos são leves e variáveis. Você não pode realmente navegar neles. Mas é agosto e desde que estamos navegando à noite, é provável que tenhamos uma brisa que vai nos manter em movimento.

Cassie sorriu. Ela vivia em Maryland e a família de Tom tinha um pequeno veleiro. Então ela entendeu exatamente o que Conan disse. Uma vez eles haviam sido capturados em ventos flocosos em Chesapeake, mas como o barco também tinha um motor, eles não ficaram verdadeiramente presos.

— E uma vez que alcancemos o porto, quanto tempo vai demorar para chegar ao Castelo de Ranald?

Gordon respondeu.

— O Castelo Ranald está perto do mar. Vamos navegar por uma entrada não muito longe e ancorar perto da aldeia. De lá você será capaz de ver o castelo. Depois disso, é apenas uma curta viagem até ele.

— Oh, então, se os ventos estiverem a nosso favor, nós podemos estar lá esta noite?

— Sim, minha Lady, podemos. No entanto, uma vez que seu irmão não sabia se você optaria por ir ao Castelo Ranald ou para casa, seu irmão é incapaz de saber exatamente quando nós seríamos esperados ou mesmo se está indo tudo bem. Então, uma vez que lançarmos âncora, mandarei um mensageiro até o castelo para lhe informar que chegaremos amanhã. E esta noite ficaremos a bordo do navio.

— Oh — disse Cassie, mas ela não pôde conter um sorriso, pois adorava dormir a bordo de um barco.

Gordon levantou a cabeça e olhou para ela com um pequeno sorriso em seus lábios.

— Minha senhora, você parece feliz, quase animada. Ontem, a Madre nos disse que estava muito chateada com o pedido do seu irmão.

Ela supôs que, nesse aspecto, deveria ter atuado um pouco melhor, pelo menos por um tempo, mas estava animada. *Vá com a verdade, Cassie.*

— Ontem eu estava chateada. A abadia é a minha casa. Eu não estava nada feliz por estar sendo forçada a deixá-la. Mas na noite passada eu tive uma mudança de coração. — *Ou alma.* — Afinal de contas, não é para sempre. Em poucos meses, posso voltar, se quiser. Então decidi olhar para

isso como uma aventura em vez de um aborrecimento e fazer o meu melhor para apreciá-la.

Conan olhou para ela. E parecia estar sorrindo, o que não suavizava muito sua aparência feroz.

— Uma excelente decisão, minha Lady. Nenhuma quantidade de chutes e gritos estaria mudando esta situação. Melhor aproveitar. E você está certa. Se, no final, você decidir que quer voltar à Abadia para tomar os votos, estou certo de que o Laird não vai ficar em seu caminho.

— Ele a ama, minha Lady. Ele e Darach o fazem. — disse Gordon.

Darach era o irmão mais novo que tinha sido mandado embora por volta da mesma época que Claire. Gertrude tinha contado sobre ele.

— Darach terminou seu treinamento com os MacLeods?

— Não — disse Conan. — Mas não é por isso que o Laird não quer que ele volte. Como fizeste com abadia, Darach fez de lá sua casa. Mas ele também está vindo por um tempo.

— Isso é bom. — Cassie não sabia mais o que dizer. Entendia como que era ser deixado de lado por um dos pais. Ela mesma tinha sido passada para babás e, em seguida, para escolas. Mas fora capaz de fazer algumas de suas próprias escolhas uma vez que ela estava mais velha, embora quando o fez, isso sempre pareceu irritar seus pais. Mas parecia que Coll estava tentando ser atencioso com os seus irmãos mais novos.

Depois disso, Conan e Gordon deram-lhe notícias sobre os muitos membros do clã que Claire teria conhecido. Dessa forma, Cassie foi capaz de aprender um pouco mais sobre os Morrisons. Ela lembrou de Gertrude lhe dizer que seria um pouco mais difícil para ela se fosse para onde Claire conhecia mais pessoas, mas teria sido gerenciável. Cassie sabia que poderia

ter fingido o tempo suficiente para descobrir o que fosse necessário se ela tivesse escolhido ir ao Castelo de Morrison.

Capítulo 4

Tavish Ranald tinha problemas para controlar seu temperamento.

— Pa⁵, quando exatamente iria me dizer sobre esse noivado que buscas?

— Eu estou dizendo a você agora.

— Você não acha que tê-lo mencionado antes que a moça em questão estivesse sentada em um navio em nosso porto teria sido mais razoável?

— E por que eu teria feito isso? Toda vez que tenho discutido um possível compromisso com você, durante os últimos dez anos, você encontra uma razão sob o sol para rejeitá-lo.

— Isso é um exagero.

— Não é, filho. Então também, Coll Morrison está preocupado com a felicidade dela e queria dar-lhe a escolha tanto de vir aqui ou não. Ele não tinha certeza de qual seria sua decisão e eu decidi que não havia razão para começar uma discussão com você se ela também não estivesse disposta.

— Eu não entendo. Como podia não saber qual seria sua decisão? Ele é Laird não é? Porque será que ele simplesmente não deu-lhe uma ordem?

— Não é tão simples assim, Tavish. Dez anos atrás, seu pai, o velho Laird, enviou Claire para ser educada em uma Abadia. A Abadia de Saint de Avoca, perto de Glen Elg e ela não tem estado em casa desde então. Coll tentou ser diplomático, mas pelo que pude entender nas entre linhas, a segunda esposa do Laird Morrison quis se livrar dos seus filhos com sua primeira esposa. Ao mesmo tempo, ele enviou seu filho mais novo em formação. Ele tinha apenas sete anos de idade e Claire tinha oito.

⁵ NT: Maneira como Tavish se refere ao pai. – *Pa*, forma encurtada de Papai e Pai.

— Por que ele a deixou lá todo este tempo? Sua segunda esposa não faleceu anos atrás?

— Oh, sim, ela morreu, então eu não sei por que Laird Morrison não trouxe Claire para casa. Eu suspeito que ele pensou que ela estivesse feliz, ou pelo menos ele queria acreditar nisso.

— E agora o novo Laird quer casá-la em vez de trazê-la para casa?

— Tavish, esta não é sua intenção. Ele só quer que ela experimente a vida fora da abadia antes que tome a decisão de permanecer lá. E ele deu-lhe uma escolha entre aqui e sua casa. É por isso que ele não sabia o que ela iria responder.

— Pa, eu não quero um noivado. Agora não. Ainda não.

— Você tem vinte e cinco e têm deveres com este clã.

— Eu sei qual é meu dever, não preciso lembrar-me disso.

— Então por que és tão contrário a isso?

Tavish sacudiu a cabeça e se afastou. Ele não queria discutir o assunto com seu pai.

— Há mais alguém, rapaz?

Ele suspirou, seus ombros caindo. Pa era muito perspicaz. Na verdade havia outra pessoa, mas Tavish nunca iria contar a seu pai sobre ela. Ele não poderia entender.

— Sim — foi a única resposta do Tavish.

— Quem é ela, rapaz? Talvez possamos tentar...

— Não, Pa. É impossível.

— Por quê? Quem é ela?

Seu cérebro se esforçava para encontrar uma explicação adequada. Talvez fosse porque os Morrisons eram de Lewis, mas seus pensamentos desembarcaram nos Macauleys, outro clã Lewis.

Frustrado, Tavish cruzou os braços na frente de seu peito e fez uma careta.

Seu pai arqueou uma sobrancelha para ele.

— Você me entendeu?

— Eu entendi. — Mas isso não significa que Tavish não faria o que fosse necessário para desencorajar a moça. Por todas as contas, seu irmão queria garantir sua felicidade. Não seria provável que ele concordasse com um noivado se Claire se opusesse.

— Então você virá comigo e sua mãe para recebê-la.

— Tudo o que desejar, Pai. — De qualquer maneira, não havia como evitar.

E foi assim que dentro de uma hora Tavish, sua mãe, pai e irmão mais novo, Boyd, se dirigiram para fora do Castelo Ranald até a vila para receber a visitante. Um vagão em que seus pertences seriam carregados seguindo em seu rastro.

Quando chegaram à margem do rio, várias caixas segurando suas coisas já haviam sido trazidos para terra e foram carregados no vagão enquanto esperavam a moça.

Ele não pode ver muito dela em primeiro lugar. Ela estava de costas, voltada para a praia, enquanto os homens remavam vindo do navio de Laird Morrison. Seu plaid estava puxado sobre a cabeça. Era um dia frio e o céu ameaçava chuva.

Quando chegaram à costa, e os homens deixaram o barco na praia, um dos guardas Morrison a levantou do barco e levou-a para o chão seco. Quando ele a colocou no chão, ela se virou para os Ranalds e seu plaid caiu sobre os ombros.

Tavish não tinha certeza do que esperava. Ela viveu em um mosteiro por dez anos, de modo que ele tinha feito a suposição de que ela seria tímida e simples.

Ela era tudo, menos isso

Claire Morrison era bonita. Magra e de estatura média para uma mulher, tranças escuras grossas enrolavam em volta dos ombros. Sua pele clara e cremosa parecia ser tão suave e macia como pétalas de rosa. Mas, talvez, ele só pensara nisso, devido ao matiz rosado de suas bochechas. Ela sorriu timidamente enquanto seus guardas a levavam em direção a eles para apresentá-la.

— Laird e Lady Ranald, é bom vê-los de novo. Laird Morrison lhes envia seus melhores cumprimentos.

O pai de Tavish assentiu.

— Agradeço, Sir Gordon. É bom vê-lo também.

Sir Gordon deu um passo para trás e fez um gesto para sua senhora avançar

— Laird e Lady Ranald, é minha honra lhes apresentar Lady Claire Morrison. Lady Claire, estes são seus anfitriões, Laird e Lady Ranald.

Seu pai inclinou-se graciosamente sobre sua mão.

— Bem-vinda, Lady Claire. É nosso prazer em conhecê-la.

A cor subiu no rosto de Lady Claire enquanto ela fez uma reverência.

— Obrigada, Laird.

Sua mãe também deu um passo a frente, beijando-a em cada bochecha.

— Sim, Lady Claire, você é muito bem-vinda.

— É um prazer conhecê-la, minha Lady. E, por favor, só me chame de Claire. — Sua voz era suave e doce.

— Claire, então. Estamos tão contentes que você decidiu se juntar a nós para uma visita.

— Obrigada, minha Lady. Foi muito bondoso de sua parte me convidar.

Seu pai pegou a convidada pelo cotovelo, guiando-a para Tavish.

— Lady Claire, este é o meu filho mais velho, Tavish.

Seus olhos se encontraram e ele ficou momentaneamente perdido em suas profundezas azuis brilhantes. Despertou algo dentro dele que tirou o fôlego até que ela baixou os cílios cobertos de orvalho, quebrando seu olhar. Voltando a si, ele se curvou.

— Lady Claire.

Ela fez uma reverência a ele.

— Tenho o prazer de conhecê-lo, Sir Tavish.

— O prazer é meu, minha Lady — respondeu ele, surpreso ao descobrir que ele queria dizer essas palavras.

— Da mesma forma. E eu sou apenas Claire — disse ela timidamente.

— Então debes me chamar de Tavish.

Seu pai continuou as apresentações.

— E este é o meu filho mais novo, Boyd.

Boyd também se curvou, parecendo um pouco desajeitado. Lady Claire sorriu calorosamente para ele.

— É um prazer conhecê-lo, Boyd.

Ele corou e evitou olhar nos olhos dela.

— Sim, é bom conhecê-la também. Nós nunca tivemos uma mocinha vindo para ficar.

Ela sorriu um pouco mais amplamente.

— Não? Bem, eu espero não ser um incômodo muito grande.

O rapaz finalmente olhou para ela.

— Oh, não. Você não será um incômodo. — Imediatamente seu rosto ficou vermelho e ele desviou o olhar novamente. — Um... você gosta de cachorros?

Agora Claire riu.

— Eu gosto. Muito.

— Eu tenho um cachorro chamado Tiny⁶. Ele é um lébrel.

— Um Lébrel chamado Tiny? Eles são bastante grandes, não são?

— Sim, mas a mãe só teve um filhote e ele era muito pequeno e fraco. Bede, o nosso mestre dos estábulos, disse para não se apegar a ele, porque não era provável que vivesse. Por isso, não demos um nome real. Nós apenas o chamávamos de Tiny. Mas sua mãe cuidou dele realmente bem. Bede acredita que era porque ela só teve um filhote. No momento em que ficou claro que ele iria viver, o nome meio que já estava dado.

— Bem, eu gosto bastante do nome Tiny. Vou aguardar para conhecê-lo.

— E você gosta...

Seu pai estendeu uma mão.

— Você terá tempo de sobra para fazer perguntas a Claire, mas vamos acomodá-la na fortaleza primeiro.

— Sim — concordou sua mãe. — Parece que a chuva pode começar a qualquer momento.

Claire balançou a cabeça e virou-se para os guardas com ela.

— Sir Gordon, Sir Conan, obrigada por me escoltarem até aqui.

— O prazer foi nosso, minha Lady — disse Sir Gordon.

⁶ NT: *Tiny* – Pequeno, Minúsculo.

A maioria dos homens se consideraria muito afortunado por ter uma noiva tão bela. Mas Tavish lembrou a si mesmo que não era a maioria dos homens e que não estava pronto para se casar. Ainda não. Talvez nem nunca.

capítulo 5

Cassie tinha estado extremamente nervosa até que Gordon fez as apresentações. Estava preocupada que pudesse fazer ou dizer algo errado. Mas como tinha participado de várias festas da sociedade, descobriu que podia fingir bem o suficiente. Quando os Ranalds a receberam e as apresentações foram feitas, Cassie ficou surpresa com o fato de que suas respostas pareciam completamente naturais. Gertrude tinha dito que memórias enraizadas poderiam vir ocasionalmente e Cassie decidiu que as boas maneiras deveriam ter sido bem inculcadas em Claire, e tinham vindo borbulhando no momento certo.

Cassie foi agradavelmente surpreendida por Tavish Ranald. Ele era alto, muito alto. Tinha uma constituição forte, não como tantos homens de seu próprio tempo que malhavam durante horas em uma academia para conseguir músculos esculpidos. De qualquer maneira, ela nunca se importou muito com isso. Não, Tavish tinha a força de um homem que desempenhava trabalhos fisicamente ativo, magro, mas sólido como o aço. Ele estava barbeado e tinha cabelo castanho-claro que caía até os ombros.

Mas eram os olhos que a mantinham no encalço. Seus lindos olhos de tempestade cinza – ela não conseguia colocar o dedo sobre o que foi que falou com ela. Eles eram quentes... sensuais... sentimentais. Quando seus olhares se encontraram, sentiu-se cativa.

Agora ela estava sentada à frente dele, em seu enorme cavalo, tendo seus braços fortes a rodeá-la e ela não conseguia pensar em um lugar que preferisse estar.

No entanto, quando ele a levantou para fora de seu cavalo, e seus olhos novamente se encontraram, o que quer que tinha estado lá antes,

tinha mudado. Ele parecia mais frio, desligado de alguma forma, e ela não pode deixar de se perguntar o porquê. Ela tinha feito alguma coisa errada?

Antes que pudesse pensar sobre isso, Lady Ranald estava em seu cotovelo.

— Vamos para dentro, querida, e eu vou mostrar a câmara que temos preparada para você .

— Ann, meu doce, está quase a tempo da refeição do meio-dia — disse Laird Ranald a sua esposa.

— Eu sei, Seoc. Mas eu quero que ela veja.

Laird Ranald pegou a mão de sua esposa e beijou-a.

— Tudo o que quiseres.

Ela deu um sorriso largo.

— Não vai demorar muito. Eu prometo. — E com isso ela colocou um braço em torno do ombro de Cassie e guiou-a para uma escadaria.

Lady Ranald a levou pelo primeiro lance de escadas.

— A câmara que Laird Ranald e eu compartilhamos é neste piso. As outras câmaras aqui são dadas aos convidados especiais. Os rapazes têm câmaras no andar de cima.

— Quantos andares tem?

— Há quatro andares acima do nível principal e dois abaixo... um para armazenamento e um abaixo que é o calabouço. A partir do quarto andar, há escadas para as ameias.

A câmara que Lady Ranald mostrou era adorável. A cama tinha uma cabeceira e estribo esculpido e estava adornada com belas cortinas de veludo. Quando passou a mão sobre a colcha, Cassie ficou satisfeita ao descobrir que o colchão era de penas. Havia uma lareira em que brilhava uma pequena fogueira amenizando o frio da sala, pois mesmo sendo

agosto, o dia estava frio. Duas cadeiras estavam posicionadas perto da lareira com uma pequena mesa entre elas. Um guarda-roupa estava levantado contra uma parede com uma tela nas proximidades. Atrás da tela havia uma cadeira cômoda e um lavatório com uma bacia e jarro sobre ele. *Ah, bem, estas eram as realidades do século XIV.*

— É lindo.

Lady Ranald sorriu.

— Estou contente que tenha gostado, querida. — Ela apontou para a janela. — Em um dia cinzento como este, não há muito para ver, mas em um belo dia, a vista daqui é impressionante.

Cassie foi até a janela e olhou para fora.

— Oh, meu! É maravilhoso, mesmo na chuva.

Houve uma batida na porta aberta. Cassie se virou e viu uma moça, mais ou menos da sua idade, em pé.

— Kenna, entre — disse Lady Ranald. — Claire, este é Kenna. Ela será sua criada enquanto você estiver aqui.

Cassie estava prestes a dizer que não precisava de uma criada, mas se conteve. Não só poderia ser rude, mas percebeu que provavelmente precisaria de uma.

— Obrigada, minha Lady. Kenna é muito bom lhe conhecer.

Kenna corou e fez uma reverência.

— Agradeço, Lady Claire. Espero não decepcioná-la. Eu nunca fui uma dama de companhia antes, mas Peg, a criada de Lady Ranald, esteve me ensinando.

— Eu não posso imaginá-la me decepcionando. E estou muito feliz por ter sua assistência. Uma vez que eu vivi em uma abadia por dez anos,

posso precisar de um pouco de ajuda para me adaptar à vida dentro de um clã.

Kenna corou um tom mais brilhante do vermelho e sorriu timidamente.

— Será um prazer, Lady Claire.

Lady Ranald parecia extremamente satisfeita.

— Excelente. Agora, Claire, vamos descer para a refeição do meio-dia. No momento em que acabarmos, seus pertences terão sido trazidos e tanto Kenna quanto eu podemos ajudá-la a desfazer seus baús.

— Obrigada, minha Lady. — A voz de Cassie parecia calma e serena, mas sua aventura como uma nobre medieval estava começando e ela mal podia conter sua excitação.

O estranho era que Lady Ranald parecia tão animada. Enquanto eles voltavam para a sala, ela conversou alegremente, apontando características do castelo ao passarem. Cassie reprimiu um sorriso, pensando que a mulher soava um pouco como um agente imobiliário entusiasmado.

Quando chegaram ao grande salão, Lady Ranald a guiou para a mesa do lorde.

— Você sentará ao meu lado. Tavish, você tomará o assento ao lado de Claire.

Tavish abriu a boca, para se opor e Lady Ranald ergueu uma mão.

— Não, Tavish, eu sei que você normalmente senta no outro lado do seu Pa, mas Claire está aqui e assim vocês podem conhecer melhor um ao outro. Você sentará com ela durante as refeições.

Ele não parecia excessivamente satisfeito com essa perspectiva. Claramente, ele não estava feliz com a sua chegada. Claire se perguntou como seria difícil manter uma conversa com um homem que,

aparentemente, não queria jantar ao lado dela, mas ela não precisava ter se preocupado. Mesmo que Tavish havia obedientemente tomado o assento à esquerda de Cassie, sua mãe conversou com ela durante toda a refeição, deixando muito pouca oportunidade para Cassie e Tavish conhecerem um ao outro. E assim que a refeição terminou, Lady Ranald enrolou o braço em Cassie para levá-la de volta para cima.

Cassie não se importou. Ela ficava mais afeiçoada a sua anfitriã a cada minuto. Ela nunca teve uma relação estreita com sua própria mãe e estava gostando bastante do calor e entusiasmo de Lady Ranald.

Ela também gostou de Kenna, a doce, tímida, criada, que havia sido designada para servi-la. Cassie tinha crescido com um pessoal doméstico, mas uma distância profissional sempre fora mantida. E embora a babá que cuidou de Cassie e Sloan até que partiram para a escola fosse mais quente e mais carinhosa do que o resto do pessoal, ela ainda mantivera um certo grau de formalidade.

Enquanto desempacotavam as coisas de Claire juntas, Cassie fez algumas observações de como a menina era e o que sua vida tinha sido. Claire tinha um bom número de livros, o que surpreendeu Lady Ranald.

— Para possuir todos esses livros, deves gostar bastante de ler — ela observou. — Depois de tudo, espero que a abadia tenha uma extensa biblioteca.

Certa de que eles deveriam ter, Cassie respondeu:

— Oh, eles têm. Estes são apenas alguns dos meus favoritos. — Em seguida, quase sem pensar, ela acrescentou — Eles me foram dados como presentes ao longo dos anos. — Assim que as palavras saíram de sua boca, Cassie sabia que eram verdadeiras e que tinha sido uma das boas memórias de Claire. Havia livros escritos em francês, latim e o que ela

assumiu ser Inglês Médio. Para sua surpresa, ela podia ler todas as três línguas. Enquanto Cassie podia falar francês moderno e tinha um conhecimento vago do latim, não poderia ter lido e compreendido Inglês Médio. Essas habilidades devem fazer parte das memórias de Claire.

Claire também tinha amplos suprimentos de arte – um grande número de pigmentos, varas de vários tons de ocre, pincéis, pergaminhos, madeira que havia sido preparada para a pintura e várias obras concluídas. E suas pinturas eram boas. Cassie adorava pintar. Ela já tinha feito um projeto de história na escola preparatória em que se preparava pigmentos para tintas, misturando-os com água e ovo – um método utilizado durante a Idade Média. Então, ela usou essas tintas para criar uma pequena versão de um retábulo de três seções da natividade – religião era comum na arte medieval. Não surpreendentemente, a arte de Claire refletia isso. Ela tinha completado várias representações belas de anjos e Cassie não pode deixar de pensar em Gertrude.

Lady Ranald olhou para uma obra inacabada.

— Isso é lindo Claire. O que vai ser?

Cassie olhou para ele. Havia uma mulher, com um véu azul, que estava estendendo uma mão para uma árvore que parecia estar se dobrando para também estender a sua.

— É a história da Virgem Santíssima e da cerejeira — disse ela com certeza. Se isso era o que Claire tinha a intenção ou não, era como Cassie iria terminá-lo.

— A Virgem Santíssima e da cerejeira? — perguntou Kenna. — Eu acho que não ouvi sobre isso.

Cassie sabia que a história apócrifa remontava à Idade Média, mas, talvez ainda não tivesse alcançado a Escócia. *Oh, bem... acabou de alcançar.*

— Sim. Ouvi dizer que, durante o caminho para Belém, a Mãe de Deus e São José passaram por uma cerejeira. Ela pediu a José para pegar cerejas, porque, estando grávida, ela não podia. São José ficou irritado e disse que o pai da criança deveria colher cerejas para ela. Então Nosso Salvador, de dentro do ventre de sua mãe, mandou que a árvore curvasse para que sua mãe pudesse colher os frutos.

— Oh, eu vejo — disse Lady Ranald — a árvore está chegando em sua direção. Que bonito! Eu não posso esperar para vê-lo terminado. Este quarto recebe luz da tarde, mas em dias melhores a luz da manhã inunda meu solar. Talvez você queiram se juntar a mim para trabalhar nele?

Cassie assentiu.

— Gostaria muito.

A expressão no rosto de Lady Ranald irradiava felicidade. Cassie soube, naquele momento, que tinha de terminar a pintura antes de sair, como um presente para Lady Ranald.

Esse pensamento a acalmou. Ela tinha que partir em menos de cinquenta e nove dias e quando o fizesse, Claire iria morrer.

Sua consternação deve ter aparecido em seu rosto, porque Lady Ranald perguntou:

— Claire, querida, há algo errado?

— Uh... não, claro que não. Acho que estou um pouco cansada.

— Claro que está. Estamos quase terminando aqui. Você deve descansar antes da refeição da noite.

Cassie não estava cansada e um descanso não ajudaria no que estava lhe incomodando. Mas ela precisa de algum tempo sozinha, para pensar.

— Sim, eu tenho certeza que vai ajudar.

Depois de terem terminado de guardar os pertences de Claire, Lady Ranald e Kenna deixaram Cassie para descansar. Kenna assegurando-lhe que retornaria antes da refeição da noite para ajudá-la a se arrumar.

Quando elas foram embora, Cassie sentou e pôs a cabeça entre as mãos. Quando Gertrude lhe ofereceu o relógio, ela tinha certeza que não gostaria de ficar no passado porque não queria que Mike tivesse que descobrir que ela havia falecido durante a noite. Ela não pensou que teria que enfrentar o mesmo problema aqui. Agora ela não queria que Lady Ranald tivesse que lidar com sua morte, mais do que queria que Mike o fizesse.

Agora que estava aqui, percebeu que talvez tivesse feito uma escolha cruel. Afinal de contas, a razão pela qual Coll enviara sua irmã até aqui foi para que ela encontrasse o homem com o qual ele queria que ela casasse. Embora, isso provavelmente, fosse uma esperança vã de sua parte, baseada no que tinha visto até agora. Mas e se isso mudasse? E se Tavish se apaixonasse por ela? Ela sabia muito bem o que se sentia ao perder alguém que amava. Ela queria que ninguém sofresse essa dor, se pudesse ser evitado.

Talvez devesse simplesmente pedir para ser levada ao Castelo Morrison, mas voltar para a casa de Claire, para as pessoas que a amavam, apenas para morrer em poucas semanas também lhe parecia trágico.

Quanto mais pensava, mais se convencia de que permanecer aqui era a melhor opção. Apesar da reação inicial de Tavish no momento em que se encontraram, agora ele parecia frio e distante. Se ela não tentasse ganhar sua afeição, não haveria nenhum coração quebrado.

É claro que ainda não abordou o fato de que ela iria morrer aqui, deixando os Ranalds para lidarem com isso. Ela realmente não queria que isso acontecesse.

Talvez a melhor coisa seria ela voltar para a abadia antes de dizer sua palavra de retorno. Sim, essa era a resposta. Claire iria encontrar sua vocação e pedir para ser levada de volta à abadia para fazer seus votos. Isso funcionaria.

No entanto, até que o tempo se aproximasse, Cassie planejava sugar cada gota desta aventura. Ela iria abraçar esta oportunidade e se esforçar para aproveitar cada minuto dela.

Capítulo 6

Tavish sentiu como se seu mundo tivesse virado de cabeça para baixo.

Ele sempre soube que teria de casar com alguém que seu pai escolhesse. Ainda assim, ser confrontado com isso tão de repente o irritou. Ele havia sido pego de surpresa, sem tempo para se preparar. Ele não queria pensar em se casar. Ele certamente não queria pensar em Claire Morrison.

Como poderia seu pai tê-la trazido aqui, como uma noiva potencial para ele, sem qualquer aviso?

A resposta para isso era simples. Assim como seu pai havia dito, Tavish teria argumentado contra qualquer noivado que seu Pa tivesse sugerido.

Mas ele amava alguém. Alguém que ele nunca poderia ter. A ideia de se casar com alguém que nunca teria a menor chance de ganhar seu coração parecia cruel, e completamente injusto para a pobre moça.

Depois de ouvir a história de Claire, ele não queria arriscar machucá-la, muito menos casar com ela. Ela tinha sido exilada de sua família, essencialmente condenada a viver como uma freira antes que tivesse chance de ser criança. E agora seu irmão a mandou aqui. Parecia que ninguém se importava muito com ela. Seria uma tragédia absoluta se ela fosse forçada a se casar com alguém que também nunca poderia amá-la.

Talvez ela decidisse que não queria casar com ele. Seu pai poderia ter chegado ao ponto de forçar a questão, mas parecia que seu irmão estava aberto a considerar seus desejos. Afinal, ele tinha lhe dado uma escolha se queria vir aqui ou não.

Infelizmente, assim que este pensamento lhe ocorreu, descartou. Ela era uma moça doce, obediente. Ela definhou em uma abadia por anos porque seu laird mandou. Tavish não acreditava que houvesse uma única chance de que ela fosse desafiar seu novo laird por isso.

A não ser que Tavish agisse de modo que a fizesse recusar o noivado.

Ele poderia ser um bastardo. Ignorá-la. Ser desconsiderado, mesmo rude. Isso podia ser suficiente para convencer uma moça criada gentilmente, a correr na outra direção. Não era realmente sua natureza, mas ele percebeu que poderia fingir.

O fato dele achá-a atraente era uma pequena ruga em seu plano.

No jantar, ele percebeu que estava lidando com uma ruga muito maior do que pensara inicialmente. Mais uma vez, sua mãe insistiu que ele se sentasse ao lado de Claire e foi nada diferente de excruciante. Isso pode ter sido porque nesta refeição, sua mãe não ocupou toda a atenção de Claire.

Ele encontrou-se olhando para os olhos bonitos da moça com demasiada frequência, tão perdido neles que nem sempre conseguia lembrar do que tinha dito. Depois que ele teve que pedir-lhe para repetir várias vezes, ele decidiu que era simplesmente melhor ignorá-la.

Infelizmente isso não pareceu funcionar. Seu pai, ou Boyd, ou um dos outros guardas na mesa chamava a sua atenção e Tavish encontrou-se não só se esforçando para ouvir sua voz suave, mas irritando-se com a atenção dada a ela por outros.

A moça sozinha parecia alegremente inconsciente de sua inquietação. Ela também não mostrava sinais de uma mulher que procurasse sua afeição. Ela não se inclinou para ouvi-lo, nem tocou-lhe o braço casualmente ou fez qualquer das outras coisas que moças faziam ao tentar

ganhar a atenção de um homem. Mas ela também não empregou estas técnicas com mais ninguém.

Ainda assim, isso só confirmou a sua anterior avaliação de que ela iria aceitar qualquer coisa que seu irmão empurrasse para ela.

Dane-se tudo. Ele não queria pensar em se casar.

Ele não queria pensar em Claire Morrison.

Mas horas mais tarde, ele estava acordado na cama, incapaz de pensar em nada mais que Claire Morrison.

Ela não era a garota que ele queria, lembrou a si mesmo. O fato de que nunca pudesse ter a garota que queria não mudava nada. Ele nunca tinha pensado seriamente sobre qualquer outra pessoa. Até este ponto em sua vida, ele olhou para o tempo gasto com uma moça tão engraçada... divertida... agradável. Enquanto a mulher em questão estava sob nenhum outro delírio, eles poderiam desfrutar um do outro. Ele não precisava de mais nada.

Ele certamente não precisa de uma moça bonita, doce, despretensiosa ocupando seus pensamentos. E ele realmente não precisava que ela acreditasse que estava interessado em casar com ela.

O que mais o incomodava era que havia algo em Claire que ele não conseguia decifrar. Era algo indescritível. Algo bom.

Mas ele não a queria boa. Ele a queria fácil. Ele queria manter seu coração fora disto. Parceiras dispostas, que procuravam nada mais do que uma queda satisfatória, eram o ideal. Por isso, se ele tivesse que se casar, ele poderia tolerar um casamento sem emoção com a filha de um nobre que ele nunca tinha conhecido. Ele seria perfeitamente feliz com uma união congenial em que nenhuma das partes esperava amor.

Não, ele não queria que fosse boa. As coisas boas poderiam ser amadas... e magoadas. Ele não queria amá-la e ele certamente não queria vê-la ferida.

Ele teria que ficar com o seu plano anterior de fazê-la decidir recusar o noivado. E se ele não conseguisse ficar sem perder-se em seus belos olhos, ele simplesmente faria o seu melhor para ficar longe dela. Era o fim do verão, havia uma abundância de coisas que podiam exigir a sua atenção e até mesmo levá-lo longe do castelo por vários dias.

Se ficasse longe dela tanto quanto possível, e quando forçado a estar na sua presença, ele não fosse particularmente bom com ela, era improvável que ela olhasse favoravelmente um noivado com ele

Com isso resolvido, ele finalmente foi capaz de dormir.

~ * ~

Na manhã seguinte, ele começou a fazer planos de montar mais tarde com um grupo de homens para ver como as culturas estavam. Se manobrasse bem as coisas, ele poderia fazer a viagem durar muitos dias. Mas quando mencionou a seu pai, foi rejeitado.

— O que está pensando? Você não pode sair hoje. Amanhã é a festa de Santa Maria do Santíssimo.

Em seus esforços para evitar Claire Morrison, ele tinha esquecido completamente o dia de festa. Ainda assim, até onde ele estava preocupado, era ainda mais uma razão para sair. Seria impossível afastar-se do seu lado em uma celebração.

— Eu não me importo de perder a festa, Pa.

— Talvez você não. Mas as aldeias periféricas estarão comemorando também e eles não vão querer interromper as festividades para fazer uma

contabilidade para você sobre o estado das culturas. Além disso, é muito cedo. A colheita não vai começar a sério por várias semanas.

Tavish teve que aceitar o fato de que necessitariam vários dias ou mais antes que ele pudesse usar essa desculpa para ficar longe do castelo. Evitá-la tornara-se mais difícil, mas não impossível. Ele teria que vê-la na hora das refeições, mas se ficasse em guarda, poderia evitar interagir com ela. Mais importante, ele podia deixar de olhar para as profundezas azul-cristal de seus olhos, onde ele sabia que poderia perder-se se ele permitisse.

E enquanto seus pais ficassem cada vez mais irritados com ele, ele sucedia.

Por um dia.

Mas foi muito mais difícil ignorá-la no dia da festa. Ele assistiu à missa com sua família, e seus pais manobraram-no para o lado de Claire. Como, em nome de tudo o que era santo, poderia estar ajoelhado ao lado de uma moça, durante uma cerimônia religiosa em honra da Santíssima Virgem, trazer tanto calor para dentro dele?

Ela era bonita. Essa era a única resposta possível. Ajoelhada, com a cabeça baixa, sussurrando orações só a fazia mais bela.

Mas ela também era bonita sentada à mesa, durante a ceia, conversando e rindo com aqueles ao seu redor. Ela parecia completamente encantada com tudo. Talvez ela estivesse tentando ser coquete, para chamar sua atenção. Mas moças criadas por freiras não poderiam saber sobre flerte... poderiam?

Infelizmente, tanto quanto Tavish tentava ignorá-la, Boyd vinha para mantê-la envolvida.

— Este é um dos meus favoritos, tente alguns deles — ele dizia antes de servir-lhe um pouco de tudo o que adorava no momento.

Ela tomava uma mordida delicada e, em seguida, mais frequentemente do que o comum, perguntava do que se tratava, como se ela nunca tivesse estado em uma ceia e provado nada assim antes.

Quando ela não reconheceu o sabor de javali assado, Tavish acreditou que ela deveria estar brincando com ele.

— É assado de javali, pelo amor de Deus — ele virou-se para ela. — Não me diga que você nunca provou assado de javali, antes.

Ela ficou em silêncio e olhou para baixo, as mãos cruzadas no colo.

Se olhares fossem punhais, o que Boyd lhe lançou teria sido letal. Então, em um tom gotejando com condescendência, seu irmão mais novo disse:

— Não creio que as irmãs iriam caçar javalis, muitas vezes, elas iam, Lady Claire?

Dane-se. Que tudo fosse para o inferno. Boyd estava certo. Tavish tinha estado tão ocupado tentando não gostar dela e colocá-la para fora de sua mente, que tinha esquecido que ela provavelmente não tinha experimentado uma festa como esta em muitos anos.

No entanto, ela parecia se recuperar rapidamente, dando a Boyd um sorriso caloroso.

— Não, Boyd, nós nunca tivemos caça selvagem. Quando a carne era servida na abadia, ela vinha de animais domésticos e, mesmo assim, era geralmente salgada. Acho que eu provavelmente provei todas essas coisas quando era criança, mas eu não lembro. Obrigada pela ajuda. Eu não acredito que já tenha assistido a uma festa tão maravilhosa.

Depois disso, ela manteve a cabeça virada para longe de Tavish e continuou a conversar com aqueles ao seu redor. Ele tinha conseguido exatamente o que queria, não tinha?

Não, dane-se tudo. Ele queria colocá-la longe dele, não ferir seus sentimentos.

Em uma pausa na conversa, colocou uma mão em seu braço, para chamar-lhe a atenção.

Ela se virou, com um sorriso feliz em sua face, que parecia fazer seus olhos azuis brilharem.

Ele não tinha ideia do por que encontrou seus olhos tão atraentes, mas ele era incapaz de fazer qualquer coisa além de olhar.

Depois de um momento em que ele não poderia ter formado palavras, se sua vida dependesse disso, ela perguntou:

— Você quer dizer alguma coisa?

— Eu... uh... bem, sinto muito que reclamei com você. Foi desnecessário. Me perdoe.

Ela balançou a cabeça, seu sorriso nunca vacilando.

— Você não precisa se preocupar. Não me ofendeu.

Em seguida, ela voltou sua atenção para longe novamente, quebrando toda a magia que o havia mantido preso.

Quando a refeição acabou, ele temia o que veio a seguir. As mesas de cavalete foram apuradas para abrir espaço para a dança. Ele não estava com vontade de dançar, mas talvez ela também não estivesse. Olhou-a disfarçadamente. Para sua decepção, ela parecia encantada com a música e dança.

Ele não iria pedir-lhe para dançar. Era um comportamento grosseiro, mas queria que ela o achasse rude. Infelizmente, tinha esquecido de seus pais. Ambos olharam para ele, e sinalizaram nada sutilmente, para dançar com ela.

Apesar de sua declaração sincera o chocar, ele não podia negar sentir-se grato... e um pouco envergonhado.

~ * ~

Bem, se Cassie já não estivesse convencida de que ficar aqui com os Ranalds antes de voltar para a abadia era sua melhor opção, ela estaria agora. Tavish não estava remotamente interessado nela. Melhor, parecia que ele não queria nada com ela e, pelo o que lhe dizia respeito, isso era perfeito.

Ela podia aceitar desta vez no século XIV como exatamente o que era, um presente. Uma pausa da dor de sua vida no século XXI. A chance de se curar sem ferir ninguém. A aventura de uma vida.

Ela sorriu e permitiu que a música a lavasse. *Obrigada, Gertrude.*

Capítulo 7

Mesmo que ela não tivesse deixado a festa até as primeiras horas da manhã, Cassie acordou pouco depois do amanhecer. Ela não saltou da cama imediatamente como faria se estivesse em casa. Ela se aconchegou debaixo dos cobertores no frio da manhã e apenas embebeu em seus arredores, iluminados pela luz pálida da manhã. Lembrou-se de uma linha a partir da versão original do *Parent Trap* da Disney “Eu estou fazendo memórias.” Isso é exatamente o que estava fazendo, uma memória que orava para ficar com ela para sempre. “Eu quero fazer um monte de memórias” ela sussurrou para a câmara vazia.

Em pouco tempo, ela foi despertando de sua reflexão e produção de memória, por uma batida fraca na porta. Kenna tinha chegado para ajudá-la a se arrumar para o dia. Ela ajudou Cassie a banhar e se vestir antes de escovar seu cabelo e trabalhá-lo em uma trança intrincada.

Quando Cassie foi até o grande salão tomar café da manhã, Boyd era o único membro da família.

— Você se divertiu na noite passada? — perguntou ele com entusiasmo.

— Sim. Foi maravilhoso.

— Talvez antes do próximo dia de festa eu possa aprender a dançar e dance com você.

— Eu gostaria disso — ela disse com um largo sorriso. — Mas também precisarei aprender a dançar.

— Você também não sabe?

— Não. Mas eu quero aprender. Parecia divertido.

Ele sorriu.

— Eu também achei que parecia muito divertido.

— O que lhe parecia divertido? — perguntou Lady Ranald quando entrou no salão pelo braço do marido.

O rosto de Boyd ficou vermelho.

— Humm... dançar.

— Bem, é divertido, filho — disse Laird Ranald, dando a sua esposa um beijo na bochecha.

Lady Ranald voltou sua atenção para Cassie.

— Bom dia, Claire. Espero que você tenha dormido bem?

— Eu dormi, graças a você, minha Lady.

Laird Ranald olhou ao redor, franzindo a testa.

— Não é comum Tavish ficar na cama todo esse tempo, mesmo depois de uma grande festa.

— Oh, ele não está na cama — disse Boyd. — Ele já está tomou seu desjejum e foi embora.

— Foi para onde? — perguntou o pai.

Boyd deu de ombros.

— Eu não sei. Para as listas?

Agora sua mãe franziu a testa também.

— Para as listas? Eu esperava que ele fosse passar algum tempo... bem, não importa.

Cassie suspeitava que Lady Ranald estava prestes a dizer *passar algum tempo com Claire*. Mas, honestamente, Cassie não se importava. Ela certamente não seria rude ou indelicada, mas depois da noite passada, ficou claro que Tavish não estava encantado com ela e que seria melhor mantê-lo dessa forma.

— O que você quer que Tavish faça, Mam? — perguntou Boyd, olhando em direção a Cassie como se ele soubesse exatamente o que sua mãe estava prestes a dizer. Sem esperar por sua mãe para responder, ele confirmou a suspeita de Cassie, acrescentando — Será que vocês querem que ele passe tempo com Lady Claire? Porque eu poderia levá-la para os estábulos para ela conhecer Tiny. Ela disse que gosta de cães.

Cassie reprimiu um sorriso. Talvez não despertasse o interesse a Tavish, mas Boyd com seus dez anos Boyd dava todos os indícios de gostar dela.

Sua mãe sorriu com indulgência.

— Isso é muito gentil, Boyd. Talvez você possa fazer isso outra hora. Agora que ela tem alguns dias para se acostumar com a gente, eu acho que pode ser bom se eu levar Claire ao redor do castelo e apresenta-la à todas as pessoas que trabalham aqui.

— Eu poderia ir com vocês — ofereceu Boyd.

— Não até que termine suas lições com o padre Paul — disse Laird Ranald.

Boyd fez beicinho, mas não discutiu.

Então Cassie passou a manhã toda conhecendo as pessoas que mantinham o Castelo Ranald em execução. Mas, para seu deleite, Lady Ranald também explicara exatamente o que cada um deles fazia e como, sendo senhora do castelo, ela conseguia interagir com eles. Esta era uma oportunidade incrível de ver uma verdadeira fatia da vida medieval.

— Minha querida, fique à vontade para me parar se eu estiver dizendo a você coisas que já conheces. Mas eu suspeito que uma abadia é executada de forma bastante diferente do que um castelo. Mesmo assim, você provavelmente não foste instruída sobre o funcionamento da abadia.

Cassie sorriu calorosamente.

— Não, minha Lady, eu não fui. Eu realmente não sei nada sobre o funcionamento de um castelo *ou* uma abadia. Como você está ciente, eu não vivi no meio do meu clã por muitos anos. — Não só era a verdade para Claire, como era para Cassie também. Ela não tinha vivido com sua própria família durante anos.

— E você não teve mãe desde que era nada mais que um bebê.

— Sim — Cassie se lembrou de algo que a Madre tinha lhe dito: *Vai dar-lhe a oportunidade de ver o que seria esperado de você como a esposa de um Laird.* — Estas são todas as coisas que eu estou feliz em saber.

— Então, você acha que gostaria de deixar a abadia? — A esperança na voz de Lady Ranald quase rolou-a.

— Uh... bem... Eu não sei ainda. Mas a única maneira que tenho para tomar minha decisão é buscando entender o que se espera de mim.

Decepção atravessou o rosto da mulher mais velha por um instante, antes que ela mascarasse.

— Sim, é claro. Você deve ser capazes de tomar uma decisão consciente.

Infelizmente, quanto mais tempo Cassie gastava com Lady Ranald, mais gostava dela. Consciente disso, disse a si mesma que devia tentar manter um pouco de distância. Não queria que Lady Ranald se machucasse mais do que queria machucar Tavish. Mas nem ela poderia suportar a ideia de rejeitar o tipo de afeto maternal que Lady Ranald parecia tão disposta a dar. Cassie nunca havia experimentado isso e era algo pelo qual ansiava. Ela temia ceder a esse desejo, pois era terrivelmente egoísta. Mas também conseguiu se convencer de que Lady Ranald estava apenas sendo uma

anfitriã gentil e que na realidade não havia um afeto profundo por trás de suas ações.

Quando a refeição do meio-dia foi servida, Lady Ranald tentou novamente empurrar Tavish para gastar tempo com Cassie.

— Filho, estou satisfeita por você não ter fugido novamente como fizeste esta manhã.

Tavish franziu a testa.

— Eu não *fugi*. Fui treinar com os homens, como eu costumo fazer.

— Você normalmente toma o desjejum primeiro — observou o pai, secamente.

— Eu tomei. Eu apenas levantei um pouco mais cedo do que o normal esta manhã.

— Bem, essa tarde você precisa passar algum tempo com nossa hóspede — disse sua mãe.

— Mãe, eu tenho responsabilidades.

— Sim, faça — retrucou o pai. — E, com frequência suficiente, nós já discutimos uma de suas principais responsabilidades.

Cassie sabia onde isso iria levar e claramente Lady Ranald também.

Lady Ranald colocou a mão no braço do marido.

— Nós não precisamos falar sobre isso agora.

— Não, Ann. A razão de Claire estar aqui não é segredo para ninguém, muito menos para a moça. E, no entanto, ontem à noite Tavish...

Lady Ranald interrompeu.

— Seoc, pare.

Cassie sentiu o aumento de cor em suas bochechas. Ela olhou para baixo, mas sentiu os olhos de Tavish sobre si.

— Mãe está certa. Nós não precisamos continuar por este caminho. Estou ciente das minhas responsabilidades, Pa.

Seu pai concordou.

— Ótimo. Então você passará a tarde com Claire.

Cassie deu a Tavish um olhar de esguelha. Sua mandíbula estava apertada e seus olhos brilhavam com irritação. Mas depois de um momento ele fez uma leve reverência a seu pai.

— Como desejar.

Ele claramente não estava feliz com o édito de seu pai e o resultado foi uma tensão opressiva durante toda a refeição do meio-dia.

Laird e Lady Ranald tentaram alivia-la com uma conversa casual, mas particularmente não foram bem-sucedidos.

Cassie simplesmente tentou ser educada e evitar novos confrontos.

Tavish só falava quando se dirigiam diretamente a ele e suas respostas eram curtas e rápidas. Ele parecia um homem que estava de frente para sua própria execução. Era dolorosamente óbvio que ele não tinha estado mais satisfeito com as discussões sobre o noivado do que Claire. E Cassie sabia muito bem, que se isto continuasse, o tempo que passaria aqui não seria agradável para ninguém.

Ela e Tavish tinham sido condenados a passar a tarde juntos. Talvez pudesse encontrar uma maneira de tornar a situação mais tolerável.

Quando a refeição terminou, Tavish se levantou e virou-se para Cassie.

— Talvez pudéssemos ir para um passeio. — Ele franziu a testa. — Mas, acho que você realmente não sabe como montar.

Cassie gostava de montar. Ela cresceu com cavalos. Tinha ganhado o seu primeiro pônei no seu quinto aniversário. E, embora não tivesse muitas

oportunidades de montar, enquanto vivia em Baltimore, a qualquer hora que visitasse uma das casas de campo de seus pais, passava grande parte do seu tempo no lombo de um cavalo.

— Eu sei como montar e eu gostaria muito.

Ele pareceu surpreso.

— Você sabe? Quem ensinou? Pensei que você havia passado os últimos dez anos na Abadia.

Ruh-roh.

— Uh, o que quero dizer é que eu gostava de andar quando pequenina. Eu senti falta disso. Estou certa de que me lembro como fazer.

Ele franziu a testa.

— Bem, então, vou arrumar um acompanhante e vou selar o palafrém de mamãe para você. Em poucos minutos, encontro você na frente do castelo.

Cassie viu quando ele se virou e saiu. Então ela sentiu uma mão suave em seu ombro.

Lady Ranald sorriu tristemente.

— Eu sinto muito por seu comportamento. Asseguro-lhe, ele vai superar tudo o que está incomodando.

— Por favor, não se preocupe, minha senhora. Eu sei que não é pessoal. — Ela achou que podia muito bem se livrar do elefante na sala. — Tenho certeza de que não poder escolher com quem quer se casar é irritante.

— Mas você também não tem uma escolha.

Oops.

— Sim, isso é verdade. Mas eu tenho outra opção. Eu posso voltar para a abadia.

Lady Ranald parecia chocada.

— Oh, por favor, não tome uma decisão precipitada, especialmente por causa de seu mau humor. Eu já me tornei tão apaixonada por você. Você é perfeitamente adorável e acho que será uma excelente esposa para Tavish. Ele vai mudar. Eu sei que vai.

— Eu não tomei nenhuma decisão ainda. Eu só não quero que você se preocupe achando que suas palavras podem me machucar. Elas não vão. Eu prometo.

A mulher mais velha pareceu aliviada.

— É muito gentil de sua parte. Mas o fato é que, no futuro, espero mais do meu filho. — Ela tomou Cassie pelo braço. — Agora, eu vou lá fora com você. Você vai amar minha doce Belle. Ela é bem treinada e responsiva. Como faz um tempo que você montou, talvez se sinta tentada a puxar mais forte as rédeas, mas se mantiver uma mão leve, ela vai responder perfeitamente.

— Obrigada, minha Lady. Eu vou tomar cuidado. — Cassie acostumada a cavalos como estes, estava ansiosa para o passeio. Mas estava um pouco preocupada por ter que montar de lado. Tinha feito isso antes, mas não era proficiente. Ela sabia que selas laterais entraram em uso em algum momento do século XIV, e ela não tinha certeza de quando. Antes as mulheres andavam montadas. Ela arruinou seu cérebro tentando lembrar se Lady Ranald tinha montado de lado no dia em que chegara, mas não tinha notado. Ela tinha estado muito sobrecarregada pelo homem bonito em cujo colo estava, para prestar atenção a muito mais.

Cassie ficou tremendamente aliviada quando Tavish caminhou em sua direção levando dois cavalos – ambos com selas regulares. Ela deu um

passo em direção a égua que tinha visto Lady Ranald montar e acariciou o pescoço do animal.

— Olá, linda. Você é Belle?

O cavalo relinchou suavemente para ela

Tavish veio para o seu lado.

— Eu vou lhe erguer.

Cassie sorriu para ele, tomando as rédeas de Belle de sua mão.

— Não precisa. Eu posso montar o cavalo. — Então, sem esperar, colocou as rédeas sobre a cabeça de Belle. Cassie olhou para os cascos do cavalo e empurrou-a um pouco, até que ela deu um passo, arrumando sua postura. Em seguida, com as rédeas na mão esquerda, agarrou um punhado da crina de Belle, e com a mão direita agarrou a borda frontal da sela, e começou a colocar o pé esquerdo no estribo quando percebeu que seu vestido estava no caminho.

Ela franziu a testa. Ela nunca tinha montado um cavalo usando um vestido longo. Ela olhou para o som da risada de Tavish e riu também.

— Eu acho que meu vestido não era um problema quando eu era pequena.

— Acho que não — disse ele com um sorriso enquanto dava um passo em sua direção para lhe ajudar a subir.

Uma vez no lombo de Belle, Cassie colocou os pés nos estribos e arranjou sua longa saia rodada para garantir que cobrissem suas pernas antes de olhar para uma muito divertida Lady Ranald.

Sua mãe disse:

— Tavish, eu estou contente de ver um sorriso em você. Veja se pode fazer isso durar. É uma bela tarde. Aproveite o passeio — disse enquanto voltava para o castelo.

Provavelmente foi muito bom que Lady Ranald não tenha visto a careta que sua declaração trouxe ao rosto de Tavish.

Por esta altura, três guardas montados tinham se juntado a eles. Ainda carrancudo, Tavish montou seu próprio cavalo. Sem poupar Cassie de outro olhar, ele disse:

— Vamos.

Cassie suspirou e o seguiu para fora do pátio, com os guardas se arrastando atrás deles. Ela sorriu para si mesma. *Mesmo no século XIV eu tenho seguranças.*

Todos eles andavam pelo caminho que ia além da aldeia em direção ao nordeste. Quando chegaram à área aberta, ele incitou o cavalo a galopar.

Ela fez também, manobrando até que estivesse ao lado dele.

Ele não olhou para ela ou falou por mais tempo.

Ela tentou atraí-lo para uma conversa.

— Será que seu cavalo tem um nome?

Tavish franziu a testa.

— Claro que sim.

Quando ele não chegou a dizer-lhe o nome da besta, ela incitou

— Qual é?

— Qual é o que?

Ela deu um suspiro exasperado.

— Qual é o nome do seu cavalo?

— Raven.

Ela tentou novamente.

— Onde estamos indo?

— Nosso destino final é o Castelo Ranald.

— Eu poderia ter descoberto isso por mim mesma. — Ela teve problemas para manter a irritação que sentia, longe de sua voz. — Para onde estamos indo, antes de retornarmos ao castelo?

— Nós não estamos *indo* a lugar algum. Estamos apenas tomando um passeio no pântano.

— Você normalmente vai para o pântano?

— Não.

— Por que não?

Ele franziu a testa novamente.

— Porque eu geralmente não sou obrigado a entreter uma nobre visitante.

Claramente, ele não era obrigado a manter uma conversa muitas vezes também.

Ela andou silenciosamente ao lado dele um pouco mais. Finalmente, ela freou, parando.

Os guardas que os tinham seguido a distância pararam quando chegaram a ela, mas Tavish andou cem jardas ou mais, antes de perceber que ela tinha parado. Depois voltou até ela.

— Está pronta para retornar ao castelo? É por isso que parou?

Ela sorriu.

— Não. Eu parei, porque queria falar com você. — Ela desmontou, o que ela poderia controlar sem ajuda, apesar de sua roupa. — Podemos caminhar um pouco?

Ele desmontou também.

— Podemos, mas não vejo a necessidade. Não tenho nada a dizer.

Ela olhou de soslaio para ele.

— Você fez isso dolorosamente óbvio. No entanto, o lado bom é que você não me interromperá enquanto eu falo. — Ela entregou as rédeas de Belle a um dos guardas.

Tavish arqueou uma sobrancelha para ela, entregando os seus também.

— Desculpe-me?

Ela virou e afastou-se na direção que eles tinham andado fazendo-o levar vários passos largos para alcançá-la.

— Você me ouviu corretamente. Eu tenho algumas coisas a dizer e é melhor tirá-las do caminho para que você possa parar de se comportar como um asno.

Sua boca se abriu e sua expressão era, ao mesmo tempo chocada e divertida.

— Bem, então, minha Lady, por favor, me ilumine.

Ela parou de andar e olhou para ele.

— Está claro que você não está feliz com esta situação. Comigo estando aqui.

Ele teve a boa graça de parecer arrependido.

— Não tem nada a ver com você, pessoalmente.

Putá merda. Os homens, em qualquer época, eram iguais? Ele vai realmente dar-lhe a versão medieval do discurso “Não é você, sou eu”? Ela quase riu.

— É claro que não tem nada a ver comigo. Você não me conhece e eu não fiz nada de errado. Então eu só posso supor que há uma outra razão para você estar tão irritado. Talvez se me disser o que é, possamos passar por isso.

Ele capturou o olhar dela por um momento, em seguida, balançando a cabeça desviou o olhar.

— É simples. Eu não quero me casar. Ainda não, pelo menos. Me desculpe se decepcionei você, mas não estou pronto. Meu pai sabe disso, e mesmo assim, lhe trouxe aqui. Eu estava completamente inconsciente de que ele tinha feito isso até momentos antes de nós montamos para lhe receber.

Ah, agora Cassie compreendeu. Ele tinha sido surpreendido – tanto quanto Claire.

— Tavish, acredite em mim, eu entendo. Eu também não queria vir. Eu tive muito pouca escolha.

Ele franziu a testa.

— O que quer dizer?

— Quero dizer, que eu vivi na abadia pela maior parte da minha vida e eu estava feliz lá. — *Ou, pelo menos, Gertrude disse que Claire estava.* — Eu não queria sair e eu não quero me casar agora. Mas meu irmão não me deu escolha.

— Você deseja tomar votos?

— Eu realmente não sei. Coll sabia que eu estava considerando.

— Então por que fez você partir?

Ela encolheu os ombros.

— Se eu tivesse que adivinhar, diria que é culpa.

— Culpa? — Ele parecia atônito.

— Sim. Meu pai me mandou embora quando eu era muito jovem, e foi muito bom em me esquecer. Acho que Coll teme que eu faça votos porque não conheço outra vida. Ele queria que eu deixasse a abadia por alguns meses, para ver como é a vida fora de suas paredes. Depois que ele tiver

certeza de que sei do que estou desistindo, ele vai permitir que me junte a ordem.

— E lhe enviou aqui em vez de levá-la para casa?

— Ele me deu uma escolha. Eu poderia vir aqui ou voltar para Lewis, mas eu teria que deixar a abadia.

Suas sobrancelhas se uniram.

— Se você não quer casar, por que escolheu vir aqui?

Cassie pensou sobre como responder a isso. A verdadeira razão – *que seria mais fácil não ter que fingir amnésia* – não iria funcionar. Ela suspirou, lembrando de sua própria vida e estar longe no internato. Quando se formou, ela não tinha feito a escolha de ir para casa. Ela nem ao menos tinha escolhido ir para uma faculdade que seus pais aprovaram. Ela se rebelou e escolheu algo diferente, uma experiência completamente nova. Parecia razoável dar-lhe uma resposta baseada na verdade da sua própria vida.

— Eu suponho que, uma vez que me resignei ao fato de que teria que deixar a abadia, pelo menos momentaneamente, decidi que eu posso também fazer melhor. Voltar a antiga vida que deixei há dez anos parecia inútil. Eu queria experimentar algo novo.

— Assim, veio aqui sabendo que não tinha intenção de se casar comigo?

Ela riu.

—Não fique tão ofendido. Eu não disse isso. Suponho que, se as coisas tivessem corrido muito bem e houvesse qualquer atração entre nós, eu poderia tomar a decisão de ficar. Mas nós nunca saberemos. Você não quer se casar, lembra?

Ele inclinou a cabeça, capturando o olhar dela novamente.

— Então eu não preciso me preocupar em quebrar seu coração?

— Não, você não tem. — *Meu coração estava quebrado antes que eu chegasse.*

— Então, podemos apenas deixar essa farsa de lado?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não acho que seja o melhor plano para nenhum de nós.

— Por quê?

— Porque, goste ou não, você sabe que, eventualmente, deve se casar. E, goste ou não, eu não posso voltar para a abadia por quase dois meses. Então talvez nós possamos nos beneficiar. Eu posso ver como o mundo é fora da abadia e você pode começar a se acostumar com a ideia de permitir que uma mulher entre em sua vida, sabendo que é apenas temporário.

— E se você decidir que não quer voltar para a abadia depois disso?

— Estou bastante certa de que vou voltar para a abadia, mas se não, eu volto para Lewis. Vou dizer ao meu irmão que não éramos compatíveis. Quem sabe? Talvez ele encontre um homem que deseje casar comigo e que me ame.

Uma carranca fugaz atravessou seu rosto.

— Eu não tenho dúvida de que se optar por não voltar para a abadia, seu irmão não terá qualquer dificuldade em encontrar alguém que vai adorá-la. Você merece isso. — Quase como uma reflexão tardia, acrescentou — Toda mulher o merece.

Seu coração foi pego. A mãe de Tom costumava lhe dizer: *Seja gentil, aja com o coração e sempre tenha a certeza de que ela sabe que você a adora. Toda mulher merece isso.* Cassie nunca havia duvidado que Tom a adorava. Mas isso era o seu passado e esses sessenta dias foram feitos para ajudá-la a se curar. Ela não estava à procura de amor ou adoração agora – apenas paz.

— Bem, isso não está aqui e nem lá. Eu não estou procurando um marido. Eu só quero sentir a vida. Quero conhecer novas pessoas e experimentar coisas novas. Quero galopar pelas charnecas perseguindo o vento. Eu quero uma chance de correr descalça junto ao mar novamente. Eu quero sentir o sol no meu rosto em um dia brilhante e tocar o céu. E mesmo que seja apenas uma vez, eu quero dançar. — Ela olhou para longe dele por um momento. — Talvez, se eu fizer essas coisas — *meu coração não vai doer tão terrivelmente* — Vou voltar para a abadia, com propósito renovado.

~ * ~

Havia algo tão triste e melancólico em sua voz, que Tavish sentiu um pouco do gelo em torno de seu coração derreter. Ele não se iludia. Ele não iria se apaixonar. Ele não podia. E só por isso ele sabia que esta, bonita, doce, e audaciosa mulher não era para ele. Mas de alguma forma não poderia imaginar que uma moça que queria “perseguir o vento” e “correr descalça ao lado do mar” pudesse também escolher a vida religiosa. Ela merecia envelhecer ao lado de um homem com o mesmo entusiasmo pela vida que ela tinha e que a amasse acima de tudo. Talvez ele pudesse ajudá-la a ver isso também.

Mas, no entanto, se nada mais, ele iria vê-la dançar.

— Bem você está certa sobre o fato de que eu não posso evitar o casamento e eu estava me iludindo em pensar que poderia ser deixado de fora para sempre. — Ele lhe deu um olhar de soslaio. — E você também está certa sobre o fato de que não lidei com sua chegada aqui muito bem.

— Eu não disse isso.

— Você me chamou de asno.

— Eu não. — Ela sorriu. — Eu disse que estava se *comportando* como um asno. Há uma grande diferença.

Ele riu.

— Tudo bem, eu estava me *comportando* como um asno, um sinal claro de que eu não estava lidando bem com as coisas. E eu sinto muito por isso.

Ela deu de ombros.

— Não importa. Você estava chateado com seu Pa, não comigo.

— Mas com você, eu estava me comportando como um asno, não com o meu Pa.

— Então você já aprendeu uma lição para o futuro. Se você estiver com raiva ou chateado com alguma coisa que alguém tenha feito, não o desconte em sua esposa.

Ele riu.

— Vou tentar lembrar disso.

Ela sorriu, mas não chegou a atingir os olhos. Mais uma vez, ele sentiu uma profunda tristeza nela e por um momento ele não queria nada mais do que bani-la.

Como se sabendo que ele podia lê-la, ela desviou o olhar.

Ele estendeu a mão e tocou-lhe o queixo, virando o rosto para ele.

— Agora, que tal montar de novo, galopar através deste campo aberto, e *perseguir o vento*?

Capítulo 8

Cassie achou a ceia naquela noite uma experiência muito mais agradável do que as últimas. Não houve carrancas teimosas, quer por Tavish ou seu pai, e a conversa foi agradável. O desjejum na manhã seguinte foi a mesma coisa.

Antes de deixar a mesa, Tavish disse

— Claire, existem algumas coisas que devo atender hoje, mas amanhã é domingo. Se o tempo estiver bom, eu pensei em passarmos o dia juntos. Talvez nós possamos montar até um trecho de areia junto ao mar. Você mencionou que gostaria de fazer isso.

Ela lhe lançou seu sorriso mais brilhante.

— Isso soa maravilhoso. Eu adoraria.

Ele tomou uma de suas mãos e beijou-a.

— Até mais tarde então.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim, até mais tarde. — Evidentemente, ele tinha tomado a sua discussão com o coração. Se ele estivesse realmente tentando ganhar afeições de uma menina, este seria certamente um bom começo.

Quando Tavish e Laird Ranald deixaram a sala, Lady Ranald se inclinou mais perto e perguntou baixinho:

— Como você fez isso?

Cassie riu.

— Como é que eu fiz o que?

— Tirar Tavish do humor no qual ele tem estado?

— Você me dar muito crédito. Eu não fiz nada. Foi o Laird Ranald quem lhe lembrou de seu dever.

— Pode ser, mas ele ainda estava com raiva quando saiu ontem com você.

— Não, ele não estava. Você mesma disse que ele estava sorrindo.

— Sim, mas eu não tinha dúvida de que seu mau humor não tinha sido dobrado para muito longe. Mas ele certamente tinha se acalmado no momento em que retornou. Ele foi positivamente encantador no jantar da noite passada.

Cassie deu de ombros.

— Talvez seja o momento de lazer que fez isso.

Lady Ranald praticamente bufou.

— Estou bastante certa de que não foi suficiente para acalmar sua ira, mas você não precisa me dizer, se você não deseja. Eu estou apenas grata que ele mudou de ideia e aceitou o compromisso com você.

Cassie não iria negar-lhe esta noção. Afinal de contas, ele *tinha* chegando a um acordo com a ideia do casamento – mesmo que não fosse com ela.

— Estou feliz que você esteja satisfeita.

Ela acariciou a mão de Cassie.

— Extremamente satisfeita, minha querida moça. Extremamente satisfeita. Agora, vamos começar o nosso dia?

— Sim, minha Lady. — Cassie acompanhou Lady Ranald enquanto ela geria o castelo, se encontrava com o administrador, com o chefe da cozinha e a governanta. Quando isso acabou, a mulher mais velha sugeriu passar o resto da manhã em seu solar.

— Eu estou trabalhando em uma tapeçaria e você pode trazer suas tintas e pincéis para trabalhar em sua pintura.

— Muito obrigada, minha Lady. Gostaria muito. Eu só preciso buscar um ovo, uma tigela e um jarro de água da cozinha, a fim de misturar minha pintura.

— Só busque o que precisa em sua câmara. Vou mandar uma criada pegar o resto.

Cassie teve de fazer duas viagens. Primeiro ela trouxe o cavalete e a caixa de madeira contendo os pincéis de Claire, toalhas, pigmentos e pequenas tigelas para a preparação de tintas. Em seguida, ela voltou com sua paleta e a pintura inacabada da Virgem e da cerejeira.

Lady Ranald já havia posicionado o cavalete perto da janela através da qual o sol brilhante da manhã entrava. E ela tinha colocado uma mesa de trabalho nas proximidades. Ela olhou para cima quando Cassie entrou na sala.

— Eu estava pensando que seria um bom lugar para você trabalhar, pois terá várias horas de pleno sol.

— Isso será perfeito, minha Lady. Agradeço.

Lady Ranald sorriu antes de atravessar a sala para seu quadro de tapeçaria.

Cassie colocou o painel de madeira no cavalete e examinou à luz. Tinha sido moldado e revestido com gesso branco, e temperado com um verniz de resina. Ela encontrou gesso, zinco, e o que ela assumiu ser grãos de cola de coelho entre os suprimentos de Claire, de forma tão clara a menina tinha sido capaz de fazer gesso sozinha. Cassie tinha usado os mesmos ingredientes para fazer o gesso com que tinha preparado o retábulo que ela fez na escola preparatória. Havia também uma bolsa de couro contendo pedaços do que parecia ser resina solidificada – talvez âmbar. Claire teria dissolvido este em álcool para criar o verniz.

O resultado era um painel de madeira com uma superfície branca suave que não iria absorver a tinta.

Claire tinha completado a maior parte do fundo, bem como a imagem de Nossa Senhora. A árvore de cereja era o principal componente deixado para terminar. Então Cassie preparou várias pinturas usando terra verde, malaquita e verdite. Ela misturou os marrons usando diferentes quantidades de ocre e ferrugem. Também misturou tinta branca. Tomou cuidado para não tocá-lo. Ela assumiu que o pigmento era carbonato de chumbo, o único pigmento branco usado por centenas de anos. Ela sabia que chumbo era tóxico e podia ser absorvido através da pele. Por esta razão, a tinta branca que ela usou em seu projeto de escola preparatória, foi a única coisa que não era autêntica, tinha usado zinco em seu lugar.

Uma vez que a pintura foi misturada, ela preparou sua paleta e pegou um pincel. Naquele momento, ela estava impregnada de calor e seus dedos formigavam. Era quase como se a parte de Claire que permanecia dentro dela tivesse despertado quando ela segurou o pincel na mão.

Cassie deixou o calor fluir e começou a pintar. Ela ficou tão envolvida com a pintura que perdeu a noção do tempo.

Uma voz suave penetrou seu transe.

— Claire. Claire, querida. — Lady Ranald estava ao seu lado.

— Oh, minha Lady, eu sinto muito. Eu estava tão focada no meu trabalho. Eu acho que não a ouvi.

Ela sorriu calorosamente.

— Eu percebi. Assisti-la foi... bem... encantador. Mas devemos ir até o grande salão para a refeição do meio-dia.

Cassie sentiu um rubor quente inundar suas bochechas. Ela se sentiu encantada.

— Sim, é claro. Eu só vou cobrir as minhas pinturas. — Ela molhou uma das toalhas, espremendo para fora a maioria da água e cobriu as pequenas tigelas em que ela misturou a tinta.

Nem Tavish nem o pai estavam presentes na refeição do meio-dia de modo que Boyd correu para tomar o assento ao lado de Cassie.

Ele manteve a conversa durante a refeição.

— Lady Claire, Mam disse que você gosta de pintar.

— Sim, eu gosto.

— Onde você aprendeu?

— Na abadia. — Certamente era o único lugar que Claire poderia ter desenvolvido seu talento já que tinha vivido lá desde que ela tinha oito anos.

— O que mais aprendestes na abadia?

Claire riu.

— Bem, eu suspeito que praticamente tudo o que sei, uma vez que eu vivi lá por tanto tempo.

— Mas que tipo de coisas que sabes, além da pintura eu quero dizer?

— Eu posso ler e escrever em várias línguas.

— Eu posso ler gaélico. E Padre Paul está me ensinando a ler em latim.

— Isso é muito impressionante. — Cassie reprimiu um sorriso quando o rosto de Boyd se dividiu em um enorme sorriso com seu elogio.

— Você sabe fazer contas? Eu sei fazer contas — ele disse com orgulho.

— Sim, eu sei — *E álgebra e geometria e cálculo.* — E você gosta de aprender todas essas coisas?

Ele fez um expressão como se ele estivesse considerando sua resposta.

— Às vezes eu prefiro ficar aprendendo a usar uma espada, mas eu gosto de saber essas coisas. E a única maneira de saber coisas é aprender a ler e fazer contas e tudo mais.

— Isso é verdade — ela concordou. — E enquanto tiveres um livro para ler, você nunca estará sozinho. É como se você tivesse com um amigo.

Boyd fez uma careta.

— Você era solitária na abadia?

Cassie piscou, sem saber o que dizer. Ela certamente tinha sido muito solitária em sua vida, mas e Claire? Então, quase como se Claire estivesse sussurrando em seu ouvido, ela ouviu, *Sim*. E lá no fundo, ela sabia a resposta.

— Boyd, eu amo as irmãs da abadia e elas me amam. Mas, sim, houve momentos, especialmente quando eu era mais jovem, que me senti muito solitária. Eu perdi a minha família. — Ela sorriu quando um pensamento surgiu em sua cabeça. — Eu senti falta de barulho.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Barulho?

Barulho? Ela não tinha certeza de onde isso tinha vindo, mas ela sabia que era verdade.

— Sim, o barulho. O sagrado silêncio fazia parte da vida na abadia.

— E você não gostava disso?

Ela riu.

— Eu não diria isso. Há paz para ser encontrada no sagrado silêncio. Mas as vezes, quando você é apenas uma criança, você quer correr, gritar e se divertir.

— E você não podia?

Ela riu.

— Não todas as vezes que eu queria.

Ele assentiu sabiamente, como se entendesse completamente.

— Então, além de ser silencioso, como é viver em uma abadia.

Cassie fez uma careta. O que ela poderia dizer? Ela tinha estado confiante sobre o sagrado silêncio. Tinha sido uma parte da vida monástica desde os primeiros tempos. Ela não tinha certeza se poderia fingir sobre isso. Tudo o que ela sabia era o que tinha visto nas poucas horas que tinha estado lá. Mas ela percebeu que não era sua única fonte. Por estudar história social medieval sabia sobre os diferentes tipos de abadias que existiam, como eram estruturadas e os papéis que desempenharam na vida dessas pessoas. Então também, ela estava bastante certa de que Boyd não saberia se ela desse os detalhes errado.

— Saint Avoca é uma abadia contemplativa. As irmãs gastam muito do seu tempo em oração.

— Para quem?

— Todos nós, realmente.

— E eles não fazem qualquer outra coisa?

Cassie riu.

— Não exatamente. Há trabalho a ser feito para manter a abadia e as pessoas que vivem ali. Jardinagem, cozimento, limpeza, lavanderia. Se você pensar em todas as coisas que sua mãe garante que sejam realizadas aqui, a maioria também tem que ser feito na abadia.

— Mas todo o resto do tempo era gasto orando.

— Um monte dele era.

— E você teve que rezar todo esse tempo também?

— Mas o suficiente para Hugh — a mulher mais velha continuou. — Estás absolutamente certa de que queres fazer isso? Eu não posso imaginar Boyd mantendo o tipo de foco que você quando pinta.

Cassie sorriu.

— Eu suspeito que com a idade de dez anos, eu não tinha a mesma capacidade de concentração que eu tenho agora. E, na verdade, eu não me importo.

Boyd estava praticamente saltando para cima e para baixo em seu assento.

— Mam, por favooooooooor.

Sua mãe inclinou a cabeça.

— Eu não vejo razão para não, tenho certeza que seu Pa não vai se importar, desde que você não o deixe interferir com suas outras lições.

— Agradeço, Mam. Lady Claire, posso começar hoje?

Sua mãe franziu a testa.

— Boyd...

Cassie sorriu, um pouco animada com a perspectiva de compartilhar seu conhecimento também.

— Lady Ranald, tudo bem por mim, enquanto você não se importar. Todas as minhas coisas estão lá de qualquer maneira.

Lady Ranald sorriu para seu filho excepcionalmente animado e disse:

— Muito bem. Você pode ir ao meu solar depois que tivermos terminado nossa refeição.

Ele pulou de seu assento.

— Eu terminei, agora.

— Mas nós não terminamos — disse sua mãe. — Sente-se e exercite um pouco de paciência.

Quando a refeição terminou, Boyd praticamente correu para o solar de sua mãe, fazendo com que a boa mulher risse.

— Posso dizer, honestamente, que eu nunca vi um dos meus filhos tão animado para passar a tarde dentro de casa.

— Minha Lady, está certa de que não se importa que eu faça isso?

— Nem um pouco, moça. Devo confessar algo. Quando estava falando sobre a solidão na abadia e que enchia seu tempo com a leitura e pintura, eu entendi o que sentia.

— Mas, minha Lady, você é cercada por sua família e clã.

Ela sorriu tristemente,

— Sim, mas, acredite ou não, é possível se sentir solitária, mesmo no meio das pessoas que você ama.

Querido Deus! Cassie sabia que isso era absolutamente verdadeiro.

— Veja, Claire, como você, meu casamento com Laird Ranald foi arranjado por meu pai. Eu vim aqui como Lady Ranald. As mulheres do clã Ranald foram gentis e acolhedoras, mas o fato é que eu era sua Lady. É mais difícil ficar próximas de pessoas que devemos chamar de “minha Lady”.

Cassie franziu as sobrancelhas.

— Eu acho que não tinha pensado nisso.

— Não me interprete mal, eu me importo profundamente com as mulheres do meu clã. Ainda assim, há uma distância. Eu sempre imaginei que eu teria filhas e passaria meus dias criando-as para serem boas mulheres. E, em seguida, ajudá-las a criar suas famílias. — Lágrimas brotaram de seus olhos. — E eu tive filhas. Quatro delas. Minha primeira filha nasceu três anos depois de Tavish, só que ela veio muito cedo e nunca respirou. A segunda moça era terrivelmente pequena e frágil. Ela viveu

apenas alguns dias. Tavish tinha quase oito e Hugh tinha três anos e meio quando a nossa terceira filha, Margaret, nasceu na primavera. Ela era uma boa menina pequenina, saudável. — Lady Ranald lhe deu um pequeno sorriso triste. — Mas ela adoeceu em novembro daquele ano, quando uma terrível doença varreu a vila. Muitos dos idosos e os muito jovens morreram. — Ela pareceu piscar para conter as lágrimas. — Margaret estava entre eles. Eu temia por Hugh também. Ele tinha apenas quatro anos e ficou doente, mas se recuperou. — Ela olhou para longe por um momento, então suspirou e continuou. — Depois que eu perdi várias outras gestações. A minha última filha nasceu dois anos antes de Boyd. Mas como a segundo menina, ela era frágil e não viveu além de algumas semanas.

— Oh, minha Lady, eu sinto muito.

— Obrigada, querida. Eu amo meus filhos, mas eu não vou mentir. Eu esperei para que eles se casassem e, finalmente, pudesse ter filhas, mesmo que apenas por casamento, e, claro, netas. Me emocionou muito quando eu descobri que virias.

Oh, Deus! A esperança e o desejo que Cassie sentia por Lady Ranald agarrou seu coração. Naquele momento, ela sabia que não importava o que acontecesse, ela não poderia retornar ao seu próprio tempo, enquanto ela estivesse aqui no Castelo Ranald. Seria terrível para Lady Ranald perder outra filha para morte.

As sobranceiras de Lady Ranald se franziram.

— Oh, Deus! Eu não tive a intenção de pressionar-lhe. Eu sei que você não tomou uma decisão ainda. É o suficiente que você esteja aqui e disposta a considerar um noivado. E que Tavish também pareça estar um

pouco mais aberto à ideia. Eu só queria que você soubesse o quanto eu gosto de tê-la aqui.

— Obrigada, minha Lady. É muito gentil de sua parte. — Cassie decidiu que o curso mais seguro era o mais simples. Mudar o assunto. — Bem, se eu vou começar a ensinar Boyd sobre a pintura, eu preciso buscar algo no meu quarto. Devo encontrá-la em seu solar?

— Sim, moça. Isso vai ser bom.

Cassie correu para seu quarto. Entre os suprimentos de arte havia vários pedaços de madeira que tinham sido preparados para pintar com gesso e verniz. Claire provavelmente tinha preparado várias superfícies de uma só vez quando fez um lote de gesso. Se Boyd permanecesse interessado em pintura, ela iria ensinar-lhe como fazer em outro momento. Se ela fosse ensinar uma criança a desenhar ou pintar em seu próprio tempo, ela teria começado com lápis, papel pesado e aquarelas. Mas Claire não tinha muito pergaminho e Cassie pensou que poderia ser difícil encontrar. Madeira era abundante.

Quando ela voltou para o solar da Lady Ranald, encontrou Boyd de pé e olhando para a pintura inacabada de Claire com uma careta no rosto.

— O que lhe atormenta, Boyd? — ela perguntou.

— Eu não posso fazer isso. Eu nunca poderia pintar assim.

Cassie sorriu para ele.

— Pode usar um arco e flecha?

— Sim, certamente eu posso.

— Pode caçar com um?

— Sim. Pequenas caças.

— E seu Pa e Tavish? Eles podem caçar maiores?

Ele franziu a testa.

— Não vê? Já houve um tempo em que você não poderia usar um

— E você acha que houve um tempo em que Tavish só conseguia fazer pequenas caças, ou não poderia disparar um arco?

— Sim. Ele teve que aprender como eu fiz. Por que me perguntas tudo isso? Você quer aprender como usar um arco?

— Bem, agora que você mencionou, sim, eu gostaria. Mas eu estava fazendo as perguntas para que você pudesse lembrar que se tem que gastar tempo aprendendo antes de fazer algo. Houve um tempo em que eu não sabia nada sobre a pintura. Alguém teve que me ensinar, assim como seu Pa lhe ensinou a usar um arco. Eu posso ajudá-lo a aprender a pintar, mas assim como você teve que trabalhar para usar um arco e melhorar suas habilidades, você terá que praticar para se tornar hábil nisso também. E você, provavelmente, não pode começar a pintar a Mãe de Deus, mais do que seu Pa começou a lhe ensinar caçando corças. Você começará a aprender o básico, em seguida, com a prática você desenvolverá habilidades mais complexas.

— Não, ainda assim, como eu disse, deves percorrer os mesmos passos para aprender algo novo. Então, você quer tentar?

O Presente – Ceci Giltenan



— Sim, eu quero.

— Bem, então vamos começar.

Ela mostrou-lhe o menor pedaço de madeira que trouxe e explicou como foi preparado para receber pintura.

— Se você descobrir que gostas de pintura, lhe ensinarei como fazer isso.

Ele prestou muita atenção a tudo o que ela disse.

— Há muito a aprender sobre as coisas que deves fazer antes que você possa começar a pintar. Mas, assim como seu Pa não começou a ensinar-lhe a atirar, mostrando como formar o arco ou amolar as setas, essas não são coisas que você precisa dominar imediatamente. O que se é necessário fazer primeiro é aprender a olhar para as coisas.

— Como olhar para as coisas? — Boyd olhou incrédulo.

Ela riu.

— Sim. Quero dizer realmente olhar para eles. Por exemplo, vem aqui para a janela comigo.

Ele a seguiu e ela apontou para um bosque de árvores na distância.

— Qual é a primeira coisa que notas quando olha para uma árvore?

— As folhas.

— Sim, muito bom. Mas um artista precisa entender o que está sob as folhas para ser capaz de capturar mais do que apenas a superfície. O que está sob as folhas?

— O tronco e galhos.

— Exatamente. Agora olhe para a árvore na minha pintura. Vês o tronco e os ramos?

— Apenas pedaços deles.

— Isso ajuda a prender a cor à superfície da pintura após a água evaporar.

— Não há muito disso e é muito escuro. Não é a cor do céu.

Juntos, eles misturaram tinta branca o suficiente para obter um tom muito mais claro do azul. Então eles adicionaram um pouco de ferrugem negra para torná-lo um pouco de cinza. Ela o avisou que tivesse cuidado para não sujar as mãos com a tinta branca.

Quando ele tinha pintado de azul um horizonte imaginário, ele olhou para o seu trabalho.

— Não está escuro o suficiente. Você ainda pode ver a superfície através da pintura. Devo colocar mais?

O Presente – Ceci Giltenan

adicionar outra camada amanhã à tarde. Isso deve ser suficiente para o fundo.

— Eu não sabia que demorava tanto tempo para pintar um quadro.

Ela sorriu para ele. Ele teria adorado pintar com as tintas acrílicas modernas ou lápis coloridos. Mas técnicas de pintura medievais exigiam paciência.

— Pode demorar um pouco, até mesmo para criar algo bastante simples. O próximo passo será o tronco e os galhos. E, finalmente, as folhas. Por enquanto, lave os pincéis, assim as cerdas não secam cobertas de tinta e você pode usá-los novamente.

Quando ele tinha terminado sua tarefa e partido, Lady Ranald abriu um largo sorriso para ela.

— Tens uma bela maneira de lidar com ele. Você será uma boa professora e tenho certeza, uma mãe maravilhosa.

— Obrigada, minha Lady. — Cassie havia gostado da tarde, compartilhando suas habilidades com ele. Ela não tinha certeza sobre a maternidade, mas tinha considerado ser professora, antes. Talvez fosse nisso que ela precisava colocar seu foco, quando voltasse ao seu próprio tempo.

— Ainda assim, eu não tenho certeza que ele vá ter paciência para aprender a pintar tão bem quanto você — a mulher mais velha disse gentilmente.

Cassie deu de ombros.

— Isso realmente não importa. É muito bom que ele queira tentar. E também, quando admirar uma arte no futuro, ele vai entender um pouco mais sobre o que foi necessário para criá-la.

—Sim. E eu suponho que saberá que é necessário olhar algo mais profundamente, para compreendê-lo melhor é uma regra que se aplica a muitas coisas. Há muito mais na construção de um castelo do que as pedras exteriores.

Cassie assentiu.

— E muito mais para construir um casamento do que colocar duas pessoas diante de um padre. — *Jesus, eu realmente disse isso em voz alta para uma mulher do tempo medieval cujo casamento foi arranjado?* — Uh... o que quero dizer é...

Lady Ranald a olhava, pensativa.

— Eu sei exatamente o que se quis dizer e você está absolutamente correta.

Capítulo 9

Tavish ficou inesperadamente satisfeito quando o domingo amanheceu quente e belo. Depois de sua discussão com Claire, dois dias antes, ele tinha sido capaz de deixar de lado a preocupação de que iria machucá-la se lhe desse qualquer indicação de que poderia estar aberto a um compromisso. E uma vez que isto fora posto de lado, ele percebeu que gostava muito de sua companhia. Admirava sua decisão de abraçar plenamente o sabor da vida fora da abadia, que havia sido lhe dado. E para sua surpresa, vivenciar com ela era delicioso.

Ela riu sem reservas à tarde que eles tinham cavalgado pela charneca, perseguindo o vento. Ele não tinha ouvido nada parecido em anos. Quando pararam e desmontaram para caminhar com os cavalos e dar-lhes um descanso, suas bochechas coraram e seus olhos brilhavam de alegria. Ela colheu vários ramos de urze roxas, que eram comuns nas charnecas no final de agosto.

— Não é lindo? Que belo tom de roxo — disse ela com admiração.

Ele riu.

— É apenas urze. Está praticamente em todos os lugares — disse ele, movendo a mão para mostrar os arredores.

Ela balançou a cabeça e o repreendeu com bom humor.

— Só porque é comum não significa que não seja lindo. Na verdade, pode ser ainda mais bonito por causa de sua abundância. Deus pintou este local de uma cor que é, simplesmente, gloriosa. E Ele fez isso ao vestir uma erva daninha humilde com cores que humanos não podem facilmente recriar.

Seu puro prazer em coisas comuns era contagiante. Ele olhou através da charneca, que tinha visto tantas vezes que se tornara comum e só agora, ele foi capaz de ver sua beleza de tirar o fôlego, através dos olhos dela.

— Você está certa. Eu nunca pensei nisso dessa forma.

Ele olhou ao redor novamente, seu olho parando em um pouco de urze branca.

— Isso não é algo que se vê muitas vezes. — Ele caminhou até ela e partiu um raminho e a entregou a ela .

— O que é isso?

— Porventura nunca vistas urze branca?

Ela sorriu.

— Não que eu me lembre.

— Bem, ela é extremamente rara e é um presságio da boa fortuna.

— Sêrio? Por que será?

— Diz-se que apenas crescem nos lugares onde uma fada deu seu último suspiro.

Ela riu.

— Eu não tenho certeza se acredito em fadas.

Ele sorriu.

— Eu também não tenho certeza se acredito. Mas este não é o único conto sobre a urze branca. Existe outra lenda trágica, mas muito romântica, sobre isso.

— Ooh, diga-me.

— Bem, conta-se que há muitos e muitos anos atrás, antes da história ser escrita, havia uma moça que estava muito apaixonada por um grande guerreiro. O guerreiro a amava tão ferozmente, e eles estavam noivos. Mas o destino agiu e ele foi morto em batalha. Enquanto ele estava morrendo,

arrancou um raminho de urze roxa e entregou-a a um companheiro para levá-lo de volta para sua noiva como sua despedida.

Talvez ele imaginara, mas, por um momento, ele pensou ter visto uma profunda tristeza em seus olhos.

— Isso é trágico — ela disse suavemente.

— Sim, e como você pode imaginar, o coração da moça estava irremediavelmente quebrado. Para sempre depois disso, ela vagou pelas Highlands, chorando e segurando o raminho de urze roxa em seu peito. Segundo a lenda, depois de sua morte, uma urze branca cresceu onde quer que suas lágrimas tinham caído. Aqueles que a conheceram acreditavam que era um sinal de que ela tinha se reunido com seu amado em sua vida após a morte.

Cassie tinha deslizado o raminho de urze branca contra seu rosto.

— Então é sorte, porque é um símbolo de amor reunido? Essa é uma bela estória.

Olhando para trás, aquela tarde, quando ele tinha sido forçado a passar tempo com ela, tinha sido uma das tardes mais agradáveis que tivera em anos.

Agora, a ideia de planejar fazer as coisas que ela desejava, deixava-o com o mesmo sentimento de excitação que Boyd tinha mostrado na ceia.

— Hoje, doce moça, você sentirá o sol em seu rosto e correrá descalça ao lado do mar — disse ele em voz alta. Mas se ele pudesse fazer algo para que ela vivesse suas experiências, ela não iria querer renovar o seu compromisso com a vida religiosa. Ele iria alimentar sua alma e ajudá-la a escolher um futuro fora dos muros da abadia.

Na missa, ele se ajoelhou ao lado dela novamente, estranhamente aquecido por sua presença. Após a bênção final, ele pegou a mão dela na sua.

— Está pronta?

— Para o quê?

— Sua memória é tão fugaz? Ontem de manhã, eu prometi que, se o tempo estivesse bom, nós passaríamos o dia juntos hoje.

Sua risada musical borbulhava.

— Eu não tinha esquecido. Eu só estava perguntando o que tinhas planejado.

— Estamos indo para o mar. Onde podes correr descalça na areia, sentir o sol em seu rosto, e talvez tocar o céu.

Ela deu um sorriso largo.

— Então, eu estou pronta. Devo ir para a cozinha e buscar algo para a nossa refeição do meio-dia?

Tocou-lhe o nariz.

— Isso já foi arrumado e a guarda foi arranjada. Eu só preciso selar nossos cavalos. Espere na frente do castelo por mim.

— Você disse que estão indo para o mar? — perguntou Boyd. — Posso ir também?

Por nenhuma razão lógica, Tavish estava prestes a dizer não. Afinal de contas, ele e Claire tinham um entendimento, eles não estavam namorando porque nenhum deles queria se casar. Então, por que, iria importar se seu irmão mais novo viesse também?

Mas antes que ele pudesse encontrar uma razão pelo qual Boyd não deveria ir, Claire disse:

— Eu não vejo por que não. Se estiver tudo bem para seus pais.

Assim, para consternação de Tavish, enquanto cavalgavam para fora da fortaleza, seu irmão mais novo assumiu uma posição ao lado de Claire e começou seu fluxo típico interminável de conversa. Mas não demorou muito para Tavish perceber que era realmente uma coisa boa.

Boyd mantinha Claire conversando e rindo, e Tavish gostava bastante do som de sua risada.

Demorou quase duas horas para atravessar do Castelo Ranald a seu porto coberto, através das colinas rochosas, pelo amplo areal na ponta ocidental da península. Havia pequenos trechos de areia no lado sul, mas este, no Mar Hebridean eram semelhantes aos que ela se lembrava de sua infância no ocidente de Lewis. Ele acreditava firmemente que isto, mais do que qualquer outra coisa, iria lembrá-la do que ela deixaria para trás, se ela voltasse para a abadia.

Assim que eles saíram das colinas e a costa ficou à vista, Claire parou seu cavalo, para dar um olhar reverente.

— É tão bonito. Eu sempre amei o mar.

— Eu pensei que Saint Avoca fosse bem longe do oceano.

— Sim, mas eu cresci em Lewis. Só porque eu não tenho estado próxima a ele, não significa que eu não o ame.

— Não, claro que não. Mas, se estás a fazer votos, você pode nunca mais vê-lo novamente.

— Você não quer casar, ou esqueceste? — ela disse calmamente.

Não querendo ser ouvido por Boyd ou os guardas, Tavish respondeu em um tom igualmente baixo.

— Eu não esqueci. Mas só porque eu não quero me casar, não significa que você não deve — disse ele, ecoando suas palavras. — Afinal de contas, eu não sou o único homem disponível nas Highlands.

Ela riu.

— Estou certa de que você não é. Ainda assim, eu suspeito que a abadia é o melhor lugar para mim.

— Tão longe do mar que você ama?

Ela encolheu os ombros.

— A vida religiosa exige sacrifícios.

Ele não iria discutir com ela agora. Era suficiente que ele tivesse feito seu ponto.

Boyd colocou-se perto deles.

— Por que estamos parados aqui? Vamos.

Claire sorriu para o pequeno irmão ousado de Tavish.

— Sim, vamos. — Ela fez seu cavalo começar um galope.

Boyd gritou e fez a mesma coisa.

Tavish riu de sua exuberância e os seguiu.

Quando chegaram ao areal, ela desmontou de Belle e tirou os sapatos imediatamente. Levantou a saia e mexeu os dedos dos pés na areia, suspirando como se isso lhe desse o maior prazer na terra. Ela se virou para eles e riu antes de içar a saia um pouco mais alto e correr pela areia à beira do mar.

Boyd simplesmente sentou-se em seu cavalo, olhando-a, como se ela fosse algo encantado. E ao vê-la assim, Tavish poderia entender o porquê.

Depois de um momento apenas imerso em sua alegria, ele desmontou, entregou seu cavalo e o dela para um guarda cuidar, e se juntou a ela.

Ela se aproximou da área úmida onde as pequenas ondas quebravam antes de apressar-se para a areia. Ela gritou e riu quando a água inundou os dedos dos pés descalços.

— Está tão frio.

Ele riu também.

— Sim, mas eu não posso imaginar que seja mais frio do que o que você encontrava em Lewis.

— Não, eu não acho que seja. Eu acho que eu esqueci. — Ela se levantou, olhando em volta, como se absorvesse tudo. — É verdadeiramente lindo, Tavish. Obrigada por me trazer aqui.

— Será que lhe lembrar de casa?

Um sorriso estranho – um que ele não conseguia interpretar – surgiu em seus lábios. Era quente e feliz, e ainda tingido com outra coisa. Algo que não se encaixava em seu humor alegre.

— Sim, faz lembrar-me de casa.

Ele tomou uma de suas mãos.

— Isso lhe entristece?

Ela olhou para ele.

— Na verdade não. Nostálgica, talvez. Mas as lembranças são coisas maravilhosas.

Ele concordou e apertou sua pequena mão.

— Realmente são.

~ * ~

Ela olhou para ele por um longo momento, antes de olhar para o mar novamente. Ela fechou os olhos, lembrando de outra margem, outra época. Era a terça-feira de Ação de Graças do ano passado, meses antes de Tom ficar doente. Semanas antes disso, tinha sido convidada para passar o fim de semana de férias na casa dele, e era para lá que ela queria ir. Mas apenas alguns dias antes, seus pais decidiram passar o feriado em sua casa em Hamptons. Ela recebeu o texto dizendo-lhe sobre isso no sábado. Imediatamente ligou para sua mãe para explicar que já tinha outros planos.

Mas sua mãe se recusou a ouvir, insistindo que Cassie devia passar a Ação de Graças com a família.

— Afinal de contas, Cassandra, faz anos que não passamos a Ação de Graças juntos.

E para Cassie, *este* era o ponto. Se eles não tinham passado juntos em anos, por que, de repente, era tão importante?

Ela lembrou de ter ficado muito decepcionada e irritada. Sob o stress de tudo isso, ela explodiu em lágrimas nos braços de Tom durante a noite.

— Porque é que eles fazem isto? Eles sempre deram pouca consideração aos filhos ou feriados. Eles podiam tentar passar o Natal com a gente, mas eu não posso te dizer o número de outros feriados ou aniversários que Sloan e eu celebrávamos com a equipe ou apenas ficávamos na escola. Agora que eu tenho pessoas que realmente me amam e querem passar algum tempo comigo, eles vem invadir e insistir que eu vá para Hamptons?

— Cassie, eu tenho certeza que seus pais te amam. Talvez eles estejam começando a perceber o quanto, e que você está se distanciando deles.

Mas perturbada como estava, isso não tinha sido o que Cassie queria ouvir, e isso só trouxe uma nova onda de lágrimas.

Quando tinha recuperado um pouco de compostura, Tom inclinou seu rosto para que o olhasse.

— Você tem alguma prova ou qualquer coisa para as aulas de amanhã?

— Eu tenho um *quiz* em História da Religião às oito. Mais nada.

— Eu tenho que estar na minha primeira aula também, mas depois disso estou livre. Às nove e meia o tráfego deve estar livre. Supostamente será um bom dia. O que você acha de abandonarmos o resto das nossas

aulas e irmos para a praia? Podemos estar em *Ocean City* ao meio-dia. Nós vamos caminhar na praia, construir castelos de areia...

— *Congelados* — acrescentou.

Ele riu.

— E então saborearemos chocolate quente em um aconchegante café para nos aquecer. — Na sua expressão cética, acrescentou outra tentação, — Podemos jantar no restaurante que tem o frango frito e biscoitos de batata-doce que você ama.

Ela sorriu.

— Bem, agora você acertou.

— Nós vamos passar o dia todo. Se partirmos por volta das nove da noite, vamos estar de volta antes da meia-noite.

— Minha equipe de segurança estará em nossos calcanhares durante todo o dia.

— Você sabe que isso não me incomoda. Além disso, eles também gostam do frango frito e vamos levar uma caixa de caramelo de água salgada⁷ para a volta.

Tinha sido um dia perfeito. Eles tinham feito todas as coisas praianas que amava, incluindo andar descalços, de mãos dadas, deixando as ondas geladas passar sobre seus pés.

Ali agora, com os olhos fechados, ela deixou a sensação da água fria em seus pés, levá-la de volta. A memória não causou a dor ardenteafiada que ela temia. Ela abriu os olhos e se virou para olhar para Tavish novamente.

— Você estava perdida em uma dessas lembranças maravilhosas? — ele perguntou.

⁷ NT: Taffy de água salgada é uma variedade de caramelos produzidos e comercializados em algumas regiões dos Estados Unidos a partir de 1880

Ela sorriu.

— Sim, eu estava.

— Importa-se de compartilhá-la?

Ela encolheu os ombros.

— Foi apenas um dia feliz no litoral.

Boyd chamou-os de onde os guardas tinham deixado os cavalos.

— Estão com fome? Nancy enviou as sobras do capão assado de ontem à noite. E *bannocks*⁸, queijo e maçãs frescas.

— Está com fome? — perguntou Tavish. — Se deixarmos Boyd, pode não haver mais nada em breve.

Ela riu.

— Sim, estou com fome e eu gostei bastante do capão na noite passada.

Os guardas tinham espalhado a refeição em uma das grandes rochas planas que pontilhavam a praia. Enquanto comiam, os homens provocavam Tavish, dizendo contos dele quando menino. Cassie riu até que sua barriga doesse.

— Sim, Tavish era um pequeno atrevido e ficou pior à medida que cresceu. Mas uma vez que ele começou a treinar tudo mudou. Ele levou isso muito a sério — disse Hendry, um dos guardas.

— Onde fez seu treinamento? — ela perguntou.

— Eu treinei com o Clã Matheson. Principalmente sob Laird Edward Matheson. Ele faleceu durante meu último ano lá, assim eu terminei o treinamento com seu filho, Laird Dougal Matheson. Dougal é um bom homem. Tão habilidoso quanto seu pai. Eu gostaria muito de retribuir o favor algum dia. Seu filho mais velho, Tadgh, está em treinamento com

⁸ NT: Bannocks – pão redondo e plano, normalmente feito sem fermento. Associado a Escócia e Norte da Inglaterra.

Laird Chisholm mas meu pai ofereceu Robbie para vir aqui quando ele estiver velho o suficiente.

Cassie franziu a testa, lembrando que o irmão mais novo de Claire Darach começou o treinamento no mesmo ano que ela foi enviada para a abadia, ele tinha sete anos na época.

Evidentemente observando sua carranca, Tavish perguntou:

— O que te incomoda?

— Nada.

— Algo trouxe aquela essa carranca para seu rosto e alguém me disse uma vez que se pode ir para o inferno por mentir do mesmo modo que pode ir por roubar.

Ela riu.

— Eu não estava carrancuda. Eu só estava...

— O quê? — Ele cutucou depois que sua voz sumiu.

— Bem, eu sei o que é ser mandada embora e eu só estava me perguntando o que se parece constitui *idade suficiente*?

Sua testa franziu.

— Como você, eu tinha oito anos quando fui embora para treinar. E em geral, eu acho que é muito jovem, foi provavelmente a melhor coisa para mim.

— Como o envio de uma criança de oito anos para longe, poderia ser a *melhor coisa*? — Ela tinha sido enviada para um colégio interno aos nove anos e ela não achava que fosse a *melhor coisa*.

— Sinto muito pelo o que seu pai fez, Claire. Mas garanto, em meu caso era melhor. Minha mãe tinha dado à luz a minha irmã, Margaret, naquela primavera. E como recentemente ouviste os homens do meu Pai, eu era apenas um pequeno selvagem e só piorava. Fiz coisas perigosas. Um

dia, quando Margaret tinha um par de meses de idade, eu pensei que seria engraçado escondê-la de minha mãe. Eu furtivamente a tirei do berço onde dormia e a coloquei em um dos armazéns. Antes que minha mãe percebesse que ela tinha desaparecido, eu fui, aparentemente, distraído com alguma coisa e sai para jogar, esquecendo do que eu tinha feito.

As mãos de Cassie voaram para a sua boca.

— Oh, meu Deus.

Hendry disse:

— Pior do que isso, ele retornou ao castelo várias horas mais tarde e Lady Ann estava absolutamente fora de si. Primeiro, ele tentou convencer seus pais de que ele não sabia o que tinha acontecido. Em seguida, ele sugeriu que Hugh, de apenas três anos e meio, tinha feito isso. Quando ele finalmente admitiu, ele riu, incapaz de ver o perigo no que ele tinha feito. Laird Ranald bronzeou sua pele e começou a fazer arranjos imediatamente para ele ir para o treinamento.

Seamus, outro guarda disse:

— Lady Ann também não queria que Tavish fosse mandado embora tão jovem, e ficou deprimida. Mas eles já haviam perdido duas outras filhas e o medo por esta tinha preocupado o Laird.

Hendry assentiu.

— Parecia ser o que Tavish necessitava porque ele prosperou. Quando a pequenina bebê Margaret morreu naquele o outono, o Laird considerou trazê-lo para casa por um tempo. Mas as coisas estavam indo tão bem que Laird Matheson o fez mudar de ideia.

Tavish capturou seu olhar.

— Então, para mim, oito era a idade certa. O filho mais velho de Laird Matheson tem dez e só recentemente começou a sua formação. Meu pai

não enviou Hugh até que ele tinha doze anos e eu acredito que ele vai esperar pelo menos esse tempo para Boyd.

— Parece apenas triste para mim.

— E, no entanto, uma decisão foi tomada com você na idade de oito que lhe parece boa o suficiente o resto de sua vida.

Ela inclinou a cabeça.

— Esse é o segundo comentário que fizeste para mim hoje sobre a abadia. Você não precisa se preocupar sobre isso. Assim como você gostou do treinamento, a vida na abadia me agradou.

Eles estavam descendo uma ladeira escorregadia. Ela não gostava de mentir e não podia dizer honestamente que iria escolher uma ordem religiosa. Mas Tavish estava feliz o suficiente por não se casar com ela e por amor a Lady Ranald, Cassie tinha que deixar o Castelo Ranald antes de seus sessenta dias acabarem. Então, ao voltar à abadia iria conseguir isso. No momento, uma mudança de assunto seria bom.

Ela se levantou, limpou a areia de suas roupas e disse:

— Eu acredito que novamente é hora de correr mais um pouco descalça na areia. Não é provável que vou ter muitas oportunidades para fazer isso como uma mulher casada ou uma freira.

Afastando-se, ela levantou as saias e correu para a água.

Boyd a seguiu, correndo para o mar até que a cintura estivesse submersa, mas ela parou na areia molhada. Girou, estendendo os braços para o céu azul imaculado, pois sabia que bons dias quentes como este eram raros na Escócia e então se sentiu verdadeiramente abençoada por experimentar a mais bela e intocada praia que já tinha visto em toda sua vida. Mesmo nos lugares mais belos que conhecera no Caribe ou no Pacífico Sul, havia sempre sinais de humanidade na forma de plástico e

outros pedaços de lixo misturado com as conchas, algas e troncos na marca de maré alta.

Boyd afundou na água, e ela correu ao longo da borda da água, perseguindo as ondas como tinha feito quando era uma menina. Correndo em direção à água quando uma onda recuava, ficando logo atrás dela, e em seguida, virando e correndo para a areia seca quando outra onda quebrava e avançava para a costa.

Quando ela finalmente parou e olhou para cima, sem fôlego, foi para ver Tavish olhando para ela, um desejo estranho em sua expressão.

Ela o chamou.

— Você pode perseguir as ondas comigo, sabe.

Ele disse de volta.

— É mais divertido assistir.

— O que quiser. — respondeu ela, momentos antes de uma onda ligeiramente maior a pegar de surpresa. Ela gritou quando a água gelada embebeu a bainha de seu vestido e então quebrou em gargalhadas. Antes que recuperasse o controle, uma outra onda atingiu suas pernas, fazendo-a perder o equilíbrio e cair de bunda.

Ele estava ao seu lado em um instante, pegando-a da areia molhada. Se ele não tivesse, a próxima onda teria a encharcado completamente.

Ela continuava rindo quando ele a girou em seus braços, antes de se afastar para mais longe da água. Ele afundou na areia seca, mantendo-a em seu colo enquanto ela tentava, desesperadamente, recuperar um mínimo de decoro.

— Claire Morrison, eu não ligo para o que diz, você não pertence a uma abadia.

Ela começou a rir novamente.

— Eu acho que é bastante óbvio, que eu não pertença como Lady de um castelo também.

Muito mais tarde naquela noite, depois de terem montado de volta ao Castelo de Ranald, Kenna tinha preparado um banho para ela, perguntando-lhe como a patroa tinha conseguido areia em seu cabelo, e fazendo Cassie rir novamente. Então, depois de ajudá-la a se preparar para dormir, Kenna tinha tomado o vestido quase em ruínas, prometendo fazer o melhor que pudesse para reparar o dano.

Cassie foi deixada sozinha em seu quarto, olhando da janela para o céu escuro.

Tinha sido realmente um excelente dia.

Era bom rir de novo.

Ela sorriu para si mesma. Foi muito bom estar novamente segura nos braços de um homem .

E, pela primeira vez, nos dois meses desde que tinha perdido Tom, sentiu que poderia continuar. Ela podia fazer mais do que apenas sobreviver cada dia. Sentiria falta dele para sempre, mas ainda tinha a capacidade de sentir alegria e abraçar a vida. Só por isso, tinha valido a pena vir ao século XIV.

Capítulo 10

O dia no mar tinha sido libertador, e Cassie tinha jurado novamente aproveitar cada pedaço da vida. Não só aqui neste momento, mas quando voltasse para casa. Começou a fazer planos para o seu futuro. É o que Tom teria desejado.

Ela decidiu que iria voltar para a faculdade no outono e após o tempo que passou com Boyd, estava pensando em mudar sua especialidade para educação. Até então, não tinha dedicado o menor pensamento em voltar para a escola sozinha. Mas, na realidade, não estava sozinha. Sempre tinha estado cercada por pessoas, mas nunca se sentiu confortável. Talvez agora, sem guarda-costas observando cada movimento seu, pudesse tentar fazer mais alguns amigos.

Talvez ela se junte a Vida Grega. Ela tinha alguns amigos casuais em Phi Mu que tinham lhe sugerido que considerasse sobre isso antes. Ela provavelmente não seria a primeira pessoa a esperar até o último ano antes de correr para uma fraternidade ou irmandade. Além disso, se ela mudasse, não estaria se formando este ano de qualquer maneira.

Ela também planejava fazer mais alguns cursos de arte. Ela tinha bastante créditos e, com mais algumas aulas, ela provavelmente poderia se formar com um secundário em artes. Ela realmente gostara de ensinar a Boyd os fundamentos. O rapaz tinha outras lições com o padre Paul quase todas as manhãs, mas, pelo menos dois ou três dias por semana, ele passava algumas horas com Cassie, aprendendo a pintar. A ideia de dedicar sua vida ao desenvolvimento de jovens artistas a atraía.

Pensando nisso agora, ficou maravilhada com o fato de que o pedido de um menino medieval de dez anos, para aprender pintura, tinha sido o

que lhe dera um propósito novamente. Gertrude tinha dito que não estava dando a Cassie o relógio de bolso, porque ela precisava fazer ou aprender alguma coisa aqui. Mas, na verdade, ela precisava aprender isso, a fim de encontrar sua direção novamente, e Boyd tinha ajudado a fazer isso.

Para sua diversão, de alguma forma, Boyd parecia quase mais determinado a ajudar Cassie a experimentar sua vida fora da abadia, do que Tavish. Um dia, um pouco mais de uma semana depois de seu dia na praia, quando eles terminaram sua lição de arte da manhã, Boyd disse:

— Você lembra do primeiro dia que começaste a me ensinar a pintar?

Cassie riu.

— Sim. Você estava quase pronto para desistir antes de começar. Agora olhe o quão longe você chegou.

Ele sorriu e corou.

— Você é uma boa professora.

— Obrigada, Boyd. É gentil de sua parte me dizer.

— Bem, é a verdade. Mas naquele primeiro você disse que todos tem que começar do início, quando estão aprendendo algo novo, como eu fiz quando eu aprendi a usar um arco.

— Isso é verdade.

— Você também disse que gostaria de aprender a atirar com arco.

Ela deu um sorriso largo.

— Sim, eu disse isso.

— Então, gostaria de aprender? Aprender a atirar um arco, isto é eu posso lhe ensinar. — Ele corou assim que as palavras saíram de sua boca.

Cassie olhou para Lady Ranald, que parecia estar tentando abafar um sorriso.

Extremamente divertido, Tavish assentiu.

— Sim, parece que sim. — Ele caminhou em direção Claire e Boyd.

Claire olhou para cima enquanto ele se aproximava, parecendo surpresa.

— Tavish.

— Eu estou ensinando Claire usar um arco — anunciou Boyd.

— Eu posso ver.

— Ela não é muito boa — disse Boyd, em voz baixa.

O sorriso brincalhão nos lábios de Claire sugeriu que ela tinha escutado.

Tavish piscou para ela.

— Bem, irmão, talvez você me permitas ajudar?

As sobrancelhas de Boyd se juntaram.

— Isso é provavelmente, uma boa ideia.

Tavish parou atrás dela, colocando a mão na sua cintura, virando o corpo ligeiramente.

— Você não quer enfrentar o alvo. Você o quer diretamente a sua esquerda.

— Isso é o que eu disse a ela, mas ela continua a girar — disse Boyd.

— Eu acho que ela tem medo da corda — acrescentou no mesmo sussurro alto que usara antes.

Claire riu suavemente.

— Ah, eu vejo — disse Tavish. Ele se inclinou e falou baixinho em seu ouvido, — Você não está com medo de um pouquinho de corda, está, moça?

Ela virou o rosto para ele.

— Bem, agora que você mencionou, sim.

Ela estava tão perto. Seus olhos se encontraram. Seus lábios estavam a meras polegadas da sua. Com apenas uma ligeira quebra de sua cabeça, ele poderia beijá-la. E nesse momento, perdido nas profundezas azuis do seu olhar, isso era tudo que ele queria fazer.

Mas antes que ele pudesse agir em seu desejo, Boyd interrompeu.

— É por isso que lhe dei o protetor de mão.

Ele tirou os olhos dos dela.

— Sim, o protetor irá proteger seu braço. — Ele indicou o protetor de braço de couro atado em seu antebraço.

— Sim, bem... uh...

Ele sorriu, entregando-se a um momento de orgulho masculino. Ele tinha perturbado-a. *O que você não tem nenhum direito de fazer*, ele se repreendeu.

Ela recuperou a compostura.

— O que quero dizer é... um bracelete para proteger meu braço é muito bom e legal, mas o que impede a corda de bater o meu rosto?

O momento se foi, o que era uma coisa boa. O desejo era uma coisa. O amor era outra e Tavish não queria enganá-la. Esta era apenas uma lição de tiro com arco – nada mais.

Ela virou-se ligeiramente para ele, então ele endireitou os ombros novamente.

— Se você está na posição certa e atirar corretamente, ela não pode bater em sua face. Deixe-me lhe mostrar.

Ele se aproximou ainda mais dela. Ela cheirava a ar fresco e rosas e ele inalou o aroma sedutor profundamente. Envolvendo sua mão esquerda em torno dela, onde ela agarrava o arco, ele levantou o braço até que ela segurava o arco diretamente para sua esquerda.

— Você precisa que seus ombros, quadris e pés estejam alinhados. E seu braço deve estar reto para fora do seu ombro. Assim irás fazer seu tiro ir mais longe e sua mira mais certa.

Ela ajustou sua postura.

— Você também não precisa segurar o arco com tanta força. Não vai a lugar nenhum.

Ela riu e ele sentiu sua mão relaxar um pouco.

Ele puxou uma flecha de sua aljava e chegando ao seu redor com seu braço direito, ele colocou a seta no repouso do arco.

— Agora, coloque a seta no arco, certifique-se de que a pena que é diferente das outras duas esteja apontando para longe de você.

Ela colocou o encaixe da seta na corda do arco.

— Você precisa pôr três dedos na corda, dois abaixo donock⁹ e um acima dela. — Ele posicionou os dedos, colocando a mão direita sobre a dela. Sua pequena mão praticamente desapareceu sob a dele. Gostara de ter a mão dela na sua.

— Agora, olhe para sua esquerda, em direção ao alvo, e puxe a flecha para trás.

Ela fez, mas a mão parou quando a corda mal passou seu cotovelo.

— Não, moça. Você precisa puxar todo o caminho até o ângulo de seu polegar repousar sobre sua mandíbula. — Ele guiou a mão dela de volta para a posição correta e inclinou a cabeça contra a dela.

Ela encolheu-se.

— Eu não quero que a corda bata em minha bochecha ou nariz quando a seta voar.

⁹ NT: Nock – colocar a flecha no arco. Fixar a flecha para o tiro.

— Com seu polegar em sua mandíbula, ele não pode fazer isso. — Ele soltou sua mão do arco e apontou para o nariz. — está vendo, quando seguras a seta desta forma, seu nariz está apontado para o alvo e a corda do arco está bem a direita dele. — Então ele apontou para os dedos que estavam em volta dos dela segurando a corda do arco. — Vê onde seus dedos estão?

— Parece que eles estão no meu rosto.

— Pode se sentir dessa maneira, mas olhe. Eles estão, na verdade, apenas na frente de sua face. Quando soltares a flecha, a corda só pode ir para a frente. Ele não pode bater em sua face.

— Eu acredito em você , milhares não fariam isso.

Ele riu.

— Enquanto isso soa como se você realmente *não* acreditasse em mim, eu juro para você que é verdade.

— Realmente é — opinou Boyd.

Com seus braços em volta de Claire, segurando-a tão perto, mais uma vez Tavish tinha quase esquecido que seu irmão mais novo estava lá.

Claire sorriu.

— Bem. Eu acredito em você .

Ele inclinou a cabeça de novo, até que seu rosto descansou no topo de sua cabeça.

— Olhe para baixo da seta e alinhe a ponta com o alvo.

Ela ajustou o ângulo do arco ligeiramente.

— Agora simplesmente deixe ir a corda. — Ele abriu a mão e ela soltou a flecha.

Boyd gritou.

— Você acertou o alvo!

Ela se virou para Tavish, o rosto se torcendo em um largo sorriso.

— Eu acertei.

— Sim, acertaste. — Quando ela sorriu e olhou em seus olhos daquele modo, assim como antes, ele ficou paralisado. Ela realmente era uma mulher muito bonita.

— Posso tentar de novo?

Ele deu um passo para trás.

— Claro que pode. Agora é só uma questão de trabalhar sua pontaria.

— Manter seus olhos abertos quando soltar a flecha é um bom começo — disse Boyd, sério.

Tavish riu.

— Seus olhos estavam fechados?

Claire corou.

— Eles podem ter estado.

— Eles estavam — disse Boyd.

— Então, sim. Você vai querer manter os olhos abertos. E lembre-se, a seta não voa a nível para o chão. Há um ligeiro arco. Então, dependendo de quão alta seja e de quão longe o alvo esteja, tende que aconteça. Tente mirar um pouco acima do centro. E quando vir onde ele cairá, ajuste sua pontaria nesse sentido para a próxima seta.

Ela praticou atirar flechas por cerca de um quarto de horas — acertando o alvo com todas as flechas, mesmo que não estivessem próximas do centro. Boyd dava instruções para ela tentando melhorar a sua pontaria.

Tavish apenas assistiu, encantado. Ele tentou não pensar sobre o quão bom tinha se sentido ao abraçá-la.

Apesar de seus melhores esforços, seus pensamentos se voltaram para aqueles poucos momentos pelo o resto do dia. E ao deitar-se na cama naquela noite, ele imaginou quão mais agradável seria a sensação de tê-la em seus braços agora. Livremente deslizar as mãos sobre sua pele macia. Capturar os lábios com seus beijos.

— Ela não pertence a uma abadia — ele disse em voz alta para a sala vazia.

Uma pequena voz dentro dele disse: *O fato de que você querê-la em sua cama, não significa nada.*

A vizinha estava certa. Ele não poderia tê-la a menos que se casasse com ela, e mesmo que ele a encontrasse desejável, ele não poderia se casar com ela. Ele não podia oferecer a ela o amor que ela merecia. Ainda assim, isso não significa que ela deveria voltar para a abadia.

Ele tentou redirecionar seus pensamentos para outra coisa, mas era inútil. Ela parecia encher sua consciência.

Seus pensamentos voltaram para o dia que eles passaram perto do mar.

Seus braços tinham estado em torno dela naquele dia também. Ele segurou-a – molhada, coberta de terra e rindo – em seu colo. Foi quando ele dissera a ela, que ela não pertencia a uma abadia.

À medida que os dias se passaram e ele passava um momento agradável após o outro com ela, ele tinha ficado ainda mais certo disso. Ele se convenceu de que a questão de saber se ela voltava ou não, não era sobre ele; era sobre ela.

Talvez, se seu irmão tivesse um outro compromisso potencial para ela, antes de voltar para a abadia, ela estaria disposta a dar a esse homem uma chance. Mas quem?

Ele supôs que não era realmente de sua conta. Seu irmão iria tomar essas decisões. Mas Coll era jovem, tinha apenas vinte e três anos, e ele realmente não sabia nada sobre Claire.

Depois de passar tanto tempo com ela ao longo das últimas semanas, Tavish sentia que ele a conhecia bem. Muito bem. Talvez Coll estivesse aberto a sugestões.

O primeiro pensamento de Tavish era Bennett Macauley. Ele considerava Bennett um bom amigo e sabia que ele iria ser um excelente marido para Claire. Sem mencionar o fato de que ela estaria perto de sua família novamente. Mas quanto mais ele pensava em Claire estando casada com Bennett, menos ele gostava da ideia. Na verdade, ele provavelmente não era a melhor correspondência. Afinal, os Morrisons já eram aliados próximos dos Macauleys. Não só eram vizinhos, mas Coll tinha treinado lá.

Não, Bennett Macauley não iria funcionar.

Talvez um noivado com um dos irmãos Gunn seria vantajoso. Egan era o herdeiro de Laird, mas Tavish não o conhecia bem. No entanto, Sean Gunn, o segundo filho de Laird Gunn, treinou com Laird Matheson. Tavish o considerava um bom homem e pelo que tinha ouvido, Sean ainda não tinha sido prometido. Mesmo o terceiro filho do Laird, Will, seria uma boa opção. Ele tinha treinado aqui e enquanto Tavish tinha estado afastado a maior parte desse tempo, seu Pai pensava muito bem de Will.

Sim, qualquer um dos irmãos Gunn seriam bons maridos, e uma aliança com o Gunns seria bom para os Morrisons. Então, novamente, enquanto ele considerava mais, simplesmente não parecia certo. Os Gunns viviam muito longe, nas montanhas do norte. Não, ela estava longe de sua família por tanto tempo, seria bom para ela ser capaz de vê-los muitas vezes.

Nenhum dos Gunns seria ideal para ela.

Laird MacRae tinha vários filhos solteiros, mas Tavish sabia muito pouco sobre eles. Além disso, os MacRaes eram aliados próximos aos MacLennans e aliados mais próximos do MacLennan eram os MacLans. Tavish não tinha nenhuma utilidade para os MacLans – tinham rivalizados com os Mathesons durante anos.

Ele seguiu em frente. Qual clã tinha jovens casadouros, não viviam muito longe, e seria uma aliança vantajosa para os Morrisons? Por fim, ocorreu-lhe. Os MacLeans seriam perfeitos. Laird MacLean tinha dois meios-irmãos mais jovens, James e Andrew. Ambos eram homens bons. Os Morrisons se beneficiariam de uma aliança com MacLeans. Como o Ranalds, eles tinham vários portos como parte das suas terras. Eles estariam a um dia de viagem de navio de Lewis. Ainda, também, como eles eram irmãos mais novos do Laird, e Laird MacLean tinha um filho e duas filhas, talvez qualquer um que se casasse com ela poderia concordar em viver entre os Morrisons.

Sim, James ou Andrew MacLean seriam perfeitos para Claire.

Exceto que quando ele imaginou um deles casado com ela, segurando-a em seus braços, amando-a... bem, de alguma forma isso simplesmente não pareceu certo.

Pensando bem, ele não poderia recomendar que Coll procurasse um compromisso com qualquer um deles.

Ele ficou pensando sobre isso. Certamente ele iria encontrar alguém.

Capítulo 11

Durante as próximos duas semanas, Tavish continuou a considerar possíveis maridos para Claire, mas ele sempre encontrava razões pelas quais ela não deveria ser prometida com qualquer um deles. Ainda assim, mesmo que ele não pudesse encontrar um candidato ideal para ela se casar, ele estava muito certo de que ela não nascera para ser freira. E ele fez sua, a missão de convencê-la disso.

Freiras não puxavam suas saias e iam caminhar.

Freiras não cavalgavam, perseguindo o vento através da charneca.

Freiras não riam até que lágrimas corriam pelo seu rosto.

E as freiras não subiam em árvores.

Quando ele apontou essas coisas para ela uma tarde enquanto se sentava no galho de uma macieira, ela só olhou para ele e riu.

— Exatamente quantas freiras conhece?

— Bem... nenhuma. — Ele franziu a testa. — Mas você conhece muitas e por sua própria admissão, queres experimentar outras coisas. Então, eu não posso imaginar que você tivesse muitas oportunidades de fazê-lo ao longo dos últimos dez anos, vivendo na abadia.

— Esse é um ponto justo... mas talvez eu venha a ser a primeira freira que caminhe descalça, persegua o vento, e escale árvores.

— Claire, estou falando sério.

Ela ficou séria.

— Eu sei que está. Mas eu não entendo a razão. Por que importa tanto para você o que eu escolho fazer com minha vida?

Ele suspirou.

— Porque eu acredito que a abadia não é o lugar para o qual você esteja destinada a ficar. Estou certo disso. Você é muito cheia de vida e alegria.

— Pode-se servir a Deus com alegria.

— E pode-se servir a Deus como uma esposa e mãe, bem-amada, e rodeada por seu clã e os filhos.

Ela inclinou a cabeça.

— Por que isso é tão importante para você?

— Porque eu acho que Coll está certo. Você passou muitos anos na abadia. Ao longo das últimas semanas, depois que você chegou aqui, o que tens vivido acho que você mal arranhastes a superfície. Claire, há tanto amor em você, e você é tão fácil de amar, como pode querer trancar-se longe do mundo? — Ele tinha apenas dito que ela era *fácil de amar*? Claramente ela era, seus pais, seu irmão mais novo, e todos os que trabalham em torno da fortaleza a amavam.

Suas sobrelhas se juntaram enquanto ela parecia considerar suas palavras. Finalmente, ela deu de ombros.

– O amor assume muitas formas.

Ele balançou a cabeça em frustração. Por que ela estava presa em seus calcanhares sobre este assunto?

— Tavish, posso perguntar alguma coisa?

— Sim, é claro que pode.

— Me perguntaste muito sobre a minha decisão de voltar para a abadia, mas eu nunca, uma vez, perguntei o porque de não querer se casar.

Ele bufou, impaciente.

— O que eu quero não importa. Você sabe que não tenho escolha, mas me casarei... eventualmente.

— Sim, mas por que você não quer casar ainda?

Ele encolheu os ombros. Ele não queria falar sobre isso.

— Eu apenas não estou pronto.

— Oh, isso resolve tudo.

— Freiras também não zombam das pessoas. — disse ele, mas ele não podia deixar de rir.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Mais uma vez, como é que sabe disso?

Ele riu.

— Apenas um palpite.

— Entendo. Então, você não vai responder a minha pergunta?

— Qual foi sua pergunta?

Claramente exasperada, ela revirou os olhos.

— Por que não quer casar ainda?

Ele respirou profundo e soltou lentamente. Ela tinha sido completamente honesta com ele sobre seu desejo de voltar para a abadia.

— Eu acho que eu lhe devo uma explicação. — Ele olhou para longe por um momento antes de dizer: — A verdade absoluta é que eu amo outra pessoa. Eu amo há anos, mas eu nunca vou poder tê-la.

Ele ergueu a mão antes de Claire começar a oferecer soluções otimistas.

— Não, é impossível. E eu me recuso a casar com alguém enquanto eu estou apaixonado por outra pessoa. Pelo menos eu me recuso a casar com alguém que merece mais do que eu posso dar.

~ * ~

Oh, meu Deus. Isso não era o que Cassie esperava ouvir.

— Eu sinto muito.

Ela entendia essa mágoa melhor do que ele jamais saberia. Mas ao longo das últimas semanas, ela tinha começado a acreditar que podia sentir a dor, lembrar do amor, e ainda seguir em frente.

— Tavish, você não pensa que se abrir seu coração, talvez possa encontrar espaço para outra pessoa? As pessoas perdem entes queridos para a distância... ou para a morte, o tempo todo. Eles têm que encontrar uma maneira de seguir em frente.

— Eu sei disso. — Ele se afastou dela, passando a mão pelo cabelo. — Enquanto eu estou sendo completamente honesto, no fundo, eu não quero seguir em frente. Eu tenho medo de que se eu abrir espaço para qualquer outra pessoa, eu possa começar a deixá-la ir. Que eu possa esquecê-la.

Cassie desceu do galho de árvore e caminhou até ele, colocando a mão em suas costas.

— Você não vai esquecê-la. Eu estou tão certa disso, como estás de que não pertencço à abadia. Pessoas assim, pessoas que *fazem* esse tipo de marca em seu coração... *permanecem* em seu coração para sempre.

Ele se virou para ela, sua expressão cheia de angústia.

— Como sabe disso?

Ela sorriu suavemente.

— É sério que você está me perguntando isso? Eu essencialmente perdi toda a minha família há anos.

— Mas eu já estou tendo dificuldade para lembrar como ela é.

Cassie considerou isso, por um momento, lembrando-se de uma linha de um dos livros do *Ursinho Pooh* de AA Milne.

Leitão pergunta: “Como se escreve amor?” A resposta de Pooh é: “Você não o soletra, você sente isso.”

Ela capturou seu olhar e disse:

— Não é mais essencial lembrar como ela lhe amava? Como você a amava? Enquanto puder senti-la em seu coração, o resto importa?

— Talvez... sim, é claro que lembrar o amor é vital, mas eu quero mais.

— E você está certo de que estar com ela é impossível?

— Absolutamente certo.

Ela deu de ombros, sacudindo a cabeça tristemente.

— Então não podes ter mais. Me desculpe se isso soa duro, Tavish. Mas é simplesmente a verdade. A única coisa que podes fazer é lembrar o amor e a alegria. Infelizmente, tens que deixar o resto ir. Não há outra opção. — Vendo sua expressão de dor, ela acrescentou — Você me disse: “você tens tanto amor em você, como podes trancá-lo longe do mundo?” Bem, isso também se aplica a você. Além disso, se a moça em questão fosse digna de seu amor, eu suspeito que ela iria dizer-lhe o mesmo.

Ele franziu a testa e inclinou a cabeça para um lado.

— Alguém já disse que você é irritante?

Ela riu.

— Eu sou irritante, porque lhe digo a verdade?

Ele sorriu.

— Você é irritante, porque me diz verdades dolorosas que eu não estou pronto para ouvir.

— Mas, você precisa ouvir isso — disse ela suavemente. — Tavish, você também merece ser feliz. E encontrar uma maneira de seguir em frente.

Ele olhou para longe, depois assentiu resolutamente.

— Eu vou tentar, se me prometer considerar não retornar à abadia.

— Eu vou considerar — disse ela, sabendo que realmente não tinha opção. Ela teria que partir.

~ * ~

Tarde da noite, muito tempo depois que a maioria das pessoas tinham encontrado suas camas, Tavish estava acordado. Recentemente, ele tinha feito isso muitas vezes e mais uma vez, por causa de Claire. Após aqueles primeiros dias, ele pensou que tinha encontrado a solução. Ele não estava pronto para abrir seu coração, mas algo sobre ela o havia tocado. Ele tinha feito o seu melhor para convencê-la de que ela não deveria passar o resto de sua vida em meio a uma ordem de monjas contemplativas.

Mas hoje, ela virou a mesa em cima dele. Ele nunca disse a ninguém tanto quanto ele tinha compartilhado com ela. Na verdade, a primeira vez que mencionou já ter estado apaixonado antes, foi quando seu pai lhe perguntou se havia mais alguém. Até então, sua amada estava simplesmente escondida em seu coração.

Quando Claire o empurrou, ele foi forçado a examinar exatamente por que ele não queria amar alguém. Ele não tinha sido completamente certo da própria resposta até que as palavras saíram. Não era um senso de honra ou compromisso, ou a vã esperança de que ele pudesse estar com ela algum dia novamente. Não era nem mesmo que ele estivesse cauteloso de ser novamente ferido. Tudo se resumia ao fato de que ele temia que se deixasse alguém se aproximar, a mulher que primeiro tivera seu coração seria esquecida para sempre. Ele simplesmente não estava pronto para isso.

Claire tinha dito a ele para lembrar do amor e da alegria, e tentar seguir em frente. O problema era que, quando se lembrava do amor e da alegria, ele tinha dificuldade de pensar em qualquer outra coisa, quanto mais seguir em frente. Mas Claire também tinha dito que a moça em

questão não gostaria que ele bloqueasse seu coração. Ele sabia que era verdade. Mas compreender e agir eram duas coisas diferentes. Ele não tinha certeza se poderia realmente seguir em frente. Ele tinha cercado essa parte de si mesmo há muito tempo.

E é aí que isso deveria ficar.

Por enquanto, ele só iria continuar sua tarefa de convencê-la a ficar no mundo secular. A fim de fazer isso, ele precisava gastar tanto tempo com ela quanto possível. Ele queria mostrar-lhe o mundo de oportunidades que estavam fora do claustro.

Lembrou-se que ela queria aprender a dançar. Isso era algo que ele poderia fazer acontecer com bastante facilidade. Mas ele se perguntou se havia outras coisas que pudessem despertar o seu interesse. Ele teria que descobrir.

Capítulo 12

Até agora, Cassie tinha amado cada minuto de seu tempo no século XIV. Nem sempre foi fácil – o encanamento moderno pode ser a coisa que Cassie mais sentiu falta. Mas era sempre interessante e ela tentou experimentar tanto quanto podia.

Tudo necessitava mais paciência. Ela poderia ter terminado pintura “A Virgem e a Cerejeira” de Claire em horas, usando tinta acrílica. Considerando que tinha estado aqui há mais de cinco semanas, durante o qual ela tinha trabalhado nele quase todos os dias, e ainda não estava pronto. Mas não demoraria muito agora, talvez apenas um dia ou dois. Ela destinou dar-lhe como um presente para Lady Ranald antes de partir. Ela também planejava ajudar Boyd terminar sua pintura. Ele estava começando a adicionar a folhagem e deveria estar avançado o suficiente no momento em que ela partisse, e ele seria capaz de completá-la quando ela se fosse.

Quando ela se fosse.

Pensar em partir sempre afligia e significava que ela precisava descobrir como iria fazê-lo. O dia em que teria que dizer sua palavra de retorno estava ficando cada vez mais perto, mas ainda assim, ela tentava evitá-lo. Havia muito tempo para descobrir a melhor maneira de levá-los a devolvê-la à abadia, e era apenas mais fácil simplesmente mantê-la longe de sua cabeça. Ela tinha semanas.

Até que um dia a realidade de tudo desabou sobre ela e a forçou a começar a fazer planos.

Era o dia vinte de setembro exatamente três semanas antes que ela tivesse que voltar para o século XXI. Cassie tinha passado a tarde com Lady Ranald em seu solar. A pintura estava quase terminada e ela estava

profundamente absorvida em seu trabalho enquanto ela acrescentava os toques finais. Ela deu um passo para trás e olhou para ele, inclinando a cabeça de um lado para o outro. Satisfeita, por fim, ela disse:

— Está terminado. Eu só preciso aplicar uma camada de verniz amanhã.

— É lindo — disse uma voz masculina.

Surpresa, ela se virou para ver Tavish de pé atrás dela, olhando por cima do ombro para a pintura.

— Oh, Tavish. Eu não o ouvi entrar.

Lady Ranald riu.

— Quando estás perdida em sua arte, você não nota nem o próprio Cristo se aparecer em uma nuvem de ouro — Levantou-se e atravessou a sala para ver o trabalho terminado. — Claire, querida, isso é impressionante. Você é uma boa artista.

— Eu concordo — disse Tavish, olhando para o outro trabalho menor de arte em processo que estava em um cavalete de mesa. — É nisso que Boyd esteve trabalhando?

— Sim — disse Cassie sorrindo. Boyd tinha mostrado mais paciência e persistência do que sua mãe havia lhe dado crédito. Sua árvore estava bastante boa para um menino de dez anos de idade. — Ele está fazendo muito bem.

Tavish assentiu.

— Eu vejo. Posso dizer que está destinado a ser uma árvore e só isso é impressionante vindo de meu irmão mais novo.

Cassie deu um tapa de brincadeira no braço dele.

— Pare com isso. Ele realmente aprendeu a usar a luz e a escuridão para capturar dimensão. Olhe para a textura no tronco.

Tavish riu e agarrou a mão com que ela o golpeou, beijando a ponta dos dedos. Esse pequeno gesto surpreendeu-a, causando uma vibração estranha na barriga.

— Eu estava brincando. É óbvio que Boyd aprendeu muito com você . Mas desde que sua pintura do dia está terminada, quero você para o resto da tarde.

Tavish tinha a levado para cavalgar quase todos os dias que o tempo estava bom. Mas hoje estava lúgubre.

Sua mãe olhou para fora da janela, evidentemente, chegando à mesma conclusão.

— Está chovendo. Você não pode desejar cavalgar com esse tempo.

— Não, mãe, eu não desejo. Veio ao meu conhecimento, na festa de Santa Maria, que Claire não sabe dançar. E eu acho que isso deve ser corrigido antes da próxima festa.

— Certamente — concordou Lady Ranald. — E Michaelmas é em um pouco mais de uma semana.

— Exatamente o que estou pensando. Então, Claire, se você se juntar a mim no grande salão, um dos menestrels concordou em nos fornecer a música.

Ela ficou tocada que ele tenha lembrado que ela queria dançar pelo menos uma vez.

— Eu adoraria.

— Excelente. — Ele apertou mais a mão dela e puxou-a para a porta.

Ela se afastou.

— Espere, eu tenho que limpar aqui primeiro.

— O que está errado? É inútil ter esperança? — brincou Cassie.

— Não. Longe disso. O problema é que eu não tinha contado que você fosse tão boa. Você sabe o básico. Mas seguindo em frente, muitas das danças exigem mudar de parceiros, ou dançar através e ao redor de outros casais. Precisamos de mais pessoas. — Ele sorriu e piscou. — Mas não tenha medo, qualquer problema pode ser corrigido com um pouco de criatividade.

Divertida, ela viu enquanto ele pedia a alguns guardas e criadas para ajudar. Não surpreendentemente, todos que ele pediu estavam mais do que dispostos a parar de trabalhar por um tempo e dançar. Dentro de uma hora, depois de alguns tropeços e de esbarrar em pessoas, ela estava começando a pegar o jeito.

No final de uma dança, que ela conseguiu completar sem um único erro, Tavish levantou-a e a girou. Todos riram, mas antes de Tavish colocá-la para baixo, o riso parou.

— Exatamente o que está acontecendo aqui? — perguntou Laird Ranald. Embora sua voz soasse rouca, seus olhos brilhavam.

— Pai — chamou Tavish, — Peço desculpas por comandar sua equipe, mas a missão era importante.

— Como assim? — perguntou o pai.

— Lady Claire nunca tinha aprendido a dançar. E com Michaelmas se aproximando rapidamente, eu pensei que era tempo dela aprender.

— Ah, eu vejo — disse o pai. — E eu concordo. É uma missão absolutamente vital.

Os outros dançarinos riram e pareceram relaxar. O Laird claramente não estava chateado.

Seu pai continuou.

— Ao que parece, a nossa celebração de Michaelmas será particularmente festiva este ano.

— Mais do que o habitual? — Perguntou Tavish.

— Sim, temos visitantes vindo.

— Sêrio? — Tavish pareceu surpreso. — Não me lembro de ter convidados em Michaelmas. Quem está vindo?

— O irmão de Claire, Coll, por exemplo. — O Laird voltou seu olhar para Cassie. — Claire, pedi-lhe para vir para uma visita pouco depois que você chegou. Eu pensei que você gostaria de vê-lo. Eu entendo que tem sido um bom tempo. Quando começamos a discutir um compromisso, ele mencionou que ele tinha sido enviado para o treinamento dois anos antes de você ir para a abadia.

— Sim, Laird. — disse Cassie. A ideia de encontrar o irmão de Claire lhe causou um momento de pânico. Mas como o Laird tinha acabado de apontar, tinha sido há muitos anos e ela era tão jovem na última vez que o viu, então ninguém podia esperar que ela lembrasse de algo.

Uma carranca cruzou brevemente o rosto de Tavish.

— Ele está apenas vindo para visitar sua irmã?

O Laird riu, interpretando erroneamente a preocupação do Tavish.

— Com medo que ele decida levar Claire para casa, não é? Bem não tema, vamos discutir o noivado. Mas ele está vindo por outra razão. Ele quer buscar uma aliança com Laird MacLean, por isso os convidei também. Acabei de receber uma mensagem do Laird confirmando que ele e sua família irão se juntar a nós. Hugh estará com eles, o que vai agradar sua mãe, sem fim.

Enquanto parecia uma boa notícia, Cassie ficou surpresa ao ver Tavish manter a carranca.

— Laird MacLean está considerando uma aliança com Morrisons? —
Sua postura endureceu e sua voz soava tensa. — Que tipo de aliança?

Laird Ranald bufou.

— O que quer dizer, *que tipo de aliança?*

— Ele está buscando uma aliança de casamento?

O Laird sacudiu a cabeça.

— Não. Embora, agora que penso nisso, não é uma má ideia.

— *Não é uma má ideia?* Você não quer dizer isso.

— Claro que eu quero. Coll precisa de uma esposa. Tenho certeza
Laird MacLean ficaria muito feliz de ver sua meia-irmã, Cathleen, tornar-se
a esposa de um Laird.

— Oh, você quis dizer Cathleen. — Tavish pareceu aliviado.

— Sim. De quem mais poderia eu estar falando? Greer é casada com o
herdeiro de Laird Urquhart e Adara já está prometida.

— Eu estou ciente disso — disse Tavish. — Eu... uh... pensei que,
talvez, algo tinha mudado.

Cassie se perguntou se talvez Adara era a garota que ele amava ou
possivelmente até mesmo Greer. Iria se encaixar. Se a mulher em questão
fosse realmente inatingível, Cassie imaginava que ela tinha de ser ou
prometida, casada, ou falecida. É claro que, também era possível que ela
não fosse uma mulher nobre, ou talvez fosse a filha de um inimigo, Cassie
tinha eliminado estas duas últimas possibilidades. Essas coisas podiam ser
impedimentos, mas ela não podia imaginar que Tavish fosse incapaz de
encontrar uma maneira para contorná-los. No entanto, uma mulher
prometida era quase casada, então o casamento, quer com Adara ou Greer
seria impossível.

Laird Ranald sacudiu a cabeça.

Ela olhou para Tavish e percebeu que ele parecia tão desconfortável quanto ela.

Ela deveria está feliz. A oportunidade de deixar o Castelo Ranald antes de que seu tempo se acabasse, acabara de surgir. O irmão de Claire estava vindo para cá dentro de uma semana. Ela poderia tentar convencê-lo a deixá-la retornar à abadia mais cedo. Ou se isso falhasse, pelo menos ela podia ser capaz de voltar com ele para Lewis.

Embora devesse ter ficado satisfeita por ter um caminho claro a seguir, não estava. E aqui, de pé no meio do grande salão, com todos os olhos sobre si, não era o momento certo para descobrir o porquê.

Ela deu a todos o sorriso mais brilhante que conseguiu.

— Bem, Tavish, dado esta notícia, eu sou ainda mais grata a você pelas aulas de dança esta tarde. — Ela deu um passo para trás e fez uma reverência a ele. — Você é um excelente professor. Agora, se você me der licença, eu tenho algumas coisas para cuidar.

Para seu grande alívio, ninguém lhe parou enquanto saia apressada da sala até seu quarto privado. Uma vez lá dentro, fechou a porta e encostou-se nela. Ela sentia uma pressão horrível crescer em seu peito. Lágrimas brotaram de seus olhos e ela não tentou detê-las. Ela atravessou o quarto até sua cama, enterrou o rosto no travesseiro, e deixou o fluxo de lágrimas correr.

Por que me sinto tão horrível? Ela sabia, desde o início, que estaria partindo. Isso era apenas para ser uma pausa. O presente de Gertrude para um pouco de tempo longe de sua tristeza. Uma oportunidade para se reagrupar e voltar a sua vida, para que pudesse seguir em frente.

E tinha sido assim. Estes dias tinham sido um bálsamo para a alma. Ela tinha experimentado coisas incríveis e descobriu que era possível sentir

felicidade, até mesmo alegria, de novo. Tom tinha um lugar sólido no seu coração e sempre o teria, mas ela também tinha aprendido que ainda havia muito espaço deixado para os outros.

Sua estada aqui tinha sido exatamente o que ela precisava. Ela tinha encontrado um pouco de paz e estava preparada para enfrentar sua vida novamente. Ainda assim, ser confrontadas com a realidade de ter de sair agora, a feria terrivelmente. Por que a ideia de retornar ao seu próprio tempo era tão dolorosa?

Porque Tavish é a razão pelo qual você sabe que há espaço deixado em seu coração. Você já o deixou entrar.

A dura verdade era, que ela poderia se imaginar vivendo aqui, deixando o século XXI atrás de si para sempre. Ela podia se ver como sua esposa, exceto por uma coisa.

Ele tinha deixado muito claro que estava apaixonado por alguém e ele não queria se casar com ela.

Ela respirou fundo e deixou que isso se afundasse em sua alma.

Tinha-lhe prometido que não precisava se preocupar em quebrar seu coração. Tinha-lhe dado a certeza de que ela não estava à procura de um marido, ela só queria um pouco de vida. Suas próprias palavras voltaram "*Quero conhecer novas pessoas e experimentar coisas novas. Quero galopar perseguindo o vento. Eu quero uma chance de correr descalça junto ao mar novamente. Eu quero sentir o sol no meu rosto em um dia brilhante e tocar o céu. E mesmo que seja apenas uma vez, eu quero dançar*".

Ele tinha levado a sério sua palavra e tinha lhe dado cada uma dessas coisas. Ele dançou com ela naquela mesma tarde. Ela não podia esperar mais dele.

Ainda assim, ele teria que se casar com alguém, ela argumentou. Por que não poderia ser ela?

E a resposta era cristalina – porque ela precisava esperar mais para si mesma.

Ele havia dito que toda mulher merecia ser adorada e ele estava certo. Mas ele também disse que não podia dar o que ela merecia. Ele amava outra pessoa.

No final tudo se resumia a uma coisa. Ela sabia o que significava amar e ser amado, e ela queria os dois. Isso era algo que Tavish não podia lhe dar.

Então, ela voltaria para sua própria vida em seu próprio tempo. E para que isso acontecesse, ela tinha que fazer o que fosse preciso para Coll tirá-la do Castelo Ranald antes do sexagésimo dia.

Capítulo 13

Tavish caminhava irritado em sua câmara. Ele tinha desfrutado da tarde ensinando Claire a dançar mais do que tinha imaginado. Mesmo que ele sempre pensasse que a dança era uma atividade muito pública, com Claire, de alguma forma foi surpreendentemente íntima. Segurando-a pela mão dela, pela sua cintura, olhando em seus olhos. Aqueles olhos que o faziam esquecer tudo – quão injusto seria para ele se casar com ela quando amava outro alguém.

Não, quando ele dançou com ela tudo o que podia pensar era em como ela era bonita... e no muito que ele a desejava.

Agora, ele forçou-se a lembrar que ela só poderia ter uma parte dele. Sua amizade.

Quando seu pai tinha mencionado que o Laird Morrison e o Laird MacLean estavam vindo aqui para a Michaelmas e pretendiam discutir uma aliança, um zumbido encheu o seu cérebro.

Tudo o que podia pensar era nos muitos pretendentes possíveis para ela que ele tinha considerado, e como os dois meio-irmãos mais jovens de Laird MacLean, James e Andrew seriam fortes concorrentes. Ele sabia que qualquer um deles seria um excelente marido para Claire. Mas ser realmente confrontado com a ideia de que ela se case com um deles, o deixou com raiva.

Extremamente irritado.

Ele não queria ver sua Claire nos braços de outro homem – não importa quão bom eles pudessem ser juntos.

Sua Claire? Quando tinha começado a pensar nela como *sua*?

Tavish mal podia acreditar no que ouvia quando seu pai dissera que uma aliança de casamento não seria uma má ideia. *Claro que era uma má ideia.* Nem James nem Andrew deveriam se casar com Claire.

Seu pânico tinha aumentando até seu pai dizer: “Coll precisa de uma esposa” Graças a Deus ele estava falando de um compromisso entre o irmão de Claire e Cathleen MacLean.

Mas por que? Por que ele estava grato de que outros homens não estivessem sendo considerados como possíveis maridos para Claire? Afinal, ele acreditava firmemente que ela não pertencia à abadia. Ele tinha trabalhado durante semanas para convencê-la disso.

Mas a realidade era, que se ela não voltasse para a abadia, e Tavish não pudesse casar com ela, seu irmão certamente procuraria um noivado para ela em outro lugar. Ele iria encontrar algum outro homem que iria deliciar-se em como seus olhos brilhavam quando ela ria, ou na sensação de sua mão pequena e quente na dele. Algum outro homem iria saborear seus lábios, tocá-la, dar-lhe prazer ... unir-se a ela.

E esses pensamentos o evisceravam.

Ele queria todas essas coisas. Ele a queria em *seus* braços, em *sua* cama, em *sua* vida. Ele queria que ela tivesse seus filhos e cuidasse de seu povo.

Nesse momento, ele percebeu que a amava.

A coisa que ele pensava impossível tinha acontecido. Ele estava cheio de um amor que tinha estado certo de que nunca sentiria novamente. Se fosse completamente honesto, diria que não tivera a intenção de amar alguém assim novamente. Ele não queria correr o risco de perder o coração, porque essa dor era quase intolerável.

De repente, seu quarto se tornou-se claustrofóbico.

Ele tinha que sair.

Ele tinha que pensar, e ele não poderia fazê-lo aqui.

Ele saiu de seu quarto, desceu as escadas e estava em seu caminho para fora da fortaleza, quando ouviu o pai chamar o seu nome. Ele queria continuar, fingir que não tinha ouvido. Mas não o fez. Ele se virou.

— Sim, Pai?

— Onde você está indo? Está quase na hora do jantar.

— Eu sei, Pai. A chuva parou e eu preciso de um pouco de ar. Preciso pensar — Se houvesse um Deus, seu pai não iria pedir uma explicação.

Talvez fosse a expressão no rosto de Tavish, ou a tensão em sua voz. Poderia até mesmo ter sido a intervenção do Todo-Poderoso, cuja existência ele tinha questionado. Mas, apesar do fato de que seu pai fizera uma careta, ele acenou para Tavish ir adiante.

— Vá então. Eu vou arrumar uma desculpa para sua mãe e Claire.

— Agradeço, Pai.

Ele foi direto para o estábulo e selou Raven.

Quando Tavish passou através dos portões principais, Ham, o guarda responsável, o deteve.

— Onde vai, senhor?

— Eu vou apenas exercitar um pouco Raven.

— Se você aguardar um momento, vou mandar alguém com você.

— Não é necessário, Ham. Eu não vou longe e eu não vou demorar.

— Mas, senhor...

— Não, Ham. Meu pai conhece meus planos. Eu não preciso de um guarda.

Ele não esperou por uma resposta, mas avançou pelo portão e virou para oeste.

O sol pairava baixo no horizonte. As nuvens pesadas que tinham envolvido a terra durante todo o dia estavam diminuindo e quebrando-se, o sol pintando-as de tons de laranja e vermelho.

Depois de deixar a aldeia, ele se virou para o sul em direção à entrada. Ele desejou que pudesse montar todo o caminho até à beira-mar, mas seria imprudente. Teria que se contentar com a costa rochosa que era facilmente alcançada.

Uma vez lá, ele desmontou e caminhou ao longo da borda da água, levando Raven. Seus pensamentos eram tão confusos quanto suas emoções. Quando chegou a um afloramento de rocha, prendeu Raven, em seguida, subiu para um amplo e plano pedregulho, para ficar a sós com seus pensamentos. Ele tinha vindo aqui ao longo dos anos para este fim.

Ele olhou para a enseada. À medida que o sol mergulhava ainda mais fundo, as cores no céu se transformavam em tons de rosa e roxo. Os tons de tirar o fôlego refletiam na água ondulante.

Ele apenas ficou lá imerso na beleza da cena por vários longos minutos. Finalmente, falou em voz alta.

— Você gostaria daqui... mas acho que lhe disse isso antes.

Ele respirou fundo, e soltou o ar lentamente, tentando acalmar a tempestade que agitava dentro de si.

— Eu a amo, você sabe disto.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Eu sinto falta de você . Eu lhe mantive no meu coração por tanto tempo, que achava não ser possível amar mais ninguém. Mas, minha querida menina, eu... — Sua voz sumiu.

Ele engoliu em seco.

— Gostaria que pudesse se encontrar com Claire. Você a amaria também. Como você, ela é cheia de alegria e a expõe, mesmo diante das coisas mais pequenas.

Ele ficou em silêncio por um tempo, permitindo a quietude dos arredores impregna-lo com calma.

— Eu sei que não posso tê-la, não importa o quão duro eu agarre as minhas memórias. Empurrar os outros para longe não vai mudar isso. Percebo agora que se eu manter esse muro em volta do meu coração, ele vai me sentenciar a viver o resto da minha vida sozinho, apenas com a tristeza de sua perda trancada dentro de mim. Tão certo quanto eu estou sentado aqui, estou certo de que você não iria querer isso para mim. Assim como eu também não quero isso para você.

Suspirando, ele se levantou e olhou para os céus. Estava escurecendo e as primeiras estrelas estavam aparecendo no céu.

— Então, minha querida menina, eu lhe amo, e sempre amarei. Vou sentir falta de você para sempre, mas vou abrir meu coração e deixar-lhe ir agora. Eu não vou voltar. Eu só vou dizer boa noite, minha amada, e eu espero que você encontre o amor e alegria que merece. — Ele jogou um beijo para as estrelas, sabendo que o vento da Highland acabaria por levá-lo para ela, onde quer que estivesse.

Então ele desceu as rochas, montou Raven, e voltou casa.

Seu futuro o esperava.

Capítulo 14

Embora na noite anterior Cassie tinha chorado pela primeira vez em semanas, ela tinha se forçado a enfrentar a realidade de sua situação. Não tinha escolha, mas olhar para o porque dela estar aqui e o que ela precisava fazer. Tinha que começar a cortar os laços que talvez inconscientemente, começado a formar. Seu descanso estava chegando ao fim e não queria deixar a perda e tristeza em seu rastro.

Ela sabia que não poderia manter tudo como estava agora, e então quando Coll chegasse, simplesmente ia anunciar que ela queria voltar para a abadia. Deveria ter certeza de que não viria como um choque desagradável para os Ranalds. Ela tinha que começar a se comportar como uma mulher que pretendia passar o resto de seus dias em uma ordem religiosa contemplativa.

Com esta nova decisão, ela desceu para a refeição da manhã.

Parecia que Tavish estava esperando por ela. Ele atravessou o corredor e tomando-lhe as mãos, beijou sua bochecha.

— Bom dia, Claire. Quer tomar seu desjejum comigo?

Seu coração saltou. Não era incomum ele esperar por ela para que pudessem jantar juntos. Mas nesta manhã a recebeu com um beijo. *Não, Cassie. Não faça isso.* Tinha que lembrar-se de sua promessa a ele. Ele estava apenas desempenhando um papel. Agora ela tinha que fazer o mesmo.

— Bom dia, Tavish. Sim, eu vou ter meu desjejum com você.

Ela achou a refeição surpreendentemente difícil. Mentalmente, ela tinha começado a construir os muros emocionais que ela precisava no momento em que seu caminho se tornou claro. E, aparentemente, isso já havia se tornado óbvio para os Ranalds.

também devo passar algum tempo em oração para discernir a vontade de Deus para mim.

Um breve olhar preocupado cruzou as feições de Lady Ranald.

— Eu posso entender que a oração é importante, mas com o outono em chegando, dias bons serão menos frequentes. Após o tempo terrível que tivemos ontem você deve aproveitar o lindo dia.

Cassie tinha ido a escolas católicas tempo suficiente para saber como responder a isso.

— Sim, é um belo dia, minha Lady. Mas, na busca da vontade de Deus, às vezes é necessário colocar conscientemente a própria vontade de lado.

Laird Ranald entrou na discussão.

— Mas talvez Deus enviou este belo dia para desfrutar.

E ela queria tanto aproveitá-lo. Mas isso não era mais sobre o que ela queria. Tinha que pensar neles.

— Deus nos dá muitos presentes, mas alguns são destinadas a ser devolvidos.

As sobranceiras de Tavish se juntaram e ele tomou uma de suas mãos.

— Não há nada que eu possa fazer para tentar você?

Segurando minha mão? Olhando nos meus olhos com desejo? Essas coisas certamente me tentam. Ela tinha que lembrar a si mesma que não era real.

— Não, não hoje.

Felizmente, eles aceitaram sua última recusa e não focaram mais no problema. Então, depois do almoço Cassie voltou para a sua câmara. Entre livros de Claire estava um breviário. Embora ela tinha passado pela maioria dos outros textos, ela não tinha aberto o breviário desde que tinha

sido desempacotado. Se queria fazer aparecer como se estivesse a passar o dia em oração e meditação, poderia ajudar ter algo apropriado para ler.

Em seu caminho para fora, ela esbarrou em Lady Ranald novamente. Cassie suspeitava que ela estava esperando ali.

— Claire, eu queria... bem... estais certas de que nada está errado? Nada aconteceu para vos afligir?

— Não, minha Lady, nada.

— É só que você parece... triste.

Ela estava triste. Não havia como negar. Ela odiava ter que fazer isso, mas Lady Ranald lhe dera outra abertura.

— Estou um pouco triste, minha Lady. Meu tempo aqui tem sido maravilhoso, mas eu sinto falta de minha vida na abadia.

— Claro que sentes. Não tenho dúvidas de que eles se tornaram como uma família para você. Mas, docinho, estou certa de poderia vir a pensar em nós como família também. Você não deve confundir um momento de saudade com uma chamada para a vida religiosa.

— Sim, minha Lady. É por isso que eu preciso passar mais tempo em oração. Para que eu possa realmente entender o que Deus quer que eu faça.

Lady Ranald assentiu, parecendo um pouco derrotada.

— Claro que deve examinar seu coração.

— Obrigada, minha Lady. Se me desculpar agora, eu vou buscar a solidão da capela.

— Sim, certamente. Vou ver a refeição do meio-dia.

Cassie engoliu em seco sabendo que o que ela estava prestes a dizer traria mais angústia a Lady Ranald, mas ela tinha que fazer isso.

— Minha senhora, era a minha intenção aumentar as minhas orações com jejun.

— Isso é mesmo necessário?

— Eu sinto que é. — *Embora eu não estou ansiosa por isso.*

Lady Ranald assentiu de novo, a sua decepção fazendo o coração de Cassie doer.

— Entendo. Confio que você se juntará a nós para o jantar?

— Sim, minha Lady.

— Bem, então, eu espero que encontres as respostas que buscas.

— Agradeço, minha Lady. — Cassie fez uma reverência e saiu, seu coração doendo pela boa mulher.

Quando chegou à capela estava quase em lágrimas. Ajoelhou-se, olhando para o crucifixo acima do altar.

— Deus, como posso fazer isso? Eu pensei que o tempo aqui fosse um presente. A chance de curar. E foi. Mas a que custo? Vou voltar com tanta dor quanto eu vim?

Ela cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas. Ela não lutaria contra, precisava apenas deixá-las fluir. Ela chorou por Claire, uma menina, que, como Cassie compreendia a dor de ser anulada por sua família. Ela chorou pela escolha terrível que Claire se sentiu compelida a fazer. Ela chorou por Lady Ranald que tinha sofrido tantas perdas e tinha olhado para Cassie com tanta esperança. Ela chorou por suas próprias perdas. Tom. A família dela. E ela chorou por Tavish, um bom homem cujo coração foi dado a alguém com quem ele não poderia estar.

Quando as lágrimas foram gastas sentiu uma profunda sensação de tranquilidade limpá-la. Ela não tinha realmente planejado passar o dia em oração. Mas aqui estava ela, em uma igreja, de joelhos, tinha acabado de

quebrar e derramar todo o seu sofrimento. Talvez agora era hora de buscar a paz.

Ela fechou os olhos e procurou uma calma interior, quando ela encontrou, se afundou nela, mais uma vez ela estava ciente de que parte de Claire estava com ela.

Cassie nunca tinha experimentado tal sensação de calma. Tanto sua mente e seu corpo ficou imóvel e ela realmente sentiu a presença de Deus ao redor e dentro dela. Ela não orou por qualquer coisa. Foi o suficiente simplesmente estar lá, sentindo-se cercada de amor e conforto.

Ela não tinha certeza de quanto tempo ficou assim, perdida em meditação, quando percebeu que não estava sozinha. Ela olhou para cima para encontrar o Padre Paul.

— Padre, me desculpe, eu não o ouvi entrar.

— Você não tem nada para se desculpar. Estava claramente em profunda oração e eu não queria interromper. Mas você tem estado de joelhos por um bom tempo. Talvez gostaria de sentar-se comigo e conversar?

Ela assentiu com a cabeça, pensando que isso poderia ser exatamente o que ela precisava.

Ele estendeu a mão, e ela permitiu-lhe ajudá-la a ficar de pé e guiá-la para um banco.

— Agora, filha, Lady Ranald estava preocupada. Ela parece acreditar que você está lutando para discernir vossa vocação. Mas, vendo-a em profunda oração, bem, para mim você não parece em conflito.

— Honestamente, Padre, eu não estou. Eu sei que devo retornar à abadia. — Isso era verdade.

— Entendo. No entanto, dizendo que deves voltar para a abadia não é bem a mesma coisa que sentir que Deus está vos chamando para a vida religiosa.

Ela não queria mentir, mas ela não podia lhe contar toda a verdade. E, no entanto, talvez ela pudesse dizer-lhe o suficiente.

— Não, não é bem a mesma coisa. Eu ainda não estou certa do que a minha vocação é. Talvez eu esteja destinada a tomar os santos votos. Talvez seja a vontade de Deus que eu me case. O que eu estou absolutamente certa é de que não estou predestinada a ser a esposa de Tavish Ranald.

— Por que dizes isso? Pareceu-me que os dois estavam gostando um do outro.

— Eu gosto dele. Na verdade, eu gosto muito dele. Eu poderia até mesmo amá-lo.

— Então por que diz que você não está destinada a ser sua esposa?

Ela suspirou.

— Padre, quando eu cheguei, tornou-se imediatamente óbvio para mim que Tavish ficou irritado com a minha presença. — Ela disse ao padre sobre a tarde quando ela informou a Tavish que ele estava se comportando como um idiota.

Isso fez o sacerdote rir.

— E o que Sir Tavish disse sobre isso?

— Que ele não estava pronto para casar.

— Criança, na minha experiência, muitos jovens não acham que eles estão prontos para casar, mas uma vez que encontrem a moça certa, as coisas mudam.

– Por que eu acho que há um 'mas' à espera no final da frase?

— Porque...Eu aprendi a gostar dos Ranalds. Laird e Lady Ranald acreditam que temos a intenção de continuar com o noivado e claramente eles querem isso. Talvez o pior de tudo, é que depois de me assegurar que Tavish não iria quebrar meu coração, mas eu me apaixonei de qualquer maneira.

— Ah, eu vejo.

— Por tudo que é bom e santo, eu não queria machucar ninguém.

— Claro que não, filha. Estou confiante de que você não optou por causar danos intencionalmente. Você é uma boa moça. Mas não pode fazer os votos sagrados, se não tiver certeza de que é o que você foi chamada a fazer.

— Eu sei, Padre. Mas talvez as respostas sejam mais claras se eu voltar para a abadia, pelo menos por um tempo.

— Eu não estou certo sobre isso. Talvez seria melhor para você voltar para casa.

— A abadia é a minha casa.

Ele acenou com a cabeça sabiamente.

— Suponho que seja. Então me diga isso. Foi sua decisão passar o dia em oração apenas para ajudá-la tentar entender a vontade de Deus para você?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Você está cortando laços?

— Sim. Meu irmão estará aqui em breve. Tenho a intenção de sair com ele para Lewis ou St. Avoca. Eu não queria que isso fosse um choque para o Laird e Lady Ranald quando acontecesse.

Ele suspirou.

— Sim, isso é provavelmente o melhor. Mas você não pode ficar na capela durante todo o dia, todos os dias até seu irmão chegar.

— Não, eu não posso. Mas se eu passar algumas horas em oração todos os dias, vai ajudar a criar alguma distância.

— Sim, eu suponho que sim. E enquanto não me prometer que só irá tomar os votos, se credes verdadeiramente em vosso chamado, pode contar com o meu apoio.

— Agradeço Padre. Eu prometo que não vou tomar a decisão tolamente ou com pressa.

~ * ~

Tavish sentiu uma grande decepção naquela manhã, quando Claire tinha se recusado a ir com ele. Ele tinha certeza de que algo a estava incomodando. Pior, ele temia que se ela sentia sendo chamada para horas de oração, estava à beira de uma decisão que ele não queria ouvir.

Ele pensou no dia em que ela o chamou de asno. Ele sorriu e se corrigiu. Como ela tinha apontado naquele dia, ela não o chamara de asno, ela disse que ele estava se *comportando* como um asno, para o qual ele concordou.

Eles haviam sido honestos um com o outro. Nenhum dos dois queria se casar. Ela tinha sido a única a propor que eles iriam se beneficiar, se continuassem com a pretensão de conhecer um ao outro antes de um compromisso. Ela experimentava a vida fora da abadia, talvez ele se acostumassem com a ideia de permitir uma mulher em sua vida.

Há pouco mais de uma semana, ele tinha colocado tudo sobre a mesa. Ele disse a ela que amava outra pessoa. Para uma mulher jovem que levava uma vida num convento, ela lhe tinha dado bons conselhos. Em última

análise, foi exatamente aquele conselho que lhe permitiu finalmente deixar ir seu passado e abrir seu coração para ela.

O problema era que ele tinha esquecido que ela não queria se casar com ele, que tinham um acordo. E para seu espanto, parecia que ela tinha agido de acordo com, o seu acordo protegendo os seus sentimentos.

Ainda assim, talvez ele só precisava dizer a ela. Talvez se ele a deixasse saber, que ele agora percebeu que se prendera a seu passado por muito tempo, quem sabe ela poderia pensar em compartilhar sua vida com ele.

Ele tinha a intenção de fazer isso hoje, mas foi frustrado. No entanto, estava confiante de que haveria outras chances e faria todos os esforços para falar com ela o mais rápido possível. Na verdade, ele iria pedir-lhe para ir numa caminhada esta noite, depois do jantar.

Infelizmente, quando ele chegou em casa naquela noite, parecia que o destino estava jogando um truque cruel. Laird Morrison tinha chegado. Claire não tinha visto seu irmão por mais de dez anos. Tavish não poderia afastá-la de sua companhia esta noite.

Quando Tavish entrou no grande salão, a refeição da noite estava quase pronta para ser servida. Coll estava perto da lareira com o Pai, canecas de cerveja em suas mãos.

— Tavish — chamou seu pai. — Eu estava começando a me perguntar se você perderia a refeição da noite. Como está indo a colheita?

— Muito bem. A chuva de ontem teve muito pouco efeito. Hoje estava quente e seco o suficiente para que a safra de grãos pudesse retomar no meio da manhã. Se o tempo se mantiver, isso vai ser concluído em poucos dias. A colheita de legumes parece que vai ser abundante este ano também.

Não está terminada, mas nossas lojas de cebolas, cenouras, cherifia, e nabos será abundante.

Seu pai sorriu.

— Excelente. Agora, meu filho, eu acredito que sabes Coll, Laird Morrison?

— Sim, Pai.— Tavish ofereceu a Coll sua mão. — Sinto muito por vossas perdas recentes, Laird Morrison.

Coll devolveu o aperto de mão.

— Por favor, me chame Coll. E agradeço. Tem sido difícil.

— Sem dúvida. — Tavish fez sinal para uma empregada trazer-lhe uma jarra de cerveja. Quando o fez, ele olhou ao redor da sala, procurando por Claire, mas não a encontrou. — E onde está sua linda irmã esta noite?

Seu pai respondeu.

— O navio de Coll apenas chegou ao porto. Ele não a viu ainda. Ela já estava em seu quarto, preparando-se para a refeição da noite, quando ele chegou.

Assim que seu pai disse isso, Claire emergiu das escadas da torre. Tavish abriu um largo sorriso para ela.

— Aqui está ela. — Mas um olhar para ela fez seu sorriso morrer nos lábios. Ela estava pálida, as mãos se fechavam e abriam nervosamente, parecia acuada, quase com medo.

Colocando-se entre ela e seu irmão, ele atravessou o corredor. Algo estava errado, mas ele não tinha ideia do que era. Quando chegou perto dela tomou-lhe as mãos. Suavemente, ele perguntou:

— Está tudo bem?

— Sim, é claro — disse ela, sem fazer contato visual.

— Claire, olhe para mim.

Ela o fez e ele olhou nos olhos dela. As profundidades cristalinas foram preenchidas com apreensão.

— Me diga o que está errado.

— Eu só... bem... é só isso, eu não conheço Coll. Ele é meu irmão e um absoluto estranho.

Tavish deveria ter percebido que isso poderia acontecer. É claro que ela iria se sentir ansiosa.

— Então, venha conhecê-lo — disse ele suavemente.

— Eu não estou preparada. Eu não sabia que ele estaria chegando tão cedo.

Ele sorriu para ela.

— Você soa como eu, no dia que você chegou.

— Agora eu sei o que você sentiu naquele dia — disse ela, parecendo não menos preocupada.

Ele apertou suas mãos.

— Claire, você não tem nada a temer. Ele é seu irmão. Venha conhecê-lo. — Então, ele soltou as mãos dela e lhe ofereceu o braço.

Após um momento de hesitação, ela balançou a cabeça e tomou seu braço.

~ * ~

Cassie tinha ficado em seu quarto tanto tempo quanto ela poderia, isso depois que lhe tinham dito que o irmão de Claire tinha chegado. Ela não era Claire. E se ela dissesse ou fizesse algo que a denunciasse? E se ele a descobrisse? Ela não sabia como iria lidar com isso. Sabia que tinha que descer, mas necessitava de cada grama de sua coragem para fazê-lo.

Então, o momento em que entrou no salão, ela congelou, sua coragem se dissipando. Pânico cresceu dentro dela. O homem falando com Tavish e

Laird Ranald tinha que ser Coll Morrison. A semelhança familiar entre ele e a mulher que olhava para Cassie do espelho, era forte.

Cassie não sabia o que dizer ou como cumprimentá-lo.

Claramente Tavish tinha sido capaz de ler sua angústia e sabia que algo estava errado. Embora tivesse se feito uma promessa para manter distância dele, tanto física como emocionalmente, neste momento ela não podia. Ela precisava de sua ajuda para conseguir passar por seu primeiro encontro com o irmão de Claire. Ela tomou o braço que ele lhe ofereceu.

Ele a levou para o irmão de Claire.

— Coll, eu sei que tem sido anos desde que viu sua irmã, e eu suspeito que ela mudou um pouco. — Tavish sorriu maliciosamente.

Um largo sorriso se espalhou pelo rosto de Coll Morrison.

— Sim, ela mudou, mas eu reconheceria minha irmãzinha em qualquer lugar. — Ele abriu os braços. — Claire, é tão bom ver você de novo.

Cassie hesitou, olhando Coll diretamente nos olhos pela primeira vez. Flashes de imagens de memórias – que não eram suas – passaram por seu cérebro. E seu coração se encheu de um sentimento de, grande amor e tristeza profunda.

Tavish a empurrou para a frente, mas não foi necessário. Cassie entrou no abraço de Coll e permitiu que o calor dele a preenchesse. Apesar de tudo, ela sabia que Claire amava seu irmão.

Ele a segurou por um momento antes de dizer.

— Claire... Eu sinto muito.

Cassie deu um passo atrás para que ela pudesse olhar para ele.

— Por quê, Coll? Você não tem nada para se desculpar. Nossa — ela hesitou, incapaz de dizer pai — nosso *Laird* tomou decisões para todos nós e nós o respeitando.

— Eu sei, docinho. Mas você tem estado afastada por tanto tempo.

Ela sorriu para ele.

— Ainda assim, você não teve nada a ver com isso. Vamos deixar o passado. Nada pode se conseguir se deter-nos sobre isso.

Coll tomou-lhe as mãos.

— Você se tornou uma linda mulher, Claire. Em todos os sentidos. — Ele se inclinou e beijou sua bochecha.

Instantaneamente, uma paz profunda impregnou Cassie. Gertrude tinha dito a ela que normalmente oferecia o relógio de bolso a alguém, porque havia algo que eles deviam descobrir ou fazer aonde iriam. Mas, neste caso, ela disse dar a ela o presente era o suficiente. Cassie pensava que era simplesmente, por que aparecer no corpo de Claire salvara a menina de um destino horrível. Mas agora ela percebeu que havia outros benefícios. Sem dúvida, ela sabia que Coll teria se responsabilizado se algo tivesse acontecido com Claire por causa de suas decisões. A culpa o teria atormentado para o resto de sua vida, mudando-o para sempre.

— Obrigada, Coll.

— E você tem apreciado estas últimas semanas longe da abadia? — Seu tom era tão esperançoso.

— Sim, meu tempo aqui foi muito agradável. Os Ranalds são belos anfitriões. Você estava certo, eu precisava sair da abadia de ser capaz de ver as coisas mais claramente.

Um sorriso dividiu o rosto de Coll.

— Então decidiu aceitar o noivado?

Ela odiava o que estava prestes a fazer. Mesmo assim, ela não teve escolha a não ser continuar o curso que tinha começado.

— Não, eu não disse isso. Eu tinha necessidade do tempo longe para compreender plenamente o que eu queria. E o que eu quero é voltar para a abadia.

Coll pareceu surpreso. Ela olhou ao redor, para os outros homens. Laird Ranald parecia confuso, como se não tivesse ouvido corretamente. Mas, por alguma razão desconhecida, Tavish parecia atordoado. Como poderia ser? Este era o plano desde o início.

— Mas, Claire, moça — disse Laird Ranald — Você parecia tão feliz e contente.

Ela virou-se para encara-lo.

— Eu tenho sido muito feliz, Laird. Todos você tendes sido extremamente gentis comigo. Mas minha felicidade também decorre do fato de que eu sei o que eu quero agora.

— Você quer tomar os santos votos? — Perguntou Coll.

Droga. Ela não podia mentir para ele mais do que ela poderia para Padre Paulo.

— Eu não estou absolutamente certa ainda. Mas eu acredito que minhas respostas estão na abadia.

A expressão de Coll ficou severa e ilegível.

— Claire, eu entendo a ligação que você tem à abadia e as irmãs de lá. No entanto, se você não decidiu se foi chamada para a vida religiosa ou não, eu não acho que se trancar em uma abadia novamente vai ajudar.

— Mas, Coll...

Ele levantou a mão.

— Não, Claire. Nós não vamos discutir isso agora. Você está aqui há pouco mais de cinco semanas. Não há nenhuma razão para tomar qualquer decisão esta noite.

Ela começou a falar novamente e ele a parou.

— Eu disse, não agora. Teremos a oportunidade de falar em particular outra vez.

Cassie suspirou e não disse mais nada. Ele estava certo. Não era nem o momento, nem o lugar para discutir o futuro. Ela teve o luxo de um pouco de tempo, e podia esperar e trabalhar em convencê-lo sutilmente ao longo dos próximos dias.

Capítulo 15

A admissão de Claire havia chocado Coll. De tudo que Laird Ranald havia dito, ele acreditava que sua irmã estava feliz ali e parecia ter um carinho crescente por Tavish.

Isso só foi reforçado quando ela chegou no grande salão. Ela parecia nervosa e sem saber o que fazer. Coll só podia imaginar com quanta raiva e quão chateada, ela deveria estar com ele. De acordo com a Madre Abadessa havia dito Sir Gordon, Claire não queria sair. O dia em que chegaram à abadia com sua missiva, ela aparentemente não tinha recebido muito bem e implorou a Reverenda Madre para permitir que ela ficasse.

No entanto, na manhã seguinte, parecia que Claire aceitou e decidiu tentar tirar o máximo proveito disso.

Seoc e Tavish Ranald também tinham sido surpreendidos pelo pedido de Claire para voltar para a abadia. Quando Lady Ranald se juntou a eles momentos depois, soube da notícia, Coll achou que ela estava pronta para explodir em lágrimas.

Enquanto observava Claire naquela noite, ele não sabia o que pensar. Ela estava quieta e reservada, mas com base em observações feitas pelo Ranalds isto era incomum. Ele supôs que tanto a sua chegada quanto a falta de vontade para discutir seu retorno à abadia era o motivo.

Talvez ele devesse deixá-la voltar. Afinal, o que ele sabia sobre qualquer coisa? Particularmente, como ele saberia o que era melhor para sua irmã de dezoito anos de idade, que era uma estranha para ele? Coll tinha apenas vinte e três e nunca tinha imaginado que ele iria se tornar Laird de seu clã. Mas o destino tinha uma maneira de mudar as coisas. Com as mortes do irmão mais velho e de seu pai, o manto da liderança caiu

para ele, ele estando pronto para ou não. E junto com isso veio a responsabilidade por seus irmãos mais novos.

Ele só podia seguir seus melhores instintos. E quanto mais pensava nisso, mais firmemente ele acreditava que Claire não pertencia a uma abadia. Portanto, certamente não concordaria em mandá-la de volta até que ele tivesse mais para decidir. Ele simplesmente não estava disposto a deixá-la fazer essa escolha ainda.

Quando o jantar acabou, Claire se levantou e disse:

— Por favor, desculpe-me. Tem sido um longo dia.

— Não nos deixe tão cedo, Claire — disse Lady Ranald. — Que tal se juntar a mim para um jogo de gamão?

Claire sorriu para ela, mas Coll viu a dor em seus olhos.

— Eu deveria assistir às minhas orações.

Lady Ranald parecia extremamente desapontada.

— Oh, minha querida moça, você passa o dia inteiro em oração. Certamente o bom Deus não vai impedir-lhe alguns momentos de lazer?

Claire abriu a boca, claramente pronta para recusar novamente, mas Coll interrompeu-a antes que ela pudesse.

— Lady Ranald, por favor, tem sido muitos anos desde que eu tive uma conversa tranquila com a minha irmã e eu acho que já está muito atrasada. Lady Ranald, se importarias muito se Claire e eu tivéssemos um tempo para nós mesmos?

Lady Ranald balançou a cabeça, parecendo um pouco confusa.

— Não, de modo algum.

Claire, por outro lado, parecia claramente apreensiva.

— Coll, eu preciso ver minhas orações.

— Nós estivemos separados por mais de dez anos. Como diz Lady Ranald, é improvável que o bom Deus proíba-nos alguns minutos. — Ele apontou para a escada da torre. — Quer você se juntar a mim no meu quarto? Ou será que preferes o seu próprio?

Ela franziu o cenho para ele.

— O meu é bastante confortável. — Seu tom era plano e sem emoção.

Ele colocou uma mão em seu cotovelo, guiando-a para as escadas. Ela foi à frente até a escadaria circular e levou à sua câmara, permanecendo em silêncio durante todo o caminho.

Uma vez dentro, ela acendeu várias velas.

Quando o quarto se iluminou, ele notou uma pintura de um anjo apoiado em uma caixa de madeira. Ele pegou uma vela e aproximou-se dela.

— Que pintura bonita. É o trabalho de Lady Ranald? Ela pinta?

— Não. Eu pintei.

— Você fez isso?

Ela parecia divertida.

— Não fique tão chocada. Não há tantas formas de entreter-se em uma abadia.

— Claire, isto é lindo.

— Agradeço você. Acabei de terminar uma outra pintura que eu pretendo dar a Lady Ranald quando eu partir.

— Ah, eu vejo. — Claramente, em sua mente, partir foi uma conclusão precipitada. — A este respeito, é uma das coisas sobre o que eu gostaria de falar com você.

— Bem, isso é uma surpresa. — Seu tom destilava sarcasmo.

Coll franziu a testa.

Suas faces coraram e ela olhou para baixo.

— Eu sinto muito. Você está certo, foi inapropriado. Mas eu já disse a você, eu pretendo voltar para a abadia.

— Eu sei que você disse, mas podemos dar um passo atrás? Talvez só falarmos um com o outro por um tempo? Eu não quero discutir com você.

Ela suspirou.

— Não é minha intenção discutir. Por favor, sente-se. — Ela apontou para uma cadeira perto da lareira e sentou na oposta a ele.

Ele sentou e considerou-a por alguns momentos. Ele poderia dizer que ela estava desconfortável. Ela mexeu-se e evitou fazer contato visual.

Coll desejava que pudesse aliviar a tensão. Talvez abordar a fonte de tudo aquilo fosse a melhor maneira de começar.

— Claire, mais cedo esta noite, você disse que eu não lhe devia um pedido de desculpas. E é verdade, eu não tenho nada a ver com seu envio a abadia.

Ela assentiu com a cabeça.

— Também deves saber que Gavinia estava por trás disso. Nosso Pai nunca teria nos enviado, sem a influência dela.

Ela balançou a cabeça.

— Coll, eu não quero falar sobre isso. Assim como eu disse antes, nada pode se conseguir, por deter-se a isso.

— Eu sei que disse isso, mas eu não posso deixar isso passar. Há coisas que ambos devemos discutir. Não podemos seguir em frente, a menos que o façamos. Acho que grande parte da razão para que você

— Como você sabe disso? Eu pensei que ele ainda estava em treinamento com os MacLeods?

— Sim, ele está.

— Então como é que sabes o que ele estava pensando depois que nosso Pai adoeceu?

Droga. Ele esperava evitar compartilhar esse detalhe.

— Ele voltou para casa por um tempo.

— Para Castle Morrison? Por quê?

— O Pai mandou chamá-lo.

Ela não poderia ter parecido mais ferida se ele tivesse batido nela.

— Entendo. No entanto, aparentemente ninguém mandou me chamar.

— Mas, Claire, não foi porque não quisemos. Eu tomei a decisão de não a trazer para casa, e eu tinha uma boa razão. Fearchar estava no comando. Ele já era, essencialmente, o Laird, e era perigoso. Seus próprios desejos guiavam suas ações e quando se tratava de conseguir o que queria, ele era implacável. Eu temia que se você voltasse, se ele ao menos se recordasse que você existia, ele teria usado você para seu próprio ganho. Muito provavelmente, ele teria dado vossa mão a quem o beneficiasse mais, independentemente de seus desejos ou bem-estar.

Medo cruzou suas feições.

— Então, se ele não tivesse sido morto, eu ainda estaria na abadia?

— Não. Isso não, provavelmente isso tudo não. Eu tinha a esperança de trabalhar em arranjar um noivado adequado para você sem o seu conhecimento. Então, teria tentado convencê-lo da sabedoria dele. Não havia garantia de que ele o aceitaria se ele quisesse dar-lhe a outra pessoa, mas era a minha única opção. Uma vez que ele se lembrasse de você, não havia absolutamente nenhuma chance de que ele ia deixá-la permanecer na

abadia, mesmo se você acreditasse que fostes chamada. Garantir que você estivesse protegida e casada com um bom homem era o melhor pelo que se podia esperar.

Sua expressão se suavizou um pouco, mas ela não disse nada.

— Depois que ele morreu, não era apenas Darach que queria você em casa. Praticamente todo o clã clamava por isso. Você se lembra de Etta, nossa velha babá?

Ela franziu a testa.

— Eu não lembro muito.

— Bem, logo que a notícia da morte de Fearchar chegou até nós, ela ficou insistindo que uma vez que o perigo passou, eu precisava trazê-la para casa.

Um sussurro de um sorriso se formou em seus lábios.

Ele riu suavemente.

— Mesmo sendo o chefe do clã, quando a mulher que enxugou seu nariz e mudou suas fraldas insiste que faça alguma coisa, é difícil dizer não.

Ela riu.

— Eu suponho que seja.

O sorriso de Claire era o que mais ele se lembrava sobre ela. Mesmo o menor poderia iluminar um quarto. Ver um vislumbre de um agora iluminou seu humor e ele sorriu.

— Assim veja, o clã ama você e não fostes esquecida.

Infelizmente, sua diversão desapareceu tão rapidamente como tinha chegado.

— Talvez não, mas isso não muda o fato de que todos são estranhos para mim.

Ela o olhou diretamente nos olhos.

— Claire, não é tão simples. Há outra coisa que você necessita entender. Em seu curto período de tempo como Laird, Fearchar conseguiu destruir nossos relacionamentos com vários outros clãs. Quando eu me tornei Laird, eu estava encarregado de liderar e proteger os Morrisons, mas eu herdei um desastre. Se eu tenho uma esperança de ser bem-sucedido, preciso reparar os danos e fazer novas alianças estratégicas.

— O que você está tentando dizer?

— Eu estou tentando dizer que eu preciso dessa aliança com os Ranalds. Eu sei que quer voltar para a abadia, mas você disse que não é porque quer tomar os votos...

— Bem, se é uma aliança com os Ranalds que quer, terá que obtê-lo de outra maneira. Talvez tomar Boyd como um escudeiro. Ele é um bom rapaz, você gastará dele.

O Presente – Ceci Giltenan

Ela praticamente pulou da cadeira e começou a andar.

— Bem, então, eu não sei o que dizer, porque eu não vou casar com Tavish Ranald.

— Por quê? — Ele exigiu. — Até que você entrasse na sala esta noite, eu não tinha ouvido nada, além de brilhantes histórias sobre você. Eu pensei que Lady Ranald ia explodir em lágrimas antes do jantar quando soube que você pediu para voltar para a abadia.

— Você não está me pedindo para casar com *Lady Ranald*.

— Mas Tavish pareceu igualmente apaixonado, ele também estava atordoado quando você apareceu para descartar a possibilidade de um compromisso.

Ela parou de andar e se virou para encará-lo.

— Bem, ele não deveria ter sido surpreendido. Ouça, Coll, Tavish é um bom homem, eu não posso negar isso. Mas há algo que Laird e Lady Ranald não sabem. Desde meus primeiros dias aqui, Tavish não queria se casar comigo. E isso estava bem, porque eu queria voltar para a abadia. Mais tarde, depois nos tornamos amigos e eu comecei a desfrutar de sua companhia, eu entendi a razão pela qual ele não queria se casar. Ele ama outra pessoa. Alguém que ele nunca poderá ter.

— Então eu não vejo qual é o problema. Se ele não pode casar com ela, não importa.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Você realmente acha isso?

— Sim. É claro que ele gosta de você. Ele pode aprender a amá-la.

Ela olhou para ele por vários momentos sem dizer nada ou parecer reagir às suas palavras.

Coll tinha estado em torno de mulheres o suficiente para saber que isso não augurara nada de bom.

— O que está pensando? — Perguntou ele, desconfortável com o longo silêncio.

— Eu estou pensando que você é tão ignorante e equivocado como nosso Pai. Apesar de tudo que dizes, eu nunca fui prioridade de ninguém. Eu sou o último pensamento. Um fardo.

— Claire, isso...

— Não, Coll, ouça você. Agora, por favor, me escute. O fato é que, não por culpa minha, eu vivi uma vida muito solitária. Agora você está me pedindo para se casar com um homem que professa amar alguém? Um homem, que, como quase todo mundo na minha vida nunca vai ter-me em primeiro lugar em seu coração? Bem, eu não vou fazê-lo. Não me importa se é pelo melhor interesse do clã ou não.

Solitária? Querido Deus. Até o momento ele não acreditava que seu tempo na abadia era essencialmente diferente do que o seu e de Darach na formação. Mas certamente foi. Ela não tinha vivido no meio de outra família, tinha estado sozinha, exceto pelas monjas. Mesmo ele entendendo isso, o fato de que ela acreditava que era indesejada, o feriu.

— Claire, você não está em último pensamento, ou um fardo, você é minha prioridade.

— Eu acredito em você, milhares não iriam — ela zombou. — Se eu sou sua prioridade, você não irá empurrar-me a casar com um homem que não deseja se casar.

— E eu não vou obriga-la a se casar com ele. Mas parece como se planejasse voltar para a abadia nos seus primeiros dias aqui. Nem ao menos tentastes. Pode, ao menos, reconsiderar?

Sua mandíbula apertou e ela virou a cabeça para olhar para o fogo. Ela não respondeu.

Depois de outra pausa prolongada, ele perguntou.

— Claire?

Toda a sua postura mudou e ela balançou a cabeça como se derrotada.

— Tudo o que desejas, Laird. — Seu tom era monótono e sem emoção.

— Claire, por favor. Não me trate como *Laird*. Eu não estou pedindo que concorde em se casar com ele. Se ele não é o marido certo para você, eu vou encontrar alguém. Eu só quero que mantenha uma mente aberta sobre o casamento em geral. No entanto, por vossa própria admissão, não decidiu juntar-se a ordem. Então me ouça bem, moça. Até que possas me olhar nos olhos e dizer, honestamente, que fostes chamada para a vida religiosa, não vou permitir que retorne à abadia.

— Deixastes isso muito claro. Existe mais alguma coisa que desejes de mim esta noite?

Ele imobilizou um olhar.

— Eu quero a minha irmã de volta.

Ela balançou a cabeça.

— Infelizmente, provavelmente é tarde demais para isso. Então, se não há mais nada que você queira de mim, eu vou dizer boa noite. Pode achar o caminho de volta para o grande salão?

Isso definitivamente não tinha acontecido da maneira como ele esperava.

— Sim, eu posso. — Suspirando, ele se levantou e atravessou a sala até ela, colocando um beijo em sua testa. — Boa noite, Claire.

Ela desviou o olhar.

— Boa noite.

Capítulo 16

Cassie ficou olhando para a porta após Coll partir. Ela estava com raiva e magoada, mas sabia que não estava sozinha nisso. Ela não havia sentido a presença de Claire mais profundamente do que tivera momentos antes. Talvez fosse porque os sentimentos de Claire espelhavam o seu próprio. Mas, enquanto Cassie havia se resignado a sua própria situação familiar tensa, Claire ainda sentia a dor indignada de uma adolescente incompreendida. A própria dor de Cassie só foi agravada quando ela percebeu que Claire estava sendo usada como um peão político.

Com todas as emoções conflitantes de Claire surgindo à superfície, não foi de estranhar que Cassie tenha tido problemas para controlar sua língua.

Mesmo assim, não tinha sido Claire que discutira com Coll. Sua própria dor não estava enterrada muito abaixo da superfície.

Ela respirou fundo, várias vezes, para tentar se acalmar. Perder o controle não lhe tinha feito ganhar nada e não podia deixar isso acontecer novamente. Ela tinha pensado que convencer Coll a deixá-la retornar à abadia seria relativamente simples. Afinal, até hoje à noite, ele tinha soado como se tivesse deixado essa opção aberta para Claire. Mas depois de sua discussão, ela percebeu que havia muito mais do que isso. Coll, mais precisamente o Clã Morrison em geral, necessitava de uma aliança com os Ranalds.

É claro que eles o faziam. Cassie era muito bem-educada na cultura medieval e sabia que essa era a principal razão para os nobres medievais arranjam casamentos. Se ela tivesse dado qualquer pensamento a este respeito, ela teria percebido que tinha que ser por isso Coll queria o

noivado. O fato de que ele queria que Claire tivesse a oportunidade de conhecer os Ranalds, e de bom grado aceitar a união, era um sinal de que ele amava e se preocupava com sua irmã.

Ela atravessou a sala até a janela, puxou de lado as cortinas pesadas, abriu as persianas, e olhou para o céu.

Eu nunca fui prioridade de ninguém. Eu sou o último pensamento. Um fardo... Eu vivi uma vida muito solitária.

Cada pedaço disso era verdade para Cassie. Pelo menos tinha sido até Tom aparecer.

E Mike. Ela sorriu para si mesma. Sentia-se mais perto dele do que ela fazia com seu pai.

Mas agora enquanto ela pensava sobre tudo, ficou claro que ela já se sentia mais perto do Ranalds do que ela fazia com seus pais ou Sloan. Ela seria uma parte de uma família amorosa se ficasse aqui. Seria parte de duas famílias amorosas, se ela acreditasse em tudo que Coll tinha dito. Talvez ela deveria reconsiderar as coisas. Ela estava certa que se não se opusesse ao noivado, Laird Ranald iria concordar com isso, Tavish querendo ou não.

Ela balançou a cabeça. Não. Conseguir uma família substituta não era uma razão boa o suficiente para ficar aqui e se casar com um homem que, por sua própria admissão, nunca poderia amá-la.

Ela só teria que atuar seu papel um pouco mais. E enquanto parecia possível que Coll concordaria levá-la de volta para Lewis com ele, não conseguia parar de pensar em tudo o que ele disse a respeito de quanto o clã amava Claire. Voltar para lá e morrer imediatamente seria um golpe terrível. Ela precisava, mais uma vez, tentar convencê-lo a deixá-la retornar à abadia. Ela acreditava que era a melhor solução. Ela iria tentar falar com ele novamente amanhã.

Para isto, durante café da manhã, ela pediu a Coll para dar um passeio com naquela manhã.

Ele concordou.

Mas, mesmo depois que eles foram bem longe da fortaleza e tinham montado por, pelo menos, metade de uma hora, ela ainda não tinha sido capaz de levantar o assunto que queria discutir.

Finalmente, foi o próprio Coll, que a empurrou.

— Claire, quando deixamos a fortaleza tive a nítida impressão de que queria falar comigo sobre alguma coisa.

— Eu estive conversando com você.

— Sim, estive. Falara sobre o clima, a colheita, e os planos para a festa de São Miguel. De alguma forma eu não acho que é o que estava em mente quando pediu para cavalgar comigo. Era isso?

— Não, não era.

— Então ande logo e fale.

Agora ou nunca.

— Quero que reconsidere sua decisão de não deixar-me voltar para a abadia.

Ele virou-se para ela.

— Claire, nós conversamos sobre isso ontem à noite. — Seu tom era uma mistura de raiva e frustração.

Ela não deixou isso pará-la.

— Eu sei. Ouvi tudo o que você disse, mas eu não acho que entendeu. Tenho boas razões para querer voltar para a abadia.

Ele olhou para longe dela por um momento.

— Então por tudo que é mais sagrado, me diga por que.

— Você não entenderia.

— Bem, existem algumas coisas sobre você que não mudaram, sempre foi capaz de tentar a paciência de um santo. Diga-me por que quer voltar para a abadia. Disse que tinha boas razões. Quais são?

Ela franziu o cenho para ele. Ela não podia dizer-lhe a verdade real.

— Porque... eu não estava pronta para deixá-la. — Baseado no que Gertrude tinha dito, era a verdade absoluta.

— Isso não é uma resposta, Claire.

— É claro que é uma resposta. Eu só quero um pouco mais de tempo lá.

Coll freou seu cavalo.

— Pare, agora.

Cassie obedeceu, controlando sua montaria também.

— Olhe para mim — disse Coll.

Ela obedeceu e ficou tocada pela preocupação que viu em seus olhos.

— Apenas posso ver uma única boa razão para permitir-lhe retornar a São Avoca, e é para fazer os votos. Eu disse na noite passada que até que você pudesse me olhar nos olhos e dizer, honestamente, que fostes chamada para a vida religiosa, eu não permitiria seu retorno à abadia. E não poderia fazê-lo. Isso mudou durante a noite?

— Eu... eu... — Ela olhou para longe.

— Não, Claire, os olhos em mim. Quer ser uma freira?

Ela olhou em seus olhos e não pode mentir.

— Não, mas... —

— Então pare aí. Isso é tudo o que eu precisava ouvir. Nada mudou.

— Mas eu acho que se eu voltar para a paz e solidão espiritual da abadia, por pouco tempo, minha vocação se tornará clara.

Coll franziu a testa.

— Bem, eu não concordo. Francamente, acho que seu problema em decidir seu chamado para a vida religiosa se baseia firmemente no fato de que você não pertence a abadia e você sabe disso. Se Deus fosse lhe chamar, ele teve dez anos na *paz e solidão espiritual* da abadia para se fazer ouvir. Eu não acredito que é sua intenção. Eu acho que ele trouxe-a aqui por uma razão.

— Deus não me trouxe aqui. Seus guardas o fizeram. — Seu tom soou petulante para seus próprios ouvidos. Claire estava totalmente presente com ela.

— Claire, pare com isso. Essa discussão acabou. Eu não posso ser mais claro. Você não irá retornar para a abadia. Você não se destina a fazer votos sagrados, sabes disso, assim como eu. Ontem à noite dissestes que não acha que Tavish pode amar você. Eu discordo, mas não vou forçá-la. Há outros bons homens com quem eu posso arranjar um noivado.

— Eu não quero me casar.

Ele balançou a cabeça, exasperado.

— Está com medo do casamento?

— Não, não é isso.

— Percebo que levou uma vida muito protegida. Se é o leito conjugal que a preocupa...

Cassie ergueu a mão quando o calor subiu em suas bochechas.

— Por favor, pare. — A última coisa que ela precisava era um homem medieval tentando contar a ela sobre os pássaros e as abelhas.

— Se é isso, eu poderia pedir a Lady Ranald para...

— Não é isso. Se eu não posso voltar para a abadia, posso, pelo menos, retornar para Lewis com você por um tempo?

Coll deu um suspiro de frustração.

— Muito bem. Pode enquanto você prometer considerar seriamente um noivado com outra pessoa.

— Eu prometo.

— Então, se você ainda quiser ir para casa comigo quando chegar a hora, vou permitir isso.

Antes de Cassie ter a oportunidade de se sentir mais do que um momento de alívio, Coll acrescentou:

— Mas eu quero que penses muito sobre isso. Quero que descubra do que está com medo.

— Eu não tenho medo de nada. — Sua voz soava excessivamente defensiva para seus próprios ouvidos.

— Sim, Claire, tem. E uma vez que descobrir o que é, podemos enfrentá-lo. Eu não vou deixar você fugir da vida, da possibilidade de um casamento feliz, que também irá beneficiar o nosso clã, por causa de algum medo desconhecido.

Cassie não discutiu mais com ele. Não havia nenhum ponto. O fato de ele ter concordado em levá-la com ele para Lewis era o suficiente por agora.

Capítulo 17

A admissão de Claire à seu irmão na noite anterior havia devastado Tavish. Ela queria partir – voltar para a abadia. O fato de ele saber que isso era seu plano desde o início, não diminuiu sua dor. Embora, inicialmente, não estava tentando cortejá-la em um noivado, ele tinha feito todos os esforços para convencê-la de que ela não pertencia à abadia.

E ele pensou que estava ganhando essa batalha. Portanto, ele também acreditava que convencê-la de que a amava e queria se casar com ela fosse, certamente, alcançável.

Mas ela tinha anunciado a seu pai e seu irmão que, mesmo que não tivesse tomado uma decisão sobre se tornar uma freira, ela queria voltar para a abadia, não queria casar com ele.

Dane-se tudo, ele sabia o que tinha feito. Desde o início, tinha dito a ela que não queria se casar e, eventualmente, lhe dera o motivo. Além disso, ela o assegurou que ele não iria quebrar seu coração. Ela certamente não poderia saber que ele mudou – mais precisamente... que ela lhe tinha mudado.

Ele teria que mostrar a ela.

Felizmente, seu irmão não tinha concordado em levá-la para a abadia, disse que não iria tomar qualquer decisão até depois Michaelmas, então Tavish tinha algum tempo para conquistá-la.

Pelo menos ele pensava que sim. Ele fez várias tentativas de ficar sozinho com ela ao longo dos dias que se seguiram, Claire conseguiu evitá-lo. Pior ainda, algo havia mudado. Passava presa na oração e parecia saborear cada momento no Castelo Ranald, atirando-se plenamente em tudo o que ela fazia.

Agora, ela apresentava uma calma e reservada atitude. Ainda era tão educada e gentil como sempre, mas a exuberância alegre que aprendeu a amar havia desaparecido. Era como se ela estivesse se preparando para voltar ao local sossegado da abadia.

Ele não ouvia sua risada em dias, deveria fazer algo em breve, ou iria perdê-la.

Então os MacLeans chegaram e as coisas tornaram-se infinitamente piores. Embora fosse sempre bom ver seu irmão, Hugh, desta vez, veio a um preço – a presença dos irmãos mais novos de Laird MacLean.

James e Andrew eram bastardos encantadores e logo ficou claro que ambos estavam atraídos para Claire. Ainda mais, Hugh parecia apaixonado por ela também. Como se isso não fosse suficiente, Coll não desanimou a atenção que qualquer um deles dava a sua irmã.

Ele queria estar com raiva, mas só tinha a si mesmo para culpar. Afinal, ele lhe dissera que não queria se casar e que amava outra pessoa. Claramente, James e Andrew não tinham tais impedimentos. Hugh era jovem, aos vinte e um anos, ele certamente tinha idade suficiente para ser prometido a ela. Seu treinamento iria acabar em breve.

Quando a festa de São Miguel finalmente chegou, Tavish mal podia conter seu temperamento. Os irmãos do Laird MacLean, para não mencionar o seu próprio, praticamente disputavam a chance de sentar-se perto e dançar com ela. Quando Tavish finalmente foi capaz de reclamá-la para dançar, ele não queria deixá-la ir no final da dança, agarrou a mão dela e puxou-a para longe dos dançarinos...e dos MacLeans.

— Tavish, o que você está fazendo?

— Eu quero falar com você. Sozinho.

Ela praticamente bufou.

— O grande salão está transbordando com as pessoas. Dificilmente estaremos sozinhos.

— Eu sei disso. Ainda assim, eu tenho que tomar qualquer oportunidade que se apresenta. Eu não tenho tido tempo com você o desde que seu irmão chegou.

Ela suspirou profundamente e balançou a cabeça.

— Sabe bem o porquê.

— Sim, mas as coisas mudaram.

— As coisas mudaram? Como?

Este não era o momento para declarar seu amor por ela.

— É uma longa história.

— Então, claramente não pode dizer-me agora.

— Não, eu não posso. Mas se você cavalgar comigo amanhã, sozinha, eu vou dizer tudo.

— Eu não vejo como eu posso fazer isso. Meu irmão estará partindo em poucos dias. Ele aceitou o fato de que não vai conseguir a aliança pelo casamento que procurava com seu Pai. E embora eu prefira voltar para a abadia, eu prometi ao menos considerar um noivado com outra pessoa. Então, ele concordou em me levar de volta para Lewis. Eu vou ter de começar a empacotar minhas coisas amanhã.

— Claire, eu...

— Não, Tavish. Este era o plano desde o início. Devo sair.

Antes que ele pudesse convencê-la de outra forma, Andrew MacLean apareceu.

— Aqui está você, minha moça esbelta. Eu temia que tivesse sido arrebatada por anjos com ciúmes de vossa beleza... ou meu irmão.

Claire balançou a cabeça e deu uma risadinha.

— Agora, você está sendo ridículo.

— Ah, você me feriu. — Ele piscou para ela. — Se desculpe comigo, dando-me esta dança? — Ele estendeu a mão.

Ela sorriu desculpando-se a Tavish quando ela pegou a mão de Andrew, permitindo que ele a levasse.

Tavish a chamou.

— Claire, espere! — Mas ou ela não o ouvira ou preferiu ignorá-lo, porque continuou se afastando.

James MacLean escolheu esse momento para aparecer.

— Ela está indo dançar com Andrew, não é?

— Sim — Tavish entre dentes, acrescentando — Dane-se tudo — em frustração.

James deu uma gargalhada.

— Eu diria que você está sendo como o cão de guarda da manjedoura.

— Do que falas? — exigiu Tavish, incapaz de esconder sua irritação.

— Conheces a fábula. Um cão estava deitado em uma manjedoura cheia de feno e quando as vacas vieram para comer, ele latiu e rosnou, recusando-se a deixá-los comer o feno, embora ele próprio não poderia comê-lo.

— Eu conheço a fábula. Eu não vejo como se aplica.

James inclinou a cabeça para um lado.

— Não vê? Pelo que entendi, a criatura adorável está aqui há mais de seis semanas, seu Laird está aqui há mais de uma semana, e ainda não há nenhum compromisso. Isso me faz pensar que não vai acontecer. Eu suponho que é possível que ela não tem interesse em você, mas pela forma que seus olhos os seguem quando não está olhando, eu diria que isso não é provável. Então eu só posso supor que foi você quem impediu o noivado.

Tavish o encarou.

James deu de ombros.

— Vê agora? Cão e manjedoura?

— Você não sabe sobre o que está tagarelando.

— Oh, eu acho que tenho. Olha, Tavish, é óbvio para mim, se não para o meu irmão, que sua doce moça não está interessada em qualquer um de nós. Ela só tem olhos para você. Assim, ou deixa-a ir, ou faça o que deve para ganhar sua mão.

James se afastou antes que Tavish pudesse formar uma resposta. E o que ele poderia dizer? O homem estava certo.

Ele começou a caminhar para a mesa quando Boyd quase se chocou com ele.

— Vem comigo — seu irmão mais novo exigiu.

— Boyd, eu não estou em nenhum humor para...

— Eu não me importo com que tipo de humor você está. Venha comigo *agora*.

Tavish olhou para os dançarino e viu Claire ainda dançando com Andrew. Esta noite estava ficando melhor e melhor. Ele podia muito bem lidar com qualquer que fosse o inseto que Boyd tinha em seu traseiro agora, do que mais tarde.

— Bem.

Boyd caminhou em direção às portas da frente e para fora do grande salão, claramente esperando que seu irmão o seguisse.

Tavish revirou os olhos e deixou o salão. Uma vez que estavam na calma relativa das paredes exteriores do castelo, Boyd se virou para ele, exigindo:

— Qual é o seu problema?

— Oh, pelo amor de tudo que é mais sagrado, Boyd, do que está falando?

— Você está a deixar aqueles MacLean... aqueles MacLean... *asnos* — Boyd olhou ao redor, talvez com medo de que seus pais estivessem por perto para ouvi-lo, antes de continuar. — Você está os deixando *cortejar* Claire.

A indignação de Boyd foi cativante e Tavish não pode deixar de perguntar:

— Por que isso lhe incomoda?

Boyd fez uma careta, seus olhos ficando surpreendentemente brilhantes, como se ele estivesse prestes a chorar.

— Porque eu a amo, eu não quero que ela parta.

— Boyd — Tavish disse gentilmente — você é jovem demais para se casar com ela.

— Eu sei disso — ele praticamente rugiu. — E eu não quero casar com ela. Quero que você se case com ela. Papai e Mamãe a ama, e eu sei que você a ama também. Por que está sendo um grande idiota? Vá até lá e a pegue de volta.

Tavish não poderia deixar de rir.

— Boyd, não vou negar ser um idiota, mas eu não posso, exatamente, ir lá e arrastá-la para longe da dança.

— Por que não? — Perguntou ele.

— Porque isso vai causar uma cena, se eu fizer isso agora.

Boyd pigarreou e começou a voltar para a fortaleza.

— Onde vai? — Perguntou Tavish.

— Encontrar Hugh. Se você é estúpido o suficiente para deixar Claire partir, talvez ele se case com ela.

— Não, Boyd, pare. Eu sei que você quer que Claire fique aqui. Eu também quero. Mas não vá interferir nisso. Juro, vou cuidar disso.

— É melhor — ele disse, ainda franzindo a testa.

~ * ~

Cassie estava exausta no momento em que ela foi para a cama naquela noite. Os últimos dias tinham sido completamente exaustivos, e ainda, de alguma forma, o sono fugiu.

Quando os MacLeans chegaram ela reconheceu a bênção que lhe tinha sido dada. James e Andrew eram engraçados e encantadores. Hugh Ranald foi uma agradável surpresa também. Ele se parecia muito com Tavish, era tranquilo e um pouco tímido.

Virar sua atenção para os MacLeans pareceu convencer Coll que ela e Tavish não foram feitos um para o outro. Também fez parecer como se estivesse fazendo o que ele pediu, e estava fortemente considerando casamento. Ela esperava que pudesse ajudar os Ranalds a enfrentarem o fato de que ela não ia se casar com Tavish, mas ela não tinha certeza de que o tinha feito.

Mais importante ainda, passar o tempo com os visitantes, tornou fácil evitar Tavish. Uma vez que ela percebeu que o amava, ela não poderia voltar para o modo como as coisas tinham sido.

Ela tinha gostado da camaradagem que se formou entre eles, mas agora tornou-se insuportável. Sem mencionar o fato de que teria sido cruel continuar a dar a seus pais a ideia errada.

Portanto, os outros homens haviam se tornado uma distração bem-vinda. Na verdade, eles eram todos homens gentis e deram todas as indicações de que estavam atraídos para ela. Talvez se ela os tivesse conhecido antes de se apaixonar por Tavish, poderia ter considerado

seriamente um noivado com qualquer um dos três, em vez de voltar ao seu próprio tempo.

Mas ela não tinha.

Ela não podia deixar de achar sua situação dolorosamente irônica. Tavish não podia abrir seu coração para ela porque amava outra. E ela não poderia amar outro porque ela abriu seu coração para ele.

Mas estava quase no fim. Finalmente, no início do dia de São Miguel, Coll tinha concordado que ela poderia ir com ele quando voltasse para Lewis.

Ela tinha conseguido o que precisava, sabia que Laird e Lady Ranald ainda estariam extremamente desapontados. Lady Ranald tinha tentado, mais de uma vez, fazê-la mudar de ideia sobre Tavish.

Uma tarde, depois de terem voltados de um passeio, quando Cassie estava no caminho para seu quarto, ela esbarrou com Lady Ranald no corredor. A boa mulher parecia ter estado esperando por ela.

— Claire, querida, teve um passeio agradável?

— Sim, minha Lady. Obrigada.

— Eu não ouvi você mencionar que quer voltar para a abadia, desde que seu irmão chegou. Mudou sua mente?

— Na verdade não. Eu ainda quero voltar, mas Coll insiste que eu passe um pouco mais tempo fora dos muros, até eu tomar minha decisão. Eu sinto falta da abadia.

Lady Ranald assentiu.

— Acredito, mas você sabe que aqui, pode sempre e quanto tempo quiser estar em oração, podes pintar... ou ler. Você não tem que voltar para a abadia para fazer essas coisas.

O coração de Cassie apertou. Era óbvio que Lady Ranald gostava dela. Cassie nunca tinha experimentado este tipo de carinho de um pai. Desaprovação, desapontamento, a crítica franca, sim. Mas não isto.

— Eu sei, minha Lady. Todos vocês tem sido tão amáveis e acolhedores. Não posso dizer o tanto que isso significou para mim.

— Então, por favor... — Lágrimas brotaram nos olhos da mulher mais velha. — Por favor, fique e se case com Tavish.

Cassie envolveu a mulher em seus braços. O que ela poderia dizer?

— Minha Lady... Eu tenho que confiar que o bom Senhor vai me guiar para o caminho certo.

O coração de Cassie doía de novo enquanto se lembrava dessa conversa. Ela odiava machucá-la assim. Mesmo que Cassie estivesse certa de que iria diminuir sua dor a longo prazo.

Houve momentos – como aquele – quando Cassie era forçada a questionar se receber o relógio de bolso tinha sido um *presente*, como Gertrude tinha dito, ou uma maldição. Mas esses pensamentos nunca duravam muito tempo. Apesar do quão difícil tudo havia se tornado, Cassie ainda estava feliz por ter usado o relógio de bolso. Ela tinha aprendido muito. Não só sobre os arredores medievais, mas sobre si mesma. Uma vez de volta em seu próprio tempo, ela seria capaz de seguir em frente com sua vida.

E Tavish iria seguir com a sua.

Algum dia ele teria que se casar, independente de ser capaz de amar a menina ou não. Cassie sentiu pena dela. Não era justo. Mas se a vida fosse justa, Tavish estaria com sua amada e Cassie nunca teria perdido Tom.

Ela brincou com a ideia de procurar a história do Clã Ranald quando voltasse para o século XXI. Ela gostaria de saber que Tavish, e também Boyd e Hugh, encontraram seus *felizes para sempre*.

Também se sentiria menos culpada por desapontar Lady Ranald se soubesse que a querida mulher tinha chegado a ter a nora que desejava, e talvez, até mesmo, netas. Por outro lado, era igualmente possível que o que ela descobrisse sobre eles só iria aumentar à sua angústia, decidiu que era melhor apenas deixar o passado no passado.

Tudo isso deveria tê-la deixado contente, se não completamente feliz.

Mas isso não aconteceu.

Sentia-se... perdida. Era como se ela tivesse estado caminhando propositadamente pelo o caminho que acreditava ser o certo, apenas para descobrir que não estava levando-a onde deveria. Ela estava indo para algum lugar que não queria estar, e agora ela não tinha ideia de qual caminho percorrer.

E, em seguida, esta noite, a cima de todo o resto, Tavish disse que as coisas tinham *mudado*.

Ela não quis ouvi-lo. Até onde podia ver, nada mudou, exceto, talvez, que outros homens pareciam interessados em se casar com ela. Ela suspeitava que qualquer mudança de coração de Tavish foi impulsionada por seu orgulho e talvez ciúmes.

Não. Teria sua paz. Ela suspirou profundamente. Seriam apenas alguns dias. Ela só tinha que manter tudo de pé, até lá.

Capítulo 18

Na manhã seguinte Tavish esperou, no grande salão, Claire descer para o pequeno almoço. Ele iria levá-la para cavalgar ela querendo ir ou não. E uma vez que ele a tivesse sozinha, tinha a intenção de pedir-lhe para ficar no castelo Ranald e ser sua esposa. Mas, para sua irritação interminável, ela não desceu para o café da manhã. Quando ele viu a criada de Claire, Kenna, ir para cima, ele pediu que dissesse a Claire que ele queria falar com ela.

Kenna franziu a testa.

— Eu vou fazer o meu melhor, senhor. Mas ela está completamente concentrada em empacotar suas coisas hoje. Eu não sei se ela vai descer ou não.

Quando Kenna ressurgiu das escadas da torre, meia hora depois, com a notícia de que Lady Claire preferiu continuar a empacotar, ele sabia que não podia esperar mais. Não se ele não queria perdê-la.

Ele subiu as escadas e bateu na porta da câmara.

Quando a abriu, seus olhos se arregalaram, chocada ao vê-lo.

— Sinto muito, Tavish. Eu disse Kenna para dizer-vos que eu não tenho tempo para sair hoje.

— Então vais arrumar tempo. — Ele caminhou para o quarto dela, pegou seu manto do guarda-roupa, e agarrou-a pelo pulso, puxando-a para fora. — Vamos andando.

— Não. Nós não vamos — disse ela, puxando o braço.

Ele se virou para encará-la.

— Você virá comigo agora. É imperativo que nós falemos. Há coisas que temos de discutir antes de você fazer uma escolha que nós dois vamos arrepender para sempre.

— Você não precisas se preocupar. Coll não está me levando para a abadia.

— Ele não está levando-vos a lugar nenhum até que nós resolvamos isso.

Ela encarou-o por um longo momento antes de bufar em exasperação e agarrar seu manto dele.

— Certo. Eu irei.

Ela fez uma careta e não falou quando ele a pegou pelo cotovelo e levou-a para baixo.

— Ah, Claire, aí está você — disse Hugh quando chegaram ao grande salão. — Eu pensei que talvez nós poderíamos...

Tavish levantou a mão para parar o que quer que seu irmão estava prestes a dizer.

— Não agora, Hugh. Claire e eu vamos cavalgar.

— Então talvez eu vá me juntar a vocês — disse ele, seguindo o passo deles.

— Eu disse *agora não*.

Seu irmão recebeu a mensagem.

— Ah, certo. Vou ver os dois mais tarde.

A carranca de Claire aumentou, mas Tavish não se importava. Isso era muito importante.

Demorou alguns minutos para selar cavalos e arranjar os guardas para se juntar a eles, e durante esse tempo, o humor de Claire não melhorou.

Ainda assim, enquanto eles montaram e cavalgaram para fora do pátio, Tavish sorriu para si mesmo. Pelo menos vê-la com raiva era uma melhoria sobre a Claire calma, desapegada, e sem emoção que tinha feito tudo em seu poder para evitá-lo por dias.

Passearam pela aldeia sem falar. Ele não podia deixar de se lembrar de seu primeiro passeio juntos, quando ele tinha estado tão irritado como ela estava agora. Assim que eles chegaram a terra aberta, ele não se opôs quando ela mandou Belle em um galope. Ele fez o mesmo, andando ao lado dela. A seu pedido, os guardas ficaram bem atrás deles.

Enquanto cavalgavam, ela permaneceu em silêncio, e o aperto teimoso de seu queixo sugeriu que seria improvável que ela iniciasse uma conversa.

Ele odiava silêncios desconfortáveis, mas ele esperou, acreditando que o momento certo viria.

Finalmente, ela freou, parando.

— Já montamos o suficiente?

Ele assentiu.

— Sim. — Mas quando ela virou a montaria em direção ao castelo de Ranald, desmontou.

Ela fez uma careta para ele.

— O que está fazendo?

Ele sorriu.

— Nós já cavalgamos o suficiente, mas agora eu gostaria de andar com você por um tempo. Eu disse que nós temos coisas para discutir.

— Não, nós não temos.

— Ah, talvez uma discussão é demais para pedir. Vou reformular isso. Eu tenho coisas a dizer e haveis de andar comigo e ouvir.

Ela balbuciou, parecendo surpresa com sua demanda.

— Eu... você... Eu não quero...

Ele ignorou seus protestos e levantou-a de sua montaria, como ela não parecia estar com nenhuma pressa para desmontar sozinha.

— Antes de você trabalhar seu temperamento, lembre-se que fez isso comigo uma vez. Eu acredito que quando eu disse a você que eu não tinha nada a dizer, vossa resposta foi, “o lado bom é que você não irá me interromper enquanto eu falo.” E embora eu prefira ter uma conversa, você pelo menos ouvindo o que tenho a dizer será suficiente para começar.

Quando os guardas se aproximavam, ele entregou as rédeas dos dois cavalos para eles, em seguida, estendeu a mão para Claire.

— Caminhe comigo.

— Eu vou, mas você não precisa segurar minha mão. — Ela se virou e avançou. Mas ele estava ao seu lado novamente com vários passos largos.

Continuaram caminhando em silêncio, até que eles estavam bem longe dos ouvidos dos guardas.

Finalmente, ele não pode deixar de rir.

— Sabes, eu não estava particularmente feliz na primeira vez que fiz isso, quando me chamou de jumento.

Ela bufou.

— Eu não o chamei de jumento, eu disse que você estava se *comportando* como um jumento. E, por falar nisso, está novamente.

— Agora, por que você diz isso?

— Porque esta mudando as regras.

— Do que está falando?

Ela parou e virou-se para ele.

— Tavish, foi você quem me disse que não queria se casar. Disse que não estava pronto, que amava alguém e enquanto isso, você não se casaria com outro alguém que merece mais do que você poderia dar-lhe.

— Eu sei que eu disse aquelas coisas, mas...

— Não, Tavish. Eu disse coisas também, lembra? Eu estava feliz na abadia e não queria casar também. E não queria que eu me apaixonasse por você. Não era para haver nada entre nós. Eu tinha visto para ver como era o mundo longe da abadia e você tentaria se acostumar com a ideia de permitir uma mulher em sua vida, sabendo que um dia você não teria escolha.

Ele colocou um dedo sobre os lábios.

— Shhhh. Para alguém que disse que não tinha nada a discutir, você conseguiu isso muito bem. És direita. Nós dois dissemos aquelas coisas. Mas a situação mudou.

— Eu sei que mudou. Numa tentativa egoísta de apenas aproveitar estas semanas, eu enganei seus pais. Eu não queria prejudicá-los, mas o fiz.

— O que está falando?

— Nunca me ocorreu que sua mãe se tornaria tão... afeiçoada. E agora você está apenas tornando tudo pior.

— Sinto muito, Claire, você me tem completamente perdido.

— Sua mãe quer que a gente se case. — O tom de Claire soou como se estivesse falando com uma criança muito estúpida.

— É claro que ela quer que nos casemos. É por isso que meus pais os convidou.

— Por tudo que é sagrado, Tavish, eu sei disso. Mas nós concordamos que não ia acontecer, e eu fiz o meu melhor para convencer vossa mãe de

que não pertencemos um ao outro. Ainda assim, ela vai ficar terrivelmente ferida quando eu partir. Eu não quero isso.

— Nem eu.

— Então irá me ajudar? Em vez de fazer as coisas agora diferente que pode fazer, seus pais pensarem que quer agora se casar comigo?

— Ah... bem... não, eu não posso fazer isso.

— Por que não?

— Porque eu me apaixonei por você, Claire.

— Não, não. — ela praticamente gritou. — Não podes. Tavish, você foi o único que disse que não era possível.

Ele encolheu os ombros.

— Eu estava errado.

Ela esfregou o rosto com as mãos e começou a andar.

— Você não deveria ter se apaixonado por mim. Você disse que não iria.

— Na verdade, eu não acho que eu disse isso.

— Bem, ele estava implícito quando disseste, você amava alguém e não queria arriscar quebrar meu coração.

— Claire, por favor, esqueça o que eu disse. Eu estava errado.

— Você não ama outra pessoa?

— Não. Quer dizer, eu amei. Uma parte de mim sempre amará. Mas como eu disse, desde que chegastes, as coisas mudaram. Eu tenho sido capaz de colocar essa dor para descansar. — Ele estendeu a mão para que ela parasse de andar e tomando-lhe as mãos, puxou-a para mais perto. — Claire, eu tenho aprendido a amar você mais do que jamais sonhei ser possível. Eu não me senti assim em anos e eu sinceramente nunca acreditei

que sentiria este tipo de amor novamente. Quero você para ser minha esposa.

— Tavish, você não entende, não posso ficar. — Mas, mesmo quando ela disse isso, seus belos olhos azuis estavam cheios de indecisão.

— Você não pertence a uma ordem religiosa, Claire. Eu sei.

— Mas eu tenho que voltar. — Seu tom era melancólico.

— Por quê? Não tens sentimentos por mim? Seu irmão parece acreditar que está aberta a ideia de casamento. Será que ser minha esposa é um destino terrível?

Ela desviou o olhar.

— Não, claro que não. E eu tenho sentimentos por você. Apesar dos meus melhores esforços para não os ter. Mas eu não pertenço aqui.

Ele colocou um dedo sob o queixo e virou seu rosto para ele.

— Você pertence onde seu coração está. Poderia se está comigo? — Ele se inclinou e beijou seus lábios suavemente.

Ouviu a ingestão rápida de respiração, mas ela não se afastou. Ele deslizou a mão por trás do pescoço, embalando sua cabeça enquanto aprofundou o beijo.

Suas pálpebras se fecharam e ela abriu os lábios para ele.

Ele gemeu, colocando o outro braço em volta da cintura e puxando-a para seu peito.

Ela respondeu envolvendo os braços em volta de seu pescoço.

Quando ele finalmente quebrou o beijo, ela virou a cabeça para o lado e descansou contra seu peito. Ele beijou o topo de sua cabeça e sussurrou:

— Você não foi feita para ser freira, Claire.

— Não tens ideia — ela sussurrou de volta.

— Então por que estamos falando sobre isso?

— Porque... bem, é complicado.

— Não me ama? — Ele perguntou, um pouco preocupado de que não quisesse ouvir a resposta.

— Eu o amo.

— Então não é complicado.

Ela empurrou levemente seu peito, dando um passo para trás, fora do seu abraço.

— Sinto muito, Tavish, você não entende. Ninguém o faz. Preciso de tempo para pensar.

— Mas você não está dizendo não?

— Eu não estou dizendo nada além de que tenho muita coisa a considerar.

~ * ~

Mais tarde naquela noite Cassie ainda estava lutando com o que Tavish tinha dito.

Ele a amava.

Ele tinha dito que não sentia amor como esse há anos. *Há anos?* Há quanto tempo ele mantinha o amor por uma mulher que não podia ter?

Não importava. Ele a amava e agora ela o amava também. Mas talvez não fosse real. Talvez ela tinha chegado aqui tão quebrada e sem rumo que se agarrou à primeira ancora que tinha encontrado. Ela não deveria se apaixonar e definitivamente não deveria ficar.

Ela tinha que ir para casa.

Uma pequena voz dentro dela perguntou: *porquê?*

Porque eu sou uma mulher do século XXI. Eu não pertenço aqui.

Por quê?

Minha vida está lá.

Está?

Ela fechou os olhos e pensou sobre a vida que ela tinha deixado. Ela não tinha planos, não tinha metas, nem sonhos abandonados. Embora tivesse começado a considerar uma direção para seu futuro, era tudo nebuloso. Ela podia se tornar uma professora. Ela poderia estudar arte. Ela poderia realmente irritar sua família, trabalhando como garçonne pelo resto de sua vida.

Minha família.

Apenas o pensamento deles fez seu coração doer. Apesar de tudo, ela os amava. Ela queria tê-los em sua vida. Parte dela sempre tinha tido a esperança de que as coisas com eles mudariam. Ainda assim, isso foi antes de ela raspar a cabeça.

E, claro, lembrando disso a fez pensar em Tom. Fazia mais de três meses que ele morreu, e ela foi finalmente capaz de respirar ao pensar nele. Ela estava pronta para avançar e isso significava voltar para seu próprio tempo. Planos e objetivos e sonhos viriam a seguir. Certamente.

E não se esqueça sobre Mike.

Se nada mais colocasse freios na ideia de ficar aqui, isso deveria ajudá-la. Ela não podia suportar a ideia de ele ter que lidar com a morte dela.

Mas ela também não podia suportar a ideia de como a morte dela aqui iria prejudicar as pessoas que a amavam.

Ela não sabia o que fazer, precisava falar com alguém. Alguém que entendesse sua posição. Ela precisava falar com Gertrude. Infelizmente, esse anjo mal-humorado não parecia fazer uma aparição só porque alguém a queria.

Então lembrou-se da pergunta que Coll tinha lhe feito, *Do que é que vós tendes medo?*

Ela estava com medo de um monte de coisas.

Ela estava com medo de ferir o Ranalds.

Ela estava com medo de ferir Mike.

Ela tinha medo de ser ela a ferida.

Ela estava com medo de amar Tavish.

Espere um minuto. Por que ela estava com medo de amar Tavish? Ela já não o amava?

E então isso a atingiu como uma queda de rochas. Esse era todo o problema. Ela amava Tavish. Mas Tavish amava a pessoa que ele *pensava* que ela era. Ele amava Claire Morrison. A realidade de quem ela realmente era podia ser muito difícil para um homem medieval suportar.

Se ele descobrisse a verdade, não era provável que Tavish continuasse amando-a. Na verdade, quanto mais pensava sobre isso, mais ela acreditava que este era, provavelmente, a principal fonte da angústia que estava sentindo. E a única coisa que podia fazer para resolver isso, era lhe dizer.

Ela não podia imaginar isso terminando bem.

Ainda assim, mesmo que dizer-lhe, e tê-lo reagindo mal, fosse lhe doer como o inferno, ela precisava fazer isso.

Claro que havia sempre a chance de que, uma vez que ele soubesse de tudo, ele a acusasse de ser uma bruxa, ela pensou ironicamente. Ainda assim, ela não tinha escolha. Ela o amava e antes que ela tomasse a decisão de ficar, ele tinha que saber quem ela realmente era. Ela iria dizer a ele, imediatamente, na parte da manhã.

Capítulo 19

Na primeira luz do dia, Cassie não se sentia tão confiante sobre sua decisão, como na noite anterior. Todo o inferno ia descer na terra, se Tavish acusasse-a de ser uma bruxa.

Pelo lado positivo, Lady Ranald poderia não estar tão chateada com sua partida se todo mundo acreditasse que ela era uma bruxa.

De alguma forma, mesmo tão deprimente como era, esse pensamento era estranhamente útil. Deixar pessoas para trás, que iriam suspirar de alívio que a bruxa no meio deles havia desaparecido, era exponencialmente melhor do que deixar pessoas que chorariam sua morte.

Quando ela desceu para o pequeno-almoço, ela agradeceu a todos os anjos e santos que os MacLeans não estavam lá e Tavish estava.

Ela se sentou ao lado dele, e não querendo ser ouvida, falou baixinho.

— Eu preciso falar com você, sozinha.

— Certo. Você tomou uma decisão? — Sua expressão continha esperança e medo.

— Sim, mas precisamos de privacidade para conversar.

— Nós podemos passear.

— Não. Eu não quero correr o risco de que os guardas nos ouçam. Podemos ir para a capela?

Ele parecia ainda mais preocupado, mas assentiu.

— Sim. Claro que podemos. Não deve haver ninguém lá.

Ele pegou sua mão e saiu do castelo, não oferecendo nenhuma explicação para o questionamento lançados em sua direção.

Uma vez dentro da capela, Cassie deu uma olhada rápida na sacristia para ter certeza de que o padre Paul não estava onde pudesse ouvi-los.

Depois de ter certeza de que eles estavam completamente sozinhos, ela virou-se para Tavish. Ele parecia guardado, como se estivesse esperando uma notícia terrível. O que ela fez em seguida até a chocou vigésimo primeiro auto século. Ela colocou as mãos em seu rosto e puxou para um beijo.

Ela derramou tudo o que ela estava sentindo nele – todo o amor, medo, esperança e indecisão que se agitava dentro dela.

Ele respondeu envolvendo os braços em volta dela, puxando-a para perto e retornando seu beijo.

Ela derreteu contra ele. Deus, ela o queria tanto. Ela poderia perder-se para sempre em seus braços, em seu beijo.

Mas ela tinha de lidar com a realidade de sua situação primeiro. Com grande dificuldade, ela quebrou o beijo. Ela não se afastou dele imediatamente. Precisava sentir seu amor e força por mais alguns minutos antes que fizesse algo que poderia fazê-la o perder para sempre.

Ele apoiou o queixo no topo de sua cabeça.

— Ouso ter esperanças que isso pressagia boa notícia?

Ela suspirou e deu um passo atrás.

— Não tenho certeza. Espero que sim.

— Eu não entendo. Ou quereis casar comigo ou não quereis.

— Na verdade, não é tão simples assim. Lamento ser tão misteriosa, mas isso é extremamente importante. Eu tenho pensado muito sobre o que vos dissestes ontem.

A expressão de dor cruzou o rosto de Tavish.

— Por favor, diga-me que você não decidiu se tornar uma freira. Porque eu prometo, se nada mais me convencesse de que você não pertencer a uma ordem sagrada, esse beijo o faria.

Ela riu, sentindo o rubor nas bochechas.

— Não, Tavish. Eu não vou me tornar uma freira. Nunca.

— Oh! Graças a Deus. Eu morria de medo de perder você por um momento. — Antes que ela pudesse dizer algo mais, ele a puxou para outro beijo escaldante.

Seus lábios deixaram os dela por um momento. Ela olhou para ele.

— Mas, Tavish...

Ele a cortou com outro beijo e calor impregnou seu núcleo. Simplesmente não havia como combater isso, ela apenas deixou-se saborear o momento. Quando ele finalmente a soltou, ela descansou a cabeça contra seu peito. Ela o amava, e apesar do fervor com que ele a beijara, ela temia que, quando soubesse a verdade sobre quem ela era, e como ela veio parar aqui, ele poderia não ser capaz de lidar com isso.

Ela disse uma oração silenciosa.

Querido Deus, por favor, não deixe que a verdade o coloque contra mim.

Uma pequena parte dela questionou a sabedoria deste plano. Talvez ela deveria apenas deixar isso passar. Ela poderia viver o resto de sua vida simplesmente como Claire Morrison. Seria fácil. Ela não teria que enfrentar a dor do passado ou correr o risco de ele correr para o outro lado, quando ela mencionasse a viagem no tempo.

Mas tão fácil como seria, ela não poderia fazê-lo. Ela não era Claire Morrison. Não importava o quanto ela queria deixar Cassandra Wren Calloway e a bagunça que era a sua vida para trás, ela sabia que nunca seria possível. Em seu coração, ela era Cassie e sempre seria. O fato de que Tavish nunca tinha conhecido Claire e só tinha se apaixonado por ela após a alma de Cassie passar a residir no corpo de Claire, era algum consolo.

Ainda assim, ficar aqui e se casar com ele, sem dizer-lhe ela realmente era, parecia errado. Parecia uma negação de toda a sua vida, sua família, sua educação, e o amor que ela sempre teria por Tom. Afinal, Tavish tinha sido honesto com ela sobre amar outra mulher. A menos que ele soubesse a verdade sobre ela, ela nunca seria capaz de dizer a ele sobre Tom.

— Claire, isso está me matando. Por favor, me diga o que decidiu.

Ela respirou fundo para se recompor e se afastou dele.

— Eu vou. Mas ainda há algo que temos de falar. Há algo que você precisa saber sobre mim, e você deve me ouvir antes de tomar qualquer decisão.

— Nada que digas... absolutamente nada... vai mudar minha mente sobre você.

Ela olhou em seus olhos. Eles eram tão esperançosos e cheios de amor. O tipo de amor que ela nunca pensou que iria experimentar novamente. Ela piscou para afastar as lágrimas que brotaram.

— Espero que sim. Talvez eu tenha que lembrar-lhe que você disse isto, em poucos minutos.

Sua testa franziu.

— Claire, o que poderia ser tão terrível?

— Não é terrível, é só que há muito mais para mim do que vê diante dos olhos, e antes de nós dois seguirmos em frente com o resto de nossas vidas, deveis saber sobre isso.

— Então me digas.

Ela concordou, mas ainda hesitou por um momento antes de se lançar em sua história. *Isso poderia dar muito errado.*

— Já pensou sobre o tempo... como parece que ele sempre está avançando... e ainda assim, se perguntou como seria voltar para outro tempo?

Sua expressão tornou-se muito séria. *Droga*. Ela ia perdê-lo.

— Sim, na verdade, eu penso.

Ela piscou. Isso não era o que ela esperava.

— Você pensa?

— Sim. Claire, o que tentas me dizer?

— Bem... eu sei que isso vai ser difícil de acreditar, mas eu descobri que é possível viajar através do tempo. Uma alma de um determinado tempo pode entrar no corpo que pertence a uma alma de um outro tempo.

Ele olhou para ela e começou a abanar a cabeça lentamente.

— Não, você não pode... Eu não posso acreditar. Claire, Gertrude lhe deu o relógio de bolso?

Cassie olhou para ele fixamente.

— Sabes sobre Gertrude e o relógio de bolso?

— Sim, eu sei. Responda a minha pergunta. Gertrude o deu para você ?

— Sim, ela deu.

Tavish parecia como se alguém lhe tivesse dado um soco.

— E você quer usá-lo? Você quer viajar para outra época?

— Tavish, já usei o relógio. Eu vim até aqui.

— Então é uma alma do futuro no corpo de Claire?

Cassie assentiu. Ela não podia ler sua expressão e isso a assustava um pouco.

Ele esfregou o rosto com as mãos.

— E você ainda pode voltar para seu próprio tempo?

— Sim.

Ele se afastou dela.

— Dane-se tudo. Por favor, fique, Claire. Eu não quero perder você. Eu não posso perder você.

— Tavish, por mais que eu ame ouvir essas palavras, eu ainda estou presa na parte sobre como sabes sobre Gertrude e o relógio de bolso?

— Porque ela me deu o relógio. — Sua voz soava tensa. Ele encontrou seu olhar e a dor que ela viu ali rasgou seu coração.

— Você o usou? — Sua voz era baixa e trêmula. — Viajou através do tempo?

— Sim, eu viajei.

— Onde é que foi?

— Claire, eu vim do futuro e eu fiquei.

A boca de Cassie se abriu, pasma. Finalmente, ela disse:

— Bem, de todas as maneiras que eu pensei que essa conversa poderia acontecer, eu nunca imaginei isso. Quando veio para aqui? Quero dizer há quanto tempo está aqui?

— Estou aqui há dezessete anos.

Dezessete anos? Ele era apenas um menino.

— Por que decidiu ficar?

— É uma longa história, e eu vou conta-la a você , mas, por favor, responda a minha pergunta. Decidiu ficar? *Seria a minha esposa?*

— Eu quero ficar. É com o que eu estive lutando. Se você fez isso, sabes que não é uma decisão fácil. Isso significa deixar minha antiga vida para trás, e isso é mais do que um pouco assustador. Mas, ao mesmo tempo, eu não tenho certeza de que há qualquer coisa para mim lá. Quero

dizer que há pessoas lá que eu amo, mas eu fui meio que cortada da minha família e o homem que eu amo...

— Ossos de Deus, há outro homem? Isso é o que está impedindo você? Você ama alguém em seu próprio tempo?

Lágrimas brotaram de novo e ela não pode impedi-las de escorrer pelo seu rosto.

— Não — sua voz quebrou em um soluço. Era como se aquele soluço tivesse quebrado a barragem, porque ela não podia mais conter sua tristeza.

Tavish puxou-a em seus braços.

— Oh, minha doce moça, não chore. Por favor, não chore. — Ele acariciou suas costas e cantarolou coisas reconfortantes para ela.

Quando os soluços acalmaram, ele disse.

— Claire, eu entendo o que é amar alguém. Sabes que amei alguém também. Mas a razão pela qual eu não poderia tê-la é que eu a deixei no meu próprio tempo. Mesmo que já faz muitos anos, eu a amava com tudo em mim. É como eu disse a você quando chegou, eu não achava que eu poderia amar outra mulher. Mas então eu conheci você. E nós perseguimos o vento, e caminhamos descalços pelo mar. E eu me apaixonei. Eu amo muito você, eu não posso suportar a ideia de perdê-la.

— Ele inclinou seu queixo para cima e olhou-a nos olhos. — Mas, minha querida, se tem esse tipo de amor à espera no futuro, eu vou entender se decidir voltar.

— Não, Tavish, não é nada disso. Quero dizer que é. Ele era o meu mundo inteiro. Mas se ainda estivéssemos juntos, eu nunca teria usado o relógio de bolso.

— Ele lhe deixou de lado.

Seu queixo tremia e ela lutou contra as lágrimas novamente.

— Não. Ele morreu.

— Oh, querida. Eu sinto muito.

Ela descansou a cabeça no peito dele, tentando, mais uma vez, recuperar o controle.

— Mas é isso que eu queria dizer a você. — Ela soltou uma pequena e triste risada. — Quer dizer, eu ia dizer, se você acreditasse em mim a respeito do relógio de bolso, e claramente o fazes. Mas eu precisava que você soubesse sobre ele também. Você disse que perdeu a mulher amada por vir aqui, anos atrás. Eu perdi meu amado pouco mais de três meses atrás.

— O que aconteceu?

— É uma longa história também, e eu não quero chorar, todas as vezes que eu contar isso.

Seus braços apertaram ao redor dela por um momento.

— Moça preciosa, eu não me importo. Só lamento por seu coração ferido.

Ela aceitou seu carinho um pouco mais, então ela respirou fundo e afastou-se dele.

— Vou contar, mas me dê alguns minutos. Diga-me sua história antes.

Capítulo 20

Tavish mal podia acreditar no que Claire lhe tinha dito. De todas as pessoas pelo qual ele podia se apaixonar, quem poderia ser mais perfeita? Ter uma companheira, para o resto de sua vida, que compreendia o seu passado era o maior presente que ele poderia imaginar ter. Ele nunca tinha contado a ninguém sobre a troca de alma, ou quem ele realmente era. Foi surpreendente descobrir que Gertrude tinha dado a Claire – ou tecnicamente a garota do futuro – o relógio de bolso. No fundo do seu coração, ele sabia que ela era para ele. Era o destino dela ficar. Mas ela precisava chegar a essa decisão por conta própria. Talvez Gertrude tinha dito alguma coisa para ela. Talvez tivesse sugerido isso.

— Antes de eu começar a minha história, eu posso pedir uma coisa? Por que Gertrude deu o relógio de bolso para você ?

As sobrancelhas de Claire se juntaram.

— Por quê? Quer dizer o que Claire poderia ter feito que resultaria em sua morte?

— Sim, isso também, mas ela deu-o a você, por que perdeu seu marido?

— Ele não era meu marido, pelo menos não ainda. Mas, honestamente, não estou completamente certa de que eu entendo todas as razões. Foi um verão terrível. Quando perguntei por que ela estava dando-o para mim, ela disse que eu era boa e que eu colocava as necessidades dos outros em primeiro lugar. — Ela corou. — Ela disse algo sobre a minha alma brilhante, seja lá o que isso significa. Mas ela disse que era apenas um presente. Ela me deu isso porque ela queria que eu o tivesse. Não havia nada que eu precisasse aprender ou fazer aqui. Eu pensei que era uma

maneira de me dar a chance de trabalhar um pouco a minha dor. Também foi uma maneira de salvar Claire de algo horrível.

— O que poderia ter prejudicado Claire na abadia?

— Nada. Mas esse era o problema. Ela tinha tomado uma decisão perigosa. Sabes que Coll lhe deu a opção de vir aqui ou ir para a casa de sua família em Lewis, mas ele queria que ela deixasse a abadia.

— Sim. Para experimentar a vida.

— Bem, aparentemente, ela simplesmente não aceitou isso. Ela queria ficar lá. Tinha sido sua casa por tanto tempo. E tão ilógico quanto parece, ela decidiu fugir.

— Como isso a teria mantido na abadia?

— Gertrude disse que Claire pensou que se ela só se escondesse na floresta, por um tempo, seu irmão iria perceber que ela estava falando sério sobre não querer sair, e desistiria.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu tremo só de perguntar isso, mas o que teria acontecido com ela?

— Eu não sei exatamente. Gertrude disse apenas que era algo muito ruim e que através da troca de almas, eu iria salvá-la de um terrível destino. Ela disse então que Claire morreria em paz, dormindo no meu corpo, era o único presente que ela poderia dar a moça, porque ela não poderia interferir com seu livre arbítrio. Ela só poderia tomar a escolha dela, dando-a a mim.

— A pobre moça.

— Sim. Eu sei. Ambos Coll e a Madre Abadessa pensavam que este era o melhor a se fazer. Mas é difícil esquecer que seu pai a enviou para lá, e esqueceu-se dela por dez anos. Abençoada, ela fez da Abadia sua casa e encontrou uma maneira de ser feliz. Tenho certeza de que lhe parecia como

se tudo lhe estivesse sendo arrancado. Ela era jovem e assustada, e fez uma má escolha. Eu apareci em seu corpo enquanto ela estava começando a escapar de seu quarto na noite anterior que teria de sair. Tudo o que eu tive que fazer foi voltar para a cama.

— Sinto por ela se sentir tão encurralada, mas estou feliz por você salvá-la do sofrimento.

— E quanto a você ? Por que Gertrude lhe deu o relógio e por que decidiu ficar?

Ele suspirou.

— Eu estava morrendo. Eu tinha câncer. Eu, literalmente, não tinha nada para o que voltar.

— As pessoas combatem o câncer e vivem o tempo todo.

— Querida, quando eu digo que eu estava morrendo, estava acontecendo. Eu estava muito doente. Meu sistema imunológico foi nocauteado por quimioterapia. Minha temperatura estava subindo e minha pressão arterial estava caindo. Eu estava me tornando séptico.

— Mas, você não sabes... com antibióticos e fluidos e outras coisas... talvez teria sido capaz de combatê-lo.

Ele balançou a cabeça tristemente.

— Você sabe Gertrude sabe coisas? Bem, ela não mediu palavras. Ela me disse que era um anjo, e que, apesar de tudo, eu iria morrer muito em breve. Ela disse que tinha um presente para mim.

— Oh, meu Deus.

— Eu sei. Assim que ela me disse que eu estava morrendo, o presente não importou muito. Francamente, eu realmente não liguei para o que era. Quando eu percebi que eu não tinha muito tempo, eu só queria ver minha família e minha namorada mais uma vez. Então eu perguntei-lhe se

estávamos falando de dias. Ela disse que eu só tinha horas, mas que eu iria perder a consciência nos próximos minutos. Eu disse a ela o único presente que eu queria era tempo suficiente para ver a minha menina só mais uma vez. — Ele soltou uma respiração lenta. — Droga. Eu não tenho revivido isso por um longo tempo.

— Sinto muito, você não tem que...

— Não, está tudo bem. Quero que saibas. Gertrude disse que, embora o tempo fosse seu presente, ela não poderia me dar mais tempo na minha vida antiga. Mas ela poderia enviar minha alma para outro tempo e corpo. Ela disse que eu iria salvar outras vidas e teria um impacto onde eu estava indo, mas que a escolha era minha. Perguntei mais uma última vez se ela tinha certeza de que eu não seria capaz de abraçar e ver as pessoas que eu amava. Ela disse que tinha. Então eu perguntei o que eu teria que fazer.

— Isso não é exatamente uma coisa fácil de explicar.

Ele sorriu.

— Aparentemente, ela me deu a versão resumida porque o tempo foi tão curto. Ela disse que se eu quisesse aceitar o presente, ela ia colocar a corrente do relógio de bolso em volta do meu pescoço e eu teria que dizer uma palavra. Ela até sugeriu uma, dizendo que eu ia entender o porquê mais tarde. Então ela disse, quando adormeci, minha alma seria trocada com alguém no passado distante e que eu acordaria em seu corpo. Avisou-me para não dizer a palavra novamente a menos que eu quisesse voltar para o meu corpo que estava morrendo. Ela deixou claro que a escolha era minha, mas eu tinha que fazê-lo imediatamente. E prometeu me contar um pouco mais, enquanto eu adormecia...

Claire sorriu.

— Então você aceitou o relógio.

— Sim. Antes que eu dissesse a palavra, eu pedi a ela para dizer à minha namorada que eu a amava e sentiria falta dela. — Ele sorriu. — Ela disse: *'Meu Deus, rapaz, ela sabe disso.'*

Claire riu de sua imitação da voz de Gertrude.

— Mas ela prometeu que iria cuidar da minha menina. Então eu disse a minha palavra e fechei os olhos enquanto eu a ouvia. Então ela me deu um pouco de informação sobre como o relógio funcionava, me disse que eu acordaria no corpo de um jovem rapaz que estava a um passo para a destruição.

— Você era um adulto e você entrou no corpo de um menino?

Ele encolheu os ombros.

— Aparentemente, isso não importa. De qualquer forma, como disse sobre Claire, eu iria parar o que estava prestes a acontecer, simplesmente entrando em seu corpo. Eu estava com um monte de dor no momento. Lembro de me preocupar com ele sofrendo quando entrasse no meu corpo. Mas sem eu perguntar, Gertrude disse que quando isso acontecesse, ele só estaria lá brevemente e eu já estaria em coma, para que ele não sentisse nada. Foi quando ela explicou sobre a mão relógio avançando um segundo para cada dia aqui e sobre como a palavra retorno funcionava.

— Mas você não estava planejando voltar.

— Não, mas ela disse que a escolha ainda era minha e se por algum motivo eu quisesse voltar ao meu próprio corpo, eu só precisava dizer a palavra antes dos sessentas dias acabarem. Mas enquanto eu não eu o fizesse, eu ficaria aqui, no meu novo corpo e vivendo o resto da minha vida. Ela disse que assim que meu próprio corpo morresse, o que seria apenas horas depois que eu partisse, a alma do menino iria seguir em

frente. E também disse que eu não poderia impedi-lo de morrer por não usar o relógio. Esses eventos já estavam em movimento.

Claire franziu a testa.

— Essa é a parte mais difícil, eu acho.

Ele assentiu.

— Sim. Então, sabendo que ele não iria sofrer e não havia nada que eu pudesse fazer para salvá-lo, eu aceitei. Seu dom do tempo foi a oportunidade de viver como outra pessoa e experimentar uma época da história que sempre me fascinou. A última coisa que me lembro foi abrir os olhos, balançando a cabeça uma vez para deixá-la saber que entendi, e fechá-los novamente. Então eu imediatamente acordei no corpo de oito anos de idade Tavish Ranald.

— O que ele fez?

— Na época, eu não sabia. Eu estava na floresta, fazendo xixi em uma árvore que parecia que tinha sido arrancada por algum animal. Quando eu terminei, eu ouvi e segui o som de vozes. Eu encontrei vários homens em um pequeno vale, selando cavalos. Eu assumi, com razão, que era para eu estar com eles. Pelo contexto da conversa, eu descobri que eles estavam em uma viagem em algum lugar e tinham parado para descansar os cavalos, mas estavam prontos para partir novamente. Evidentemente, eu tinha pisado dentro na floresta para responder ao chamado da natureza.

— Isso ainda deve ter sido muito assustador.

Ele riu.

— Foi. Eles estavam se preparando. Um homem, que eu sei, agora, que era meu pai, me ajudou a subir. Eu estava tão assustado. Eu tinha montado em alguns cavalos quando eu era mais jovem, mas eu não era bom nisso. Eles partiram, e eu estava com eles, batendo na sela e tentando

me segurar. Andamos por um tempo, mas o cavalo que eu estava montando sabia que algo estava errado. — Ele lhe deu um olhar de soslaio. — Ele tinha um estranho em suas costas.

Claire riu.

— Eu acho que ele finalmente teve o suficiente e quicou, me atirando. Eu bati minha cabeça e desmaiei. Quando voltei a mim, meu pai estava ajoelhado ao meu lado, obviamente preocupado. Então esta velha mulher que montava um cavalo apareceu e disse ao meu pai que era uma curandeira e ela tinha que cuidar mim. Era Gertrude.

— Está brincando.

— Eu não estou. Fiquei chocado. Ela sussurrou para eu ficar quieto. Então ela disse ao meu Pai que lesões na cabeça eram coisas difíceis e seria melhor parar para a noite e montar acampamento. Que iria sentar-se comigo enquanto eles cuidavam de tudo e prometeu ficar com a gente, a fim de me verificar novamente pela manhã para se certificar de que eu estava seguro para viajar. Assim, enquanto todo mundo estava ocupado, ela teve a chance de me dizer mais. Ela me contou sobre a coisa toda sobre a linguagem e que eu estava falando gaélico. Ela também me disse o meu nome e que estávamos viajando para Cnocreidh, o lar do Clã Matheson.

— Disse-me que você fostes treinado lá.

— Sim, eu fui. E Tavish estava em seu caminho para começar o treinamento.

— Então, que decisão fatal um pequeno menino teria feito?

— Você lembra do dia à beira-mar quando os guardas disseram contos sobre minha juventude ousada?

— Sim.

— Bem, isso foi Tavish, não eu. Essas marcas na árvore que eu vi? Elas foram feitas por um javali. Tavish pretendia andar ao redor e ver se ele poderia encontrar o javali. — Ele lhe deu um sorriso irônico. — Era incrivelmente perigoso, ele sabia disso, mas como estabelecido anteriormente, ele era voluntarioso e muito cheio de si. Aparentemente, ele teria encontrado o javali, não muito longe e a besta o teria ferido.

— Então é isso que ela quis dizer com salvar outras vidas?

— Na verdade não. Curiosamente, eu fiz isso por cair do cavalo.

Ela parecia confusa.

— O que? Como isso poderia ter salvado a vida de alguém?

— É aí que as coisas ficam bizarras.

Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Onde as coisas ficam bizarras? Passamos do bizarro vários momentos atrás.

Ele riu.

— Sim, acho que sim, mas isso é ainda mais louco. Se o jovem Tavish tivesse sido morto pelo javali, seu pai teria enrolado o corpo do filho e continuado porque eles estavam mais próximos de Cnocreidh que o Castelo Ranald. Depois eles parassem para passar a noite, teriam sido atacados por um bando de ladrões e alguns deles, possivelmente, até mesmo Laird Ranald, teria sido morto.

— Oh, céus!

— Sim. E a mesma coisa teria acontecido se eu não tivesse sido jogado do cavalo. Em ambas as situações os Ranalds teriam estado no lugar errado na hora errada.

— Mas quando o cavalo o atirou, seu Pai parou para a noite.

— Exatamente paramos horas mais cedo do que normalmente teríamos e por isso, perdemos o encontro com os ladrões. Chegamos a Cnocreidh dois dias depois sem incidentes.

— Como é que você explicou sua perda de memória?

— Eu não tive, realmente. Gertrude me disse quem eram os homens com quem eu estava. Fora isso, o treinamento em um novo ambiente era a cobertura perfeita. Eu estava indo para um lugar que eu nunca estive, para viver com pessoas que eu nunca tinha conhecido, não era óbvio para eles que havia algo de errado. Mas Gertrude também disse a meu pai que eu poderia sofrer alguma perda de memória após o ferimento na cabeça. Então, qualquer coisa estranha que eu pudesse fazer, seria culpa disso.

— Eles disseram que você mudou depois da formação, que você se tornou mais sério.

— Mal sabiam eles o quanto eu mudei.

Ela franziu a testa.

— Ainda soa bastante assustador para mim. Afinal de contas, não sabias nada sobre a vida aqui ou como ser um guerreiro.

— Na verdade, eu sabia um pouco porque sempre me interessou. Mas eu era apenas um rapaz então eu não tinha que saber muito. Eu amei. Eu sentia falta da minha família e minha namorada... eu ainda sinto... mas estou feliz de outra forma.

— Está aqui por dezessete anos?

— Sim, o suficiente para que aqui, agora, me sinta mais casa do que minha antiga vida. Eu não vou mentir, a vida medieval é um desafio, mas eu sou um Highlander agora.

Ela sorriu.

— Sim, saído de um romance.

Ele riu.

— Talvez sim. E sobre você? Disse que Gertrude simplesmente deu-lhe o relógio como um presente. Eu não imaginava que isso nem sempre era um presente.

— Aparentemente, não é. Ela disse que geralmente há algo que um viajante do tempo deve fazer ou descobrir. Mas, além de manter Claire segura, eu acho que ela o deu para mim porque, bem, como eu disse, tinha sido um péssimo verão.

— Porque seu namorado morreu?

— Sim. Essa foi a maior parte disso. Mas minha família meio que me deserdou também.

— O que? Isso é difícil de acreditar. O que poderia ter feito para merecer isso?

Ela suspirou.

— No geral, eles não gostavam das escolhas que eu tinha feito na minha vida. Mas, naquele verão, eles achavam que eu tinha feito algo para constrangê-los deliberadamente. Eu não tinha. Quer dizer, eu fiz isso, mas não foi para constrangê-los. Então, dentro de poucas semanas eu perdi o coração do meu coração e a minha família.

— Tinham sido próximos antes disso?

— Na verdade não. Mas eu amei-os. Eu ainda amo. Eu acho que é uma das razões que parte de mim se sente compelida a voltar. Eu acreditava que eu precisava tentar corrigir essa relação.

— E você acha que isso era possível?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não sei. Francamente, eu duvido. — Ela encolheu os ombros. — Mas eles são minha família, se eu voltasse, eu continuaria tentando.

— Você pode me dizer sobre o homem que amou?

Ela piscou algumas vezes, como se estivesse tentando não chorar. Então ela engoliu em seco e assentiu.

— Sabe, eu acho que posso. Nós nos conhecemos na faculdade e ele não era como qualquer um que eu já conheci antes. — Ela sorriu. — Vocês dois têm isso em comum.

— Quer dizer que eu sou o primeiro Highlander destinado a ser Laird, que você conheceu?

Ela riu. Ele ouvia esse som bonito há dias.

— Sim, você é o meu primeiro. E como você, não demorei muito para eu decidir que gostava dele.

— Mesmo? Gostou de mim imediatamente? Eu pensei que achava que eu era um completo asno.

Ela bufou em exasperação simulada.

— Nós já falamos sobre isso antes. Você não eras um asno, estava agindo como um asno. E você estava sendo forçado a fazer alguma coisa que você não queria. Eu absolutamente entendi por que se sentiu dessa forma, as coisas estão agora mais claras. Mas tão chateado como era, eu também sabia que você não iria ser forçado a casar-se comigo, porque eu tinha que partir. Assim eu poderia me dar ao luxo de apenas abraçar o tempo que eu tinha aqui.

— E isso, minha linda moça, é precisamente a razão pelo qual eu me apaixonei por você. Você estava brilhante e feliz, e nada que eu fizesse parecia mudar isso. Logo eu percebi que eu não queria mudar isso. Eu não tinha tido esse tipo de presença em minha vida por mais de dezessete anos. Eu me apaixonei por você.

— Tavish, eu também amo você.

— Então, por favor fique. A Escócia medieval é um lugar melhor com você aqui. E pela primeira vez, em muito tempo, eu me lembro o que significa amar verdadeiramente alguém. A ideia de, possivelmente, te perder... eu não acho que eu posso suportar. Diga-me, querida, além de uma família que você repudia, e memórias de um amor perdido, o que tem para voltar? Uma carreira?

— Não, eu ainda estou na faculdade.

— Amigos?

— Há alguém que é muito especial para mim. Ele é uma espécie de pai-irmão-tio, tudo em um. E há a família do meu namorado. Eles são queridos para mim.

— Ninguém mais?

Ela deu uma risada triste.

— Eu tenho outros amigos, mas não, nenhum deles são muito próximos. Minha família era um pouco problemática também.

— Animais de estimação? Um cachorro? Um gato? Um peixinho superalimentado?

Ela riu.

— Não, mas eu tive um peixinho superalimentado uma vez.

Ele sorriu.

— Assim como a minha namorada. E sua família era um problema também. — O pensamento ocorreu-lhe, talvez, era o que o havia atraído para ela, em primeiro lugar. Certamente havia semelhanças. — Claire, quero você, que permaneças por razões muito egoístas. Mas eu estou pensando em você também. Me amas, você não pode identificar qualquer coisa que atraia-a de volta, e eu temo que, se voltar, irá se arrepender para sempre. Posso ser honesto?

— Claro.

— Acho que a verdadeira razão que deseja voltar... a razão que você não se permites conhecer... é porque é aí que você acredita que as memórias estão. Mas elas não estão lá. Elas estão aqui. — Ele bateu seu coração. — Quer dar-se a chance de amor novamente, ou voltar para às memórias?

— Eu não acho que... — ela franziu a testa ligeiramente, parecendo um pouco confusa. — Eu não acho que essa é a razão.

— Claire, pense nisso. Que outra razão poderia haver? Diga-me isso, quando você imagina indo para casa, você pensa em seus amigos e familiares, ou pensas nele e os lugares que foram importantes para vocês dois?

— Eu... eu... — Ela cobriu o rosto com as mãos. Em seguida, balançando a cabeça olhou para ele, compreensão aparecendo em sua expressão. — Eu penso nele e os lugares que guardam memórias para mim.

— Mas lugares não possuem memórias. Seu coração o faz. Sabe que é verdade.

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Sim, Tavish, estais certo.

— Estou certo de que estou certo.

— Além de um amigo querido e os pais do meu namorado, tudo o que tenho à minha espera no futuro são memórias e eu as tenho aqui.

— Sim, as tem. E você tem alguém aqui que te ama e entende o que você tem passado mais do que alguém poderia. Então, minha querida moça, eu vou fazer isso direito. — Ele desceu em um joelho na frente dela e tomou-lhe as mãos. — Eu amo você. Por favor, fique aqui ao meu lado e seja minha esposa.

— Tom? — Isso era mais que uma coincidência. Ele não se atreveu a esperança. — Esse era o nome do seu namorado? Meu nome é, ou deveria dizer era, Tom. Thomas Hatcher.

As mãos de Claire voaram para a sua boca.

— Não, isso não pode ser.

— Cassie?

— Sim, Cassie do meu nome. Mas você não pode ser meu Tom. Ele acabou de morrer em junho. Você está aqui há dezessete anos.

Ele passou os braços em volta dela, segurando-a com força. Ele nunca iria deixá-la ir.

— Oh meu Deus, oh meu Deus. Sou eu, Cassie. E não importa quanto tempo eu estive aqui. Gertrude me deu o relógio no vigésimo dia de junho de 2013. Eu viajei para o ano de 1325.

— Tom? — Ela começou a chorar, escondendo o rosto em seu *léine*. — Isso não é possível, nada disso é possível.

Ele continuou a segurá-la em seus braços.

— Sim, minha linda moça, é possível. Aconteceu. E eu não posso acreditar. Oh, Cassie, eu amei você muito. Desculpe-me partir. Eu tentei lutar. Eu tentei tão duro quanto eu podia, mas meu corpo falhou. Se Gertrude tivesse sido capaz de me dar mais um minuto com você, apenas o suficiente para lhe dizer adeus, eu teria tomado.

Ela o segurou como se ele fosse escapar.

— Parecia que meu mundo acabou naquele dia. Depois disso eu estava apenas passando pelos dias. Apenas sobrevivendo. Então Gertrude apareceu na Hooked uma noite e me ofereceu o relógio. Eu pensei que talvez 60 dias em alguma outra vida iria fazer a horrível dor passar e

deixar-me seguir em frente, como você queria que eu fizesse. Eu nunca imaginei que isso seria possível.

— Nem eu. Mas eu pedi a Gertrude para cuidar de você. Eu acho que dar-lhe de volta para mim foi o que ela fez. Eu já disse a você, eu realmente não acho que eu poderia amar alguém novamente. Ora, você entendeu o porquê. E por algum milagre eu fui puxado para você de qualquer maneira. O que é que você costumava dizer sobre os nossos corações... e meu Deus... nossas almas?

— Sim, eu o li em um livro uma vez. Meu coração bate com o seu. Nossas almas estão entrelaçadas.

— É isso aí. Nossas almas certamente estão entrelaçadas.

— Tom, sou sua e tenho sido praticamente desde o dia em que nos conhecemos. Nada poderia ter me feito deixar você. Estou preocupada com Mike.

— Ah, claro, seu único amigo querido.

— Ele é o único que vai encontrar o meu corpo morto no futuro. Eu odeio o pensamento disso.

— Mike vai ficar bem. Ele amava você como uma filha e ele gostaria que você fosse feliz. Se você pudesse perguntar a ele, ele diria para seguir vosso coração.

— Sim, está certo. Ele diria — Um olhar de horror cruzou seu rosto.

— O que é Cass?

— Eu estava tão perto de perder você para sempre. Até nós conversarmos ontem, eu tomei a minha decisão. Eu pretendia voltar. É por isso que eu estava tão desesperada para voltar para a abadia ou, pelo menos, Lewis. Eu sabia que quando eu dissesse a minha palavra de

retorno, o corpo de Claire aqui iria morrer. Eu não queria que Lady Ranald tivesse que lidar com isso.

— Não, isso teria sido terrível para ela.

— Eu pretendia estar bem longe daqui quando eu dissesse a minha palavra de retorno. Mas eu só tinha até o dia onze de outubro. Tenho certeza de que frustrei Coll até o fim. Eu ficava empurrando para retornar à abadia. — Ela sorriu. — Em um momento ele pensou que talvez eu estava com medo do leito conjugal.

Tavish riu.

— Ele teve a coragem de explicar o sexo para sua irmã?

— Bom Deus, não. Eu não iria deixá-lo. Ele sugeriu que eu fale com vossa mãe... Lady Ranald, isto é.

— Está tudo bem. Estive aqui tempo suficiente para que eu considerar os Ranalds meus pais. Mas, se você decidir falar com ela, eu não quero saber o que ela vai dizer.

Foi a vez de Cassie rir.

— Eu acho que vou ficar bem sem instrução de sua mãe. Você e eu tivemos um pouco de prática.

— Sim, e se Deus quiser, teremos muito mais.

Ela riu de novo.

— Diga-me outra coisa.

— Claro. Qualquer coisa — disse ela.

— Ontem, eu estava seriamente preocupado de que você não se casaria comigo.

— Ontem, eu não tinha certeza do que eu faria.

— O que mudou sua mente?

— Como eu disse, em um ponto Coll estava convencido de que eu estava com medo do casamento. Mesmo que eu assegurasse a ele de que não era, ele insistiu que eu estava com medo de alguma coisa. Ontem à noite, quando eu estava tentando descobrir o que fazer, eu percebi que ele estava certo.

— Do que estava com medo?

— Eu estava com medo de amar você. Eu não sou Claire e eu não poderia ficar aqui sem você conhecer a minha história. Mas eu estava preocupada de que quando você descobrisse, não iria entender e se voltaria contra mim. Eu não podia suportar a ideia disso. Então eu decidi que precisava fazê-lo. Bastava dizer. Se você não me quisesse depois de sabere a verdade, eu lidaria com as consequências.

— Bem, graças a Deus que você decidiu me dizer. Mas agora que penso nisso, Gertrude, poderia ter feito isto um pouco mais fácil. — Ele olhou para cima. — Não poderias ter nos dado uma pequena pista? — Perguntou ele, bastante certo de que ela seria capaz de ouvi-lo.

Cassie assentiu.

— Sim, isto certamente teria feito as coisas muito mais fáceis. Ela disse que o relógio de bolso foi um presente para você e ela disse o mesmo para mim. Disse também que lhe falou que o único presente que você queria era mais tempo comigo. Eu acho que, olhando para trás agora, é o que ela deu a nós dois.

Capítulo 21

Cassie e Tom conversaram por horas, na privacidade da capela. Ela contou a ele sobre as coisas que tinham acontecido depois que ele morreu, incluindo o escândalo sobre seu cabelo ultracurto e o baile de debutantes de Sloan.

— E como está minha família? Meus pais?

— Eles estão tristes, mas eles têm uns aos outros. E não muito tempo antes de eu partir, sua mãe me ligou para me informar que seu irmão mais velho e sua esposa estão esperando seu primeiro filho para março. Eles também estão desejando comprar uma casa em Elkridge, assim estarão muito mais perto de seus pais. E sua mãe está realmente animada para ser avó.

— Tenho certeza que ela está. Essas são ótimas notícias. Dave e Tania serão pais maravilhosos. — havia um toque de melancolia em seu tom.

Cassie apertou sua mão.

— E você teria sido um tio fantástico. Sinto muito que irá perder isso.

Ele sorriu e deu um tapinha no dorso da mão que segurava.

— Está tudo bem. Se Deus quiser, teremos filhos nossos. E então, é claro, que cada um tem dois irmãos. Haverá sobrinhos e sobrinhas.

— Sim, se Deus quiser. — Ela franziu a testa como um novo pensamento lhe ocorreu. — Eu acabei de perceber uma coisa. Gostavas de futebol. O nome do seu cavalo é Raven.

Ele sorriu.

— Sim. Quando eu era criança, pequenino, o meu Pai me levou para ver um jogo do Raven. Foi a sua primeira temporada e eu fiquei viciado desde então.

Eles falaram sobre o futuro e o melhor caminho a seguir.

Tom disse-lhe os proclamas teriam que ser publicados em três domingos.

— Hoje é o primeiro dia de outubro, assim que os proclamas forem publicados pela primeira vez neste domingo, o sexto de outubro.

Cassie contou rapidamente e franziu a testa.

— Portanto, não podemos nos casar até depois do vigésimo primeiro dia.

Ele balançou sua cabeça.

— Infelizmente, nós não podemos. Mas sabe, nenhum de nós tem sensibilidades medievais em relação ao sexo. — Ele piscou para ela.

Ela riu.

— Não que eu não acho que temos. Mas Claire é uma virgem e lençóis manchados de sangue não vai passar despercebidos.

Ele deu um suspiro simulado.

— Suponho que esteja certa. Eu posso esperar até a noite do casamento para isso se insiste. — Ele a beijou e, quando ele terminou o beijo, o olhar de contentamento no rosto dela, o emocionou.

Ela suspirou e se aconchegou contra ele.

— Estou tão feliz de estarmos juntos novamente.

— Eu também. Isso torna ainda mais difícil de esperar. Mas agora que penso nisso, há uma série de outras coisas deliciosas que podemos desfrutar de antemão e eu ainda vou ser capaz de dizer 'eu não tive relações sexuais com aquela mulher'.

Ela sorriu.

— Sim, eu suponho que estejas certo. Mas se o fizermos, não poderá querer fazer essa reivindicação. Eu me lembro que não funcionou muito bem para alguém no passado, ou eu suponho que é tecnicamente o futuro.

Ele riu.

— Sim, é provavelmente melhor não dizer. Pelo menos sabemos como tudo funciona. — Ele sorriu. — E se bem me lembro, nós éramos bons nisso.

Ela riu de novo.

— Sim. Mas nós estamos usando o equipamento de outra pessoa agora.

Ele a beijou atrás da orelha e para baixo da coluna de seu pescoço antes de dizer:

— Isso é verdade, mas você não irá se decepcionar, posso prometer isso. Em uma maneira de falar, eu evolui. — Ele passou a mão sobre um dos seios fartos. — Você também.

Ela deu um tapa de brincadeira nele.

— Estamos em uma igreja. Comporte-se. E a verdade é que Claire é virgem, então...

— Sim, nós vamos esperar e quando chegar a hora, iremos suavemente. Mas isso traz à tona outra coisa. Você se mantém referindo-se a Claire, como se ela fosse outra pessoa. Eu sei és Cassie em vossa cabeça, mas se vai ficar aqui, provavelmente é melhor que comece a pensar em você como Claire. E eu estive sendo Tavish quase tanto tempo quanto eu fui Tom. É então quem eu sou agora.

— Eu acho que posso lidar com isso.

— Bem, então, *Claire*, minha linda moça, vamos voltar para o castelo e compartilhar a boa notícia?

—Sim. Absolutamente.

Tavish segurava sua mão enquanto eles atravessaram o pátio. Em junho, ela teria dado qualquer coisa para a oportunidade de passar mais alguns minutos com ele. Agora, eles tinham outra chance de uma vida. Ela ficou maravilhada com o milagre que os uniu novamente.

A refeição do meio-dia já estava acontecendo quando atravessaram as portas para o grande salão. Foi um daqueles momentos em que um silêncio gradual caiu enquanto as pessoas notavam eles.

A primeira pessoa a reagir foi Lady Ranald. A alegria que impregnava sua expressão aqueceu o coração de Cassie.

— Por favor, por favor me diga que isso significa que você mudou de ideia, Claire.

Com todos os olhos sobre ela, Claire sentiu um rubor quente em seu rosto.

— Sim, minha Lady.

O salão irrompeu em aplausos.

Para sua surpresa, Boyd gritou e gritou mais alto do que a maioria.

Seus olhos foram para Coll. Ele não estava gritando ou saltitando ou batendo as mãos sobre a mesa, mas seu sorriso disse a Cassie que estava satisfeito e aliviado. Ela lembrou que, além de sua própria felicidade, seu casamento com Tavish era um cumprimento do dever de Claire ao seu clã, e que o Ranalds seria fortes aliados. Ela também foi atingida novamente por quão devastado Coll teria estado se Claire tivesse morrido uma morte terrível. Todas as peças pareciam estar se encaixando.

Quando o ruído na sala tinha finalmente cessado, Laird Ranald levantou e ergueu uma taça.

— Laird Morrison, parece que vamos ter a nossa aliança depois de tudo. Por Tavish e Claire.

Todos no salão seguiram o exemplo.

Por Tavish e Claire!

Laird Ranald continuou:

— E aos nossos novos aliados, Clã Morrison.

Mais uma vez as pessoas no salão responderam o brinde.

Pelo Clã Morrison!

~ * ~

Depois ficou claro que haveria uma aliança entre os Ranalds e os Morrisons, Laird MacLean e Coll chegaram a um acordo também. David iria começar a treinar como escudeiro de Coll.

Tavish não estava surpreso que Laird MacLean tinha esperado para ver como as coisas acabariam entre os Morrisons e os Ranalds antes de fazer uma aliança própria. Os MacLeans eram, talvez, os aliados mais próximos dos Ranalds. Ele não gostaria de tomar qualquer decisão sobre os Morrisons, a menos que seu Pai o quisesse também. Com isso resolvido, os MacLeans voltaram para casa no dia seguinte, mas iriam voltar para o casamento. E quando o fizessem, David iria viajar para Lewis com Coll.

Embora Tavish pensasse que finalizar o noivado fosse simples, não era nada disso. Demorou quase três dias para resolver todos os detalhes. Quando seu pai e Coll tinham chegado a um acordo sobre todas as questões, eles finalmente conseguiram acertar a data.

Assim como Tavish tinha dito a Claire, a data mais próxima que conseguiria, seria o vigésimo primeiro dia de outubro. Mas se eles não se casassem antes que o Advento começasse, eles não poderiam se casar até janeiro.

Tavish queria casar com ela no primeiro dia possível. Mas seus pais queriam ser capazes de convidar aliados, assim como Coll.

— Talvez devêssemos esperar até o ano novo — sugeriu sua mãe.

— Você não pode estar falando sério, Mãe.

— Eu não entendo a pressa agora. Nenhum de vocês parecia estar com qualquer pressa semanas atrás.

— Realmente, Mãe, não acho... — ele começou a discutir, até que ele percebeu que os olhos de sua mãe brilharam com malícia.

Ela levantou e suspirou exageradamente.

— Ah, bem, se você não quer esperar até janeiro, suponho que terá de ser o segundo dia de Novembro. Dessa forma, os três dias de festa serão concluídos antes do jejum do Advento.

— Novembro? — Ele não queria esperar até novembro para se casar com ela. — Por que precisamos esperar tanto tempo?

Claire descansou a mão em seu braço.

— Tavish, se você manter a discussão, podemos ter a data do casamento marcada para depois da Páscoa.

— Você é uma moça muito inteligente, Claire — disse Coll. — Desista enquanto está vencendo.

Foi além do frustrante, mas Tavish sabia Claire estava certa.

— Certo. O segundo dia de novembro.

Uma vez que foi decidido, mensageiros foram enviados para os aliados de ambos os clãs. Mas, dado o curto espaço de tempo e da época do ano, eles realmente esperavam que apenas os aliados mais próximos, que poderiam facilmente viajar para Castelo Ranald seriam capazes de participar.

Finalmente, para sua grande alegria, Padre Paulo elaborou os documentos finais de noivado e eles foram assinados no quarto dia de outubro. Depois, houve uma grande festa.

Tendo recentemente aprendido como, Claire estava feliz a dançar cada dança. Mas, eventualmente, ele sugeriu que eles fizessem uma pausa.

— Sim, se você insiste.

— Eu insisto. — disse Tavish.

— Eu realmente amo dançar.

Ele riu e levou-a para a mesa do Laird.

— Eu sei. Mas vamos passear. Eu vou nos buscar um pouco de cerveja.

Ele estava de volta em alguns momentos, com duas canecas de cerveja.

Depois de tomar um gole de sua, ele disse.

— Nós temos uma cerveja extremamente qualificada. A nossa é uma das melhores cervejas das Highlands.

— É muito boa. — Então ela se aproximou e sussurrou: — Mas eu prefiro um pouco mais frio.

Ele sussurrou de volta.

— Mesmo em temperatura ambiente, se a memória funciona, é melhor do que Natty Boh.

— Mas você amava... — Seus olhos se arregalaram e ela fechou a mão sobre sua boca. Ela parecia apavorada.

— Querida, o que é? O que está errado?

Ela balançou a cabeça e tocou os lábios com o dedo indicador.

Ele franziu a testa, então percebeu o que ela estava tentando dizer.

— Santa Mãe de Deus. — Ele olhou em volta para se certificar de que ninguém estava ouvindo, em seguida, sussurrou: — É sua palavra de retorno?

Claire assentiu.

— Sim, é. Quando Gertrude disse para escolher uma, um apoio de cerveja chamou minha atenção. Eu imaginei que nunca teria um motivo para dizê-la.

— E não há.

— Isso foi muito perto para meu conforto. E se isso acontecer novamente?

Tavish apertou a mão dela.

— Não vai. Especialmente agora que eu sei.

Ela ainda parecia preocupada.

— Talvez eu não deveria falar pela a próxima semana.

— Você não pode ficar em silêncio por uma semana inteira. Não vai dizer isso de novo. Pare de se preocupar.

Ela suspirou.

— Suponho que estejas certo. Felizmente, falta apenas mais uma semana.

— Sim, você não terá nenhum problema.

Ela assentiu, ainda, obviamente, um pouco preocupada, mas disse:

— Estais certo. Não há nenhuma razão para ela aparecer novamente.

— Ela inclinou a cabeça. — Agora que falamos disso, qual era sua palavra?

Ele franziu a testa ligeiramente.

— Como eu disse a você eu sabia que não estava indo para usá-lo, mas eu tinha que ter uma. Porque o tempo era crítico, Gertrude sugeriu uma palavra para usar que não haveria nenhuma chance de dizê-la

acidentalmente. E ela estava certa, eu nunca tive motivos para dizê-la em mais de dezessete anos.

— Então qual era?

— Algo que eu odiava, quimioterapia.

~ * ~

Tendo chegado tão perto de dizer a sua palavra de retorno por acidente na noite da festa de noivado, mesmo depois de Tavish assegurar que Cassie não tinha nenhuma razão para se preocupar, se preocupar foi o que ela fez. Ela não podia evitar. A ideia de perdê-lo novamente, apenas por causa do deslizamento de um lábio, a aterrorizava. Apesar do fato de que ela disse a si mesma, mais e mais, que era uma preocupação irracional, ela permaneceu tensa e nervosa até o décimo primeiro dia de outubro – o último dia em que ela poderia voltar ao século XXI.

Exceto por aquele momento, não era como se ela tivesse dado a Natty Boh qualquer pensamento, desde que ela tinha chegado aqui. Mas bastou um momento. E, tendo quase escorregado, ela estava paranoica. Ela até tivera um sonho – um pesadelo realmente – onde ela dissera isso. Em seu sonho, o último dia tinha passado e ela pensara que estava segura. No instante em que ela disse isso, ela tinha sido imediatamente puxada de volta para o século XXI. No pesadelo, ela descobriu, tarde demais, que ela deveria ter destruído o relógio antes que ele chegasse aos doze.

Ela acordou em pânico, incrivelmente aliviada ao encontrar-se ainda no Castelo Ranald. Ela sabia que o relógio não precisa ser destruído, mas ela tirou-o de seu esconderijo na manhã seguinte, apenas para se certificar de que ainda estava funcionando. E mesmo que estivesse, ela continuou a verificá-lo todas as manhãs depois disso. E todas as manhãs, a mão única tinha avançado mais um segundo da maneira que deveria.

Na manhã de doze de outubro, assim que ela acordou, ela enfiou a mão na mala onde o tinha escondido. Ela tinha que estar absolutamente certa de que o tempo acabara. Mas o relógio de bolso sumira. Ela não tinha certeza se ela deveria estar preocupada ou aliviada.

Quando ela desceu para o grande salão naquela manhã, Tavish soube instantaneamente que algo estava errado. Ele franziu a testa.

— Qual é o problema, docinho. Não há mais nada que se preocupar-se acerca do tempo — acrescentou em um sussurro.

— Eu sei. Mas eu não posso encontrá-lo. — Ela sussurrou de volta. — Eu verifiquei esta manhã, mas não está onde eu o tinha escondido. Estava lá ontem.

Ele abriu um largo sorriso e se inclinou em seu ouvido, dizendo baixinho

— Não tens nada com que se preocupar. Após o último dia, ele desapareceu para mim também.

Finalmente ela foi capaz de relaxar. Ela estava aqui, ao seu lado, para sempre.

— Eu acho que não deveria estar surpreendida. Ela pode desaparecer, então por que isto também não desapareceria?

Capítulo 22

Hooked Restaurante e Bar

Baltimore, Maryland

Segunda-feira, 12 de agosto, 2013

Mike Roberts geralmente não chegava ao Hooked até bem depois da hora do rush matinal. Ele odiava o trânsito. Ele alugava um espaço reservado em uma garagem nas proximidades por anos, para que chegar tarde não criasse um problema diferente. O restaurante não era aberto até onze nas manhãs durante semana e ele normalmente chegava lá por volta das dez, logo antes da equipe de cozinha.

O telefone atrás do bar estava tocando quando ele abriu a porta. Ele o deixou cair no correio de voz, até que ouviu a voz do interlocutor.

— Oi, Mike, é Alicia. Eu odeio fazer isso com você...

Ele pegou o fone.

— Alicia, eu acabei de chegar. O que está acontecendo?

— Ouça, Mike, me desculpe, mas Dustin está doente. Ele ficou acordado a noite toda, gritando, e ele ainda está com febre. Liguei para Maggie, uma amiga minha de Nova Jersey, ela é uma enfermeira. Ela acha que ele pode estar com uma infecção no ouvido e diz que eu deveria levá-lo para ver o médico.

Mike revirou os olhos e suspeitava que a amiga enfermeira de Alicia provavelmente tinha feito a mesma coisa.

— Alicia, quando uma criança tem febre e fica acordada chorando pela maior parte da noite, uma viagem para o pediatra é sempre uma boa ideia. E eu lhe disse ontem, quando você disse que ele estava puxando sua orelha, que parecia que ele poderia ter uma dor de ouvido.

— Sim, mas você não é uma enfermeira ou algo parecido — disse Alicia.

— Não. Apenas um ser humano observador.

— Exatamente — disse ela, não reconhecendo o sarcasmo de Mike. — De qualquer forma, eu deveria trabalhar no turno almoço hoje, e eu não posso. Mas eu poderia ir nesta noite. Minha mãe disse que ia cuidar de Dustin até Todd chegar do trabalho. Esta noite é de Cassie. Eu pensei que talvez ela pudesse mudar de turno comigo, mas ela não está atendendo o telefone. Você poderia pedir a ela por mim?

— Certo. E, se ela não estiver disponível, eu vou ver se consigo chamar alguém que queira trabalhar para você hoje ou trocar o turno do jantar, vou deixar você saber se vai precisar vir.

— Ótimo. Obrigado, Mike. Tenho certeza de que Cassie não vai se importar. Dê-lhe um grande abraço para mim.

— OK. Cuide bem do pequeno.

Depois que ele desligou, ligou para o celular de Cassie. Foi direto para o correio de voz. Ela não era de dormir até muito tarde na parte da manhã, mas ela fechou a noite anterior. Talvez ela estivesse no chuveiro e não pudesse ouvir. O pessoal da cozinha estava chegando agora. Uma vez que ele os tivesse começado na preparação do almoço, ele tentaria novamente.

Vinte minutos depois, ele tornou a discar seu número. E continuou sem resposta.

Ele subiu as escadas para o apartamento e bateu.

Nada.

Ele escutou na porta por um minuto, tentando ver se podia ouvir o chuveiro ou qualquer coisa que pudesse sugerir que ela estava lá, mas tudo estava quieto.

Talvez ela já tivesse tido ido a algum lugar. Ele pegou seu celular e discou o número dela novamente. Ele podia seu toque de *Game of Thrones*, fracamente. Se seu telefone estava no apartamento, Cassie também estava. Ela nunca saía sem ele.

Ele bateu na porta.

— Cassie! Hey, Cassie, é Mike.

Ele esperou por uma resposta.

— Cassie — ele gritou de novo, batendo com mais força.

Algo estava errado. Isto não era típico dela. Ele desceu para seu escritório, onde ele tinha uma chave mestra. Quando voltou à sua porta, ele bateu e chamou-a mais uma e outra vez, mas ela não respondeu.

Entrou no apartamento.

— Cassie, querida, você está aí? Você está bem? — Ela não estava na sala de estar ou na cozinha. A porta do quarto estava entreaberta. — Cassie? — Ele enfiou a cabeça para dentro. As cortinas foram puxadas, o quarto estava escuro e ela estava enrolada em sua cama, parecia dormir tranquilamente. Só que ela estava completamente imóvel.

— Cassie, acorde.

Ela não se mexeu.

Ele acendeu a luz do teto.

— Cassie, mel, acorda, você está me preocupando. — Ele caminhou para seu lado e estendeu a mão para apertar seu ombro, mas congelou. Sua pele estava pálida, com uma coloração azul. Ela não estava respirando. Seu coração acelerou com uma descarga de adrenalina.

Ela estaria bem. Ela tinha que estar.

Ele a virou para começar a respiração de resgate, mas assim que ele a tocou, ele sabia que era tarde demais. Ela estava fria. A menina doce, que ele amava como uma filha, estava morta.

Ele deu um passo para trás, pegou seu celular e ligou para o 911. Então, ele desceu para ligar para sua esposa e esperar a polícia chegar.

— Jean, querida, algo aconteceu.

— Mike, você soa terrível. O que está errado?

— É Cassie. Ela não estava atendendo o telefone, então fui até lá perguntar se ela poderia cobrir o turno do almoço para Alicia. Ela estava lá, eu podia ouvir seu telefone tocar, mas ela não estava respondendo. Entrei com a chave reserva. Jean — sua voz quebrou — Ela estava na cama, morta.

— Meu Deus. Oh, Mike, eu vou estar aí o mais rápido que eu puder.

— Precisamos fechar Hooked para o dia. Não consigo abrir nestas circunstâncias.

— Claro que não. Eu estarei aí em breve para ajudá-lo.

A polícia e os paramédicos chegaram quase antes dele terminar a ligação com Jean.

Foi horas mais tarde até que a cena foi processada e o corpo de Cassie foi tirado.

O detetive da polícia perguntou:

— Ela tem alguma história de abuso de substância que você conhece?

Mike fez uma careta.

— Cassie? Não definitivamente, não.

— Estava tudo bem na sua vida? Ela estava deprimida ou qualquer coisa?

— Bem, ela acabou de perder seu namorado para câncer alguns meses atrás. Ela estava muito triste com tudo isso, mas eu não posso imaginar que ela tirou a própria vida.

O policial deu de ombros.

— É difícil saber o que empurra as pessoas até borda. No entanto, na ausência de quaisquer sinais de assassinato, e se uma overdose acidental não é provável, a próxima coisa que tem de ser descartada como causa de morte é o suicídio. O fato de que uma cópia de seu testamento foi colocada para fora em sua mesa, torna isso uma possibilidade distinta. Claro que se foi suicídio o legista será capaz de determinar.

— Não é suicídio. Eu aposto meu bar nisto.

~ * ~

Mike estava certo. O médico legista não encontrou drogas ou venenos em seu sistema. Ele também não poderia encontrar nada que explicasse a morte súbita de Cassie. Seu coração, pulmões e outros órgãos vitais estavam normais e saudáveis. Ela não tinha tido um acidente vascular cerebral. Não havia nenhum sinal de lesão cerebral.

No final, o examinador médico determinou que Cassie morreu de causas naturais, inexplicáveis.

Mike estava aliviado por ser capaz de dar essa notícia para o resto de sua equipe.

— Como eles podem não saber como ela morreu? — Perguntou um de seus cozinheiros.

— Eles sabem como ela morreu... o coração dela parou. Eu acho que eles só não sabem o por quê — disse Mike.

Uma noite, perto de fechar, ele estava resolvendo algumas papeladas em seu escritório. Alicia bateu na porta aberta. Ela tinha uma pequena caixa em suas mãos.

— Ei, chefe, você tem um minuto?

— Certo. O que posso fazer para você?

— Nada. Bem, acho que alguma coisa. Hum... eu... bem, não só eu, um grupo de nós... bem...

— Alicia, querida, apenas fale.

— Nós sentimos falta de Cassie — ela disse sem rodeios.

Mike suspirou.

— Eu sei. Eu também.

— Então, nós queríamos colocar algo no bar, tipo como um memorial para ela. Só não um memorial como uma placa de idade maçante, que nos faria chorar. Nós queríamos algo que pudesse nos fazer sorrir.

— O que vocês têm em mente?

Um sorriso dividiu seu rosto.

— Isto — disse ela e puxou algo da caixa, entregando a ele.

Era um sino de vento pendurado da silhueta de uma fada.

— Você sabe que nós sempre brincávamos com ela sobre ela ser a Sininho do Hooked¹². E nós pensamos — ela deu de ombros e lhe deu um pequeno sorriso — ouvir o tilintar dos sinos de vez em quando, e ver a pequena fada seria uma boa maneira de nos lembrarmos dela, algo que ela teria gostado também.

Mike engoliu em seco.

— Alicia, é perfeito. Vou pendurá-lo imediatamente pela amanhã. — Então ele se lembrou que tinha uma consulta com o advogado de Cassie no

¹² NT: Hooked – Referência ao Capitão Gancho do história de Peter Pan.

dia seguinte e estaria longe de Hooked pela maior parte da manhã. — Pensando bem, vamos encontrar um lugar para pendurá-lo agora.

~ * ~

Mike não tinha certeza do por que ele tinha sido convidado a participar desta reunião. O assistente administrativo do advogado tinha feito o pedido na semana anterior, mas não tinha lhe dado nenhuma pista sobre o que a reunião era. Um pouco preocupado sobre a coisa toda, ele pediu a Jean para ir com ele. Quando ele chegou, outro casal esperava na área de recepção. Ele os reconheceu como os pais de Tom Hatcher. Eles tinham vindo passar um pouco de tempo na celebração que Mike tinha dado para Cassie em Hooked.

Pouco antes da hora marcada, a recepcionista levou os dois casais para uma sala de conferências. Momentos depois, uma mulher alta com olhos castanhos e um sorriso, se juntou a eles.

— Oi. Anne Myers. Eu sou a advogada de Cassandra Calloway.

O pai de Tom levantou-se e ofereceu-lhe a mão.

— Eu sou Jack Hatcher e esta é minha esposa Nina.

Mike levantou também e apertou a mão dela.

— Eu sou Michael Roberts, Mike para a maioria das pessoas. Esta é minha esposa Jean.

— É um prazer conhecer todos vocês. Eu odeio começar tarde, mas eu estou esperando que os pais de Cassie se juntem a nós também. Você se importaria de esperar enquanto o meu assistente administrativo tenta alcançá-los? Se eles forem demorar mais tempo, vamos começar sem eles.

Momentos depois, o recepcionista, parecendo um pouco confuso, guiou os pais de Cassie até a sala.

Antes que as introduções pudessem ser feitas, o pai de Cassie perguntou:

— O que essas pessoas estão fazendo aqui?

Anne pareceu ignorar a pergunta.

— Bom dia, Sr. e Sra. Calloway. Estou feliz que vocês virem. Estes são o Sr. E a Sra. Hatcher...

Sr. Calloway acenou com a mão para a cortar.

— Eu sei quem eles são. E ele é o *barman*.

Anne sorriu agradavelmente, mais uma vez ignorando a grosseria do Sr. Calloway.

— Como eu estava dizendo, estes são o Sr. e a Sra. Hatcher. Seu filho, Tom, e Cassie eram muito próximos antes de sua morte no verão passado. E estes — ela apontou para Mike e Jean — são o Sr. e a Sra. Roberts. Eles também eram queridos amigos de sua filha.

Sr. Calloway deu-lhes um breve aceno de cabeça antes de se sentar. Sra. Calloway sentou ao lado dele, ignorando qualquer outra pessoa na sala.

— Vamos continuar com isso — disse o Sr. Calloway.

Anne sorriu e sentou-se à cabeceira da mesa.

— Certamente. Todos vocês estão aqui porque a vontade de Cassie está fora de sucessões agora, e ela pediu que todos fossem informados do conteúdo da vontade, ao mesmo tempo.

Sra. Calloway bufou, mas não disse nada.

— Sinto muito, Sra. Calloway, você gostaria de dizer alguma coisa? — Perguntou Anne.

— Bem, sim. Primeiro, seu nome é Cassandra. E eu estou irritada com toda esta farsa. Ler este testamento dessa maneira parece com um melodrama de Hollywood.

Anne assentiu.

— Entendo. Bem, *toda esta farsa* não vai durar muito mais tempo, eu lhe garanto. Como eu estava dizendo, *Cassie* queria que todos pudessem ouvir isso juntos. Ela escreveu uma carta que ela pediu que eu lesse em voz alta na primeira vez. Depois disso, eu tenho cartas dela para você.

— E estamos apenas recebendo-as agora? — Perguntou a Sra. Calloway.

— Estes eram os desejos dela — disse Anne.

— Tudo bem. — disse Sr. Calloway laconicamente. — Leia.

Anne arqueou uma sobrancelha para ele, mas abriu uma carta e começou a ler:

Queridos amigos e familiares,

O verão de 2013 foi um momento importante para mim e, infelizmente, não por boas razões. Como resultado, pela primeira vez na minha vida, tenho consciência da minha própria mortalidade. E uma vez ciente disso, resolvi me planejar para isso. Selecionei um advogado e ela preparou um testamento para mim. Eu quero certificar-me de que meus bens são tratados como eu gostaria que fossem.

Mas, enquanto nós trabalhamos sobre isso, percebi que havia algumas coisas que eu queria dizer a todos vocês. É por isso que eu estou escrevendo esta carta. Mesmo enquanto eu escrevo isso, eu sei que as chances são muito boas que, em poucos anos, eu vou escrever outro e rasgar este. E depois eu posso escrever outro, e outro, e outro. A vida evolui, e espero que os meus pensamentos, e o conteúdo do meu testamento, vai evoluir com ela.

Quero que todos saibam que eu os amo. Eu suspeito que minha família pode questionar isso. Nem sempre nos vimos olho no olho. Ainda assim, sei que, independentemente de quaisquer palavras de raiva, ou ressentimentos, que surgiram entre nós no passado, eu os amo.

Também quero que todos vocês saibam que eu passei muito tempo refletindo sobre o que eu queria colocar no meu testamento, especificamente como eu queria dividir meus bens. Isso não foi feito de ânimo leve ou sob qualquer influência indevida. Meu advogado pode atestar as horas de reflexão e discussão sobre isto. Tenham certeza de que estes são os meus desejos e só meus.

Finalmente, há algumas coisas que eu queria dizer a cada um de vocês, apenas no caso de eu nunca ter a chance. Para esse fim, eu escrevi cartas privadas que o meu advogado irá dar-lhes em breve. Eu peço uma coisa, por favor leia suas cartas privadas antes do meu advogado revelar o conteúdo do meu testamento.

Com todo o meu amor,

Cassie

Anne olhou para cima da carta.

— Antes de avançarmos, há alguma pergunta?

— Podemos apenas ter as cartas — retrucou o pai de Cassie.

Anne suspirou.

— Sim, com certeza. — Ela retirou três cartas seladas do arquivo, entregando uma para os Calloways, um para os Hatchers, e uma para Mike.

~ * ~

Sanford Calloway não era um homem paciente e ele teve o suficiente do teatro de Cassandra. Ele rasgou a carta e segurou-a para que Alexandra pudesse lê-la também.

30 de julho de 2013

Queridos Mãe e Pai,

Eu não espero que vocês realmente leiam esta carta. Mas acidentes e doenças acontecem. Então, se vocês estão lendo isto, eu falecer antes de vocês e, como eu disse na minha outra carta, há algumas coisas que eu preciso dizer.

Eu sei que tenho sido uma decepção para vocês e isso me deixa triste. Mas eu não sou uma decepção para mim, então eu não posso me desculpar por quem eu sou. Eu não me arrependo das escolhas que fiz, mas lamento que vocês estavam angustiados por isso.

Até a data desta carta, vocês podem ver que a minha transgressão mais recente ocorreu apenas um pouco mais de duas semanas atrás. Cheguei em casa, antes da festa de quinze anos de Sloan, com uma cabeça raspada. Vocês todos assumiram que eu tinha feito isso por algum motivo maldoso. Mas ninguém realmente perguntou por que e ninguém iria escutar quando eu tentei explicar. Como isto parece ser a gota que afastou a família Calloway, eu duvido que nunca vou ter a oportunidade de fazê-lo em pessoa.

Mas, primeiro, eu tenho que tomar um pequeno passo para trás e dizer-lhe outra coisa. Semanas após o início do meu primeiro ano na faculdade, eu conheci um homem maravilhoso. E dentro de semanas, eu sabia que eu o amava. Ele era inteligente e engraçado e gentil e tudo o que eu queria em

um parceiro. O manteve em segredo por quase três anos. Eu queria ser capaz de compartilhá-lo com vocês. Eu o amava muito. Mas eu temia que vocês iriam assustá-los. Para ser justa, vocês tinham feito isso antes.

Tom era muito importante para correr esse risco. Ele era minha alma gêmea, meu coração batia com o dele. Pelo menos ele o fez até 20 de junho de 2013. Tom tinha linfoma. Ele tinha estado em remissão por cerca de três anos, mas voltou na primavera passada, e ele precisava de um transplante de medula óssea. A quimioterapia foi violenta. Um dia, quando ele estava se sentindo particularmente ruim, eu decidi raspar minha cabeça por ele. Eu doeie meu cabelo para caridade e eu disse-lhe que a minha cabeça careca brilhante era como um sinal de néon dizendo-lhe que o amava. Ele morreu duas semanas mais tarde e meu coração estava quebrado.

Então, não, quando eu decidi raspar minha cabeça, a festa de quinze anos de Sloan não estava na minha mente. Não foi um ato calculado para machucar ou envergonhar. Foi porque eu amava Tom com tudo em mim e naqueles dias sombrios, eu não queria que ele se esquecesse disso.

Sinceramente, se eu me lembrasse da festa de Sloan, eu não teria feito nada diferente. Mas não porque eu queria machucar algum de vocês. Eu fiz o que fiz por amor, não despeito.

Logo após Tom morrer, eu queria dizer a vocês dois. Eu o tinha mantido em segredo, mas perdê-lo doía muito e eu precisava de você. No entanto, as coisas estavam agitadas antes da festa e não era algo que eu poderia apenas deixar escapar em um breve telefonema, ou deixar como uma mensagem de voz. Eu decidi que seria melhor para informá-los sobre tudo quando chegasse em casa.

Isso não deu certo, mas isso não importava. No final, eu sabia que eu tinha feito minhas escolhas e eu tive que viver com elas.

Então, se vocês estão se perguntando quem os Hatchers são, eles são pais de Tom. Quando Tom e eu começamos a namorar, eles me acolheram em sua família e me trataram como uma filha. Eles são muito queridos para mim.

De qualquer forma, eu vou encerrar essa carta dizendo que eu te amo e espero que vocês não vão se lembrar de mim como a beligerante bagunçada que eu parecia estar em julho.

Com amor,

Cassandra

Sanford Calloway simplesmente olhou para a carta. Cassandra tinha um namorado, ela estava apaixonada, ela sofreu uma perda terrível, e ninguém sabia disso. Como poderia ninguém saber disso? Cristo, ela tinha tido uma equipe de segurança até logo após a festa de Sloan. Ele olhou para sua esposa e viu sua própria perplexidade refletida em sua expressão.

— Como isso aconteceu? — Perguntou ela.

Ele não tinha resposta.

~ * ~

Jack Hatcher pegou a carta com as mãos trêmulas. As lágrimas já estavam escorrendo pelas bochechas de Nina. Ele respirou fundo e abriu-a.

14 julho de 2013

Queridos papai e mamãe Hatcher,

Eu não espero que vocês vão realmente ler esta carta. Ainda assim, como Tom gostava de dizer, merda acontece. E se vocês estão lendo isso, eu queria

que eu realmente tive a chance de dizer estas coisas pessoalmente. Mas apenas no caso de algum tipo de merda acontecer antes de eu ter essa oportunidade, eu quero te dizer agora.

Primeiro, eu quero agradecer-lhe pelo presente de seu filho. Ele era o inteligente engraçado, amoroso, e homem compassivo por quem eu me apaixonei, por causa da maneira como vocês os criaram. Suas melhores lembranças eram do tempo gasto com a sua família. E sua família foi um dos maiores presentes que ele me deu.

Vocês me aceitaram exatamente por quem eu era, simplesmente porque essa era quem Tom amava. Você se tornou minha casa. Meu lugar seguro para ficar. Eu nunca vou ser capaz de expressar adequadamente o quanto isso significava para mim. E quando perdemos Tom, uma pequena parte, muito insegura, se preocupou que eu tinha perdido vocês também. Não demorou muito para saber que eu não tinha e por isso eu sou profundamente grata.

Espero que agora vocês tenham descoberto sobre a parte da minha vida que eu escondi de vocês. Tom sabia – seria difícil não saber. Por favor, acredite que a única razão pela qual eu escondi isso de vocês era porque eu não queria ser definida pelas expectativas que as pessoas tinham de Cassandra Wren Calloway. E quando eu estava com vocês, eu era apenas Cassie Wren. A única pessoa que eu sempre quis ser foi Cassie Hatcher.

Enquanto eu estou fazendo confissões, eu tenho mais uma. Sei que estavam confusos por que vocês não receberam as faturas substanciais do cuidado de Tom que não foi coberto pelo seu seguro. Bem, a razão é, eu os paguei. Eu ia dizer-lhes, eventualmente, ou era isso o que eu continuava a me dizer. Mas dizer a vocês, significava dizer-lhe como eu poderia me dar ao luxo de fazer isso. E dizendo-lhes como eu poderia me dar ao luxo de

fazer isso, significava dizer-lhes a minha verdadeira identidade. No entanto, isso era algo do qual eu não estava pronta para ainda.

Então, por favor, perdoe-me por não lhe dizer tudo isso mais cedo. E lembrem-se de mim com amor, como a garota de Tom, Cassie Wren.

Finalmente, o presente que eu estou te dando vem do meu coração. Mantenha-o, use-o, dê-lo, ele é seu.

Eu te amo tão imensamente...

Cassie

Jack mal pôde ler as últimas palavras por causa das lágrimas nadando em seus olhos. Ele estendeu a mão para Nina e ela escondeu o rosto contra seu peito e chorou.

~ * ~

Enquanto Mike pegava sua carta do advogado de Cassie, ele ficou extremamente feliz que ele tinha pedido a Jean para ir com ele. Ele não queria enfrentar isso sozinho. Agora ela se sentava, segurando sua mão, lágrimas em seus olhos. Jean conhecia e amava Cassie também, apesar de Mike a conhecer melhor. Ele olhou para a carta por um momento. Ele tinha vivido todos os dias desde a morte de Cassie, com uma enorme dor em seu coração que ele mal era capaz de funcionar. Ele e Jean nunca tinham sido capazes de ter filhos. Ao longo dos anos, jovens empregados iam e vinham, e Mike tentou tratá-los do modo que ele iria querer que uma criança sua fosse tratada. Mas quando Cassie entrou em sua vida, ele sabia que ela era diferente.

Até depois que ela morreu, ele pensou que ela estava sozinha no mundo. Ela nunca mencionou qualquer família, agora ele sabia o porquê.

Ele e Jean tinham a acolhido debaixo das suas asas e ela se tornou a filha que nunca teve. Lembrou-se do dia em que Cassie trouxe Tom a Hooked pela primeira vez. Ela queria que Mike o conhecesse. Mike lhe tinha dito:

— Eu amo Cassie como uma filha. Sua felicidade é muito importante para mim, e se eu ouvir que alguém a machucou... bem, eu não me importo de voltar para a prisão.

Ele tinha assustado Tom até que ele percebeu que Mike estava brincando. Ou quase.

Jean apertou sua mão.

— Vá em frente, Mike.

Ele assentiu e abriu a carta.

21 de julho de 2013

Querido Mike,

Por mais que eu espero que você nunca receba esta carta, eu também não quero viver em um mundo sem Mike Roberts.

Então é isso que eu quero que você saiba.

Eu te amo.

Não há mais nada a dizer. Eu vos amei desde o primeiro dia em que te conheci. E todos os dias desde então, eu sabia que se eu precisasse de um ouvido para ouvir a mim, um ombro para chorar, ou se eu só quisesse um abraço, tudo o que eu tinha a fazer era correr lá embaixo. Francamente, eu não sei como eu poderia ter sobrevivido a morte de Tom sem você.

Vós sois o sal da terra. Você é a personificação do amor incondicional. Estou muito feliz por ter tido você na minha vida.

Por favor, cuidar de si mesmo, e de Jean. Eu a amo muito, por sinal. Meu pequeno presente para você não é nada comparado ao que vocês dois me deram. Eu só espero que ele vai fazer suas vidas mais fáceis.

Então eu só vou dizer mais uma vez.

Eu te amo.

Cassie

~ * ~

Anne olhou ao redor da sala. Todo mundo tinha acabado de ler suas cartas e ou se mantinham sentados em silêncio atordoado ou choravam. Ela esperou até que todos tivessem a oportunidade de processar o conteúdo.

— Bem, agora que vocês já tiveram a oportunidade de ler as mensagens que Cassie deixaram para vocês, não há mais nada a fazer, além de informar sobre o conteúdo de seu testamento. Sr. e Sra. Hatcher e Sr. e Sra Roberts, eu sei que vocês provavelmente, só recentemente, souberam que Cassie era filha de Sanford e Alexandria Calloway. Mas o que vocês podem não estar cientes é de que Cassie era rica por si própria. Ela tinha um fundo fiduciário considerável que foi deixado a ela por seu avô, Wren. E por considerável quero dizer mais de vinte e cinco milhões...

Enquanto os Hatchers e os Roberts pareciam atordoados, os pais de Cassie pareciam impacientes.

Sanford Calloway disse:

— Pelo amor de Deus, apenas continue.

Anne assentiu.

— Sr. e Sra. Hatcher, Cassie deixou um terço da sua propriedade para você. Sr. Roberts, ela deixou um terço da sua propriedade para você. E ela

deseja que o terço restante de sua propriedade seja para financiar pesquisas sobre linfoma...

Anne não se surpreendeu com as expressões chocadas em cada face.

— Sr. and Mrs. Calloway, Cassie queria ter certeza de que vocês sabiam que ela não tinha a intenção de ser desconsiderada de qualquer forma. Ela sabia que, mesmo se sua propriedade inteira fosse para vocês, seria simplesmente uma gota no balde. Em contrapartida, ele pode fazer uma diferença substancial nas vidas dos amigos que significavam muito para ela...

— Bem, ela poderia ter dado a Sloan — disse a Sra. Calloway com raiva. — Depois de tudo esse dinheiro foi deixado a ela por meu pai.

— Sra. Calloway, eu entendo o seu pai a deixou ambas fundos substanciais. E considerando que Sloan é agora sua única herdeira, a fortuna Calloway vai ser dela um dia também. Cassie queria seu presente fizesse a diferença.

Capítulo 23

Cassie pensava que a semana entre o noivado e o último dia do relógio de bolso havia parecido uma eternidade. Mas as três semanas que eles tiveram que esperar para o casamento foi pior. Com nada mais para se preocupar, seus pensamentos estavam cheios de Tavish. Ela o amava com tudo nela. Mais do que isso, seu desejo sexual era quase incontrolável.

Ela e Tom tinham dormido juntos pela última vez em maio, pouco antes de sua quimioterapia começar. Ela não tinha feito sexo em mais de cinco meses. Para ser justa, ela realmente não tinha pensado sobre isso a maior parte desse tempo. Mas, uma vez que ela se apaixonou por Tavish e descobrira quem ele realmente era, isso parecia ser a única coisa em sua mente.

Eles decidiram, por respeito a seus pais e as normas medievais, que esperariam até depois do casamento para fazer algo mais do que dar as mãos, compartilhar um beijo casto ou, se um momento privado se apresentava, compartilhar alguns beijos não tão casto. Essa última parte era, provavelmente, onde ela errara. Toda vez que ela se via sozinha com ele, em seus braços, seus lábios nos dela, ela queria mais. Quente e incomodada não começava a descrever isso.

Evidentemente não era mais fácil para ele. Depois de um momento roubado no estábulo, ele suspirou e descansou a cabeça contra a dela.

— Nós temos que parar de nos encontrar assim. É uma tortura lhe segurar tão perto e ter que ficar com um beijo.

— Você é aquele que me puxou para esta tenda vazia.

Ele riu.

— Sim, eu o fiz. E na verdade, eu não conseguia me parar mesmo se eu quisesse. Se tudo o que posso ter é um beijo e um abraço, eu vou me contentar.

Ela só podia concordar. À medida que outubro chegava ao fim, e os convidados do casamento começaram a chegar, havia cada vez menos oportunidades para estar a sós com ele. Coll chegou com uma grande festa de Morrisons cerca de uma semana antes do casamento. Depois disso, mais convidados chegavam diariamente.

Laird e Lady Matheson, com seu filho mais novo, Robbie, e um contingente de guardas foram os próximos a chegar. Em seguida, os representantes do Clã MacInnes, Clã MacQuarrie e Clã MacDougall e, claro, o Clã MacLean, todos os aliados do Ranalds, chegaram. Mais perto do final da semana, representantes dos aliados mais fortes dos Morrisons, os Macauleys e os MacLeods chegaram.

Laird MacLeod foi representado por seu filho Andrew, e a nova esposa de Andrew, Anna, e seu filho de seis anos de idade, David. Viajando com os MacLeod estava o irmão mais novo de Claire, Darach.

Quando Cassie, viu Darach, ela soube imediatamente quem ele era e não só por causa da semelhança da família. Enquanto ele era uma versão mais jovem, mais magra de Coll, a enxurrada de lembranças, mais clara e mais fortes do que qualquer outra que ela já teve, sugeriu que ele era muito querido por Claire.

Assim que ele chegou até ela, levantou-a em seus braços e a girou.

— Claire, é maravilhoso ver você. Eu senti muito sua falta.

Cassie podia dizer com confiança:

— Eu senti sua falta também, Darach.

Depois que Tavish e seus pais também cumprimentarem os recém-chegados, eles foram levados para os seus alojamentos. Cassie queria alguns minutos a sós com Darach, então ela se ofereceu para mostrá-lo o quarto de dormir que ele iria compartilhar com Coll.

Quando chegaram ao quarto, e já não tinham uma audiência, Darach perguntou:

— Você está feliz, Claire? Não quer esse casamento? Se você , não...

— Não, Darach, você não precisas se preocupar. Estou muito feliz.

Ele parecia aliviado.

— Isso é bom. Porque se você não estiver eu... eu...

Ela sorriu.

— Você iria cara a cara com Coll?

— Sim, eu o faria. Por você , eu o faria.

— Eu o amo, Darach.

— Eu também amo você, Claire. Pai estava errado em nos mandar embora tão jovens. Mas você teve o pior. A vida com os MacLeod era, provavelmente, muito melhor do que teria sido com Gavinia como nossa mãe.

Cassie riu.

— Estou certa de que a vida na abadia era. Eu não queria partir, mas eu estou realmente contente por Coll insistir. Honestamente, Darach, eu amo Tavish e todos aqui no castelo Ranald.

Ele assentiu, mas um sulco marcou sua testa.

— Eu amo Curacridhe também. Mas Coll quer que eu termine meu treinamento com os MacLeods mais cedo. Talvez até mesmo no próximo ano. Ele diz que pode terminar a minha formação. Eu não quero fazer isso.

Na verdade, há anos que eu espero que Laird MacLeod me deixe ficar depois do meu treino... talvez me faça um guarda.

Cassie suspirou. Claire teria entendido aquele desejo melhor do que ninguém e provavelmente teria aprovado. Mas Cassie não podia. Lembrou-se das primeiras conversas com Coll, quando ele a visitou em Michaelmas. Ele era jovem, inexperiente e tinha, em suas próprias palavras, *herdado um desastre*.

— Darach, eu entendo que não quer deixar os MacLeods. Eu suspeito que, como a abadia era para mim, você considera Curacridhe sua casa e os MacLeods sua família.

— Sim. — O franzir teimoso do queixo sugeriu que ele não estava preparado para ser desanimado a este respeito. Mas ela tinha que tentar.

— Darach, antes de você tomar qualquer decisão, quero que considere uma coisa. O que Gavinia fez para nós não foi justo.

— Não, não foi. — disse ele com veemência.

— Mas você disse, estávamos melhores com suas ações do que estaríamos se tivéssemos ficado em sua casa.

— Mas, Claire...

— Não, me ouça. Sabes também que Coll também foi afastado para treinar. E embora ele não dissesse isso para mim, eu suspeito que ele não estava muito feliz em ter que deixar os Macauleys.

— Sim, ele disse isso para mim antes de nosso Pai morrer.

— Mas ele voltou para casa, porque os Morrisons precisavam dele. E, além disso, não foi o clã que virou as costas para nós. Eles não tinham mais possibilidades de escolha no que aconteceu, que você, ou eu, ou mesmo Coll tivemos. Darach, eles são nosso clã. Coll é nosso irmão, ele precisa de

nós. Eu entendo que Fearchar fez uma bagunça nas coisas no curto espaço de tempo quando ele era o Laird.

— Oh, sim. Você não sabe a metade disso.

— E agora Coll, que tem apenas vinte e três anos e mal terminou o treinamento, tem a responsabilidade de liderar e proteger os Morrisons. Ele precisa dessa aliança com os Ranalds, bem como a que ele está formando com os MacLeans. Enquanto estou certa de você poderia convencer Laird MacLeod a manter-lhe, estou igualmente certa de que ele vai entender que nosso irmão precisa de você e continuará a ser um forte aliado, uma vez que você retorne a Lewis.

— Claire, eu não estou pronto para partir ainda.

— Eu sei. E eu não estou sugerindo que parta imediatamente. Por agora seria suficiente se você simplesmente não se coloque completamente contra a ideia.

Ele franziu a testa.

— É esta a verdadeira razão pelo qual concordastes com este noivado?

Ela riu.

— Não, não é. Antes que eu percebesse que eu amava Tavish, eu estava preparada para partir. E Coll teria permitido. Ele realmente se importa conosco. É por isso que eu sei que se você fincar seu pé, ele não vai nos obrigar. Mas isso é também a razão pelo qual estou pedindo considerar o que pode fazer para ajudá-lo e a nosso clã.

Sua expressão se suavizou.

— Quando colocas dessa maneira é difícil dizer não.

Ela sorriu.

— Que bom.

~ * ~

No dia do casamento Cassie acordou quando Kenna gritou “Bom dia, Lady Claire” enquanto ela se movimentava pelo quarto antes do amanhecer.

Cassie nunca tinha dormido o dia inteiro, mas, mesmo em sua antiga vida ela tinha evitado acordar antes do sol nascer a qualquer custo. Mas ela estava se acostumando a isso. Muito mais ao norte do Baltimore, o sol nascia muito cedo e se punha cedo. Tavish tinha dito a ela que até o solstício de inverno, haveria menos de sete horas de luz do dia. Assim, mesmo que o céu ainda estivesse escuro, ela sabia que não era terrivelmente cedo.

Ela bocejou e se espreguiçou.

— Bom dia, Kenna. — Ela começou a sair de sua cama aconchegante, então estremeceu e puxou as cobertas de novo. — Está muito frio aqui.

— Sim. Um vento violento está soprando do oeste, esta manhã. Fique na cama até que eu tenha o fogo pronto. Então eu vou trazer-la uma bandeja de comida. Quando terminar seu desjejum, eu vou ter a água para seu banho. A câmara deve estar quente o suficiente até lá.

— Obrigada. — Cassie sorriu lembrando do dia em que ela conheceu Kenna. A menina tinha dito que ela não sabia como ser uma dama de companhia, mas ela certamente aprendeu rapidamente. Cassie a adorava e considerava-a uma amiga. No entanto, assim como Lady Ranald disse, é impossível não sentir um pouco de distância ao interagir com alguém que deve tratá-la como *minha Lady* ou *Lady Claire*.

Ela tinha apreciado bastante companhia de Anna MacLeod, Layla Macauley, e Cathleen MacLean ao longo dos últimos dias. Elas tinham todas idades próximas a de Claire. Se tivessem sido mulheres modernas, elas provavelmente estariam terminando o colegial ou apenas começando a

faculdade. Casamento seria a última coisa em suas mentes. Mas Anna tinha se casado na primavera anterior. Layla Macauley estava prometida a Aidan MacKay, um dos irmãos de Anna. E Cathleen, irmã mais nova de Laird Maclean, estava preocupada com o que seu irmão poderia escolher para ela. Ela tinha timidamente admitido que achava que Hugh era *perfeitamente maravilhoso*. Secretamente, Cassie pensou que o sentimento era mútuo e tinha sugerido que Tavish o mencionasse a seu pai.

Todas as três meninas, juntamente com Lady Ranald, Lady Matheson, e Lady MacLean foram até a câmara de Cassie para ajudá-la a se preparar para o casamento.

Quando elas terminaram, Cassie usava um kirtle¹³ de cor creme de lã de cordeiro sob um vestido de lã azul fortemente bordado. Um véu de seda preso por um circlet de prata, cobria seu cabelo intrincadamente trançado. Um plaid pesado, de tecido com listras azuis e verdes, estava enrolado em volta dos ombros e era preso com um broche de prata.

Pouco antes do meio-dia, Lady Ranald espantou as outras mulheres para fora da câmara.

— Agradeço por sua terna assistência. Deixe-os saber, no andar térreo, que estamos quase prontos. Eu só quero alguns minutos a sós com minha, muito em breve, filha.

As mulheres casadas mais velhas sorriram conscientemente. Layla e Cathleen corou e riu. Anna riu e deu um braço para Cassie, sussurrando:

— A irmã mais velha do meu marido fez a mesma coisa. Tente não morrer de vergonha.

Oh. Bom. Deus. Até aquele momento, ela ainda não tinha percebido o que estava acontecendo, mas agora ficou claro que ela estava prestes a ter a

¹³ Um kirtle é uma roupa usada por mulheres. O kirtle era normalmente usado sobre uma camisa ou blusa, e sob a roupa externa formal ou bata/capa.

conversa sobre sexo, de uma mulher medieval. Poderia ser engraçado se não fosse tão terrivelmente embaraçoso. Mas se nada mais, serviu para dar as suas bochechas uma sombra atraente de rosa.

Finalmente, depois de semanas de espera, ela estava nos degraus da fortaleza com um buquê de ervas em uma mão e a outra sobre o braço de Coll. Seu noivo esperava por ela na frente da capela, seu irmão, Hugh, ao seu lado. Cathleen MacLean, que ficaria com ela, andou à frente deles, separando a multidão.

A partir do momento que ela se apaixonara por Tom, ela tinha imaginado estar casada com ele. Mas, talvez, ao contrário das outras meninas, ela nunca imaginou que tipo de casamento teria. Parcialmente porque sabia que teria sido outra coisa pelo qual ela teria que enfrentar seus pais.

Mas se ela tivesse tentado, ela não poderia ter imaginado um casamento mais perfeito do que este. Não importava que o céu era um cinza chumbo e um vento cruel atacava-os ou que ela teve de suportar a versão medieval de uma educação sexual momentos mais cedo.

Tavish-Tom... esperava por ela com adoração em seus olhos. Eles estavam cercados por pessoas que os amavam tanto e eles tinham uma vida inteira pela frente para se amar. Isso era tudo o que importava.

Eles trocaram votos na frente da capela e, em seguida, entraram para a missa nupcial que se seguiu. Quando acabou, e Padre Paul anunciou, “Sir Tavish, podeis beijar vossa noiva” Cassie não podia imaginar nunca ter se sentido mais feliz do que ela fazia naquele momento.

— Eu o amarei para sempre, Cassie — Tavish sussurrou depois que ele terminou o beijo. Os aplausos da multidão impediram alguém de ouvi-lo.

— Para a Lua e de volta, Tom — ela murmurou.

~ * ~

Tavish queria aproveitar o casamento. A festa foi espetacular, ele estava cercado por amigos e familiares, e sua amada estava ao seu lado. Mas tudo o que podia pensar era deixá-los, e estar com ela novamente. Talvez isso explicava por que havia três dias de festas para celebrar um casamento – para dar a noiva e ao noivo a chance de desfrutar de, pelo menos, parte dela.

Finalmente, todas as sutilezas haviam sido cumpridas. A refeição foi servida. A dança começou. Ele e Claire tinham dançado juntos várias vezes e Claire tinha dançado com o líder de cada clã visitante, terminando com Dougal Matheson.

— Ela é uma noiva perfeitamente linda, Tavish — disse Dougal quando voltou com Claire. — E é claro que vocês se adoram. Isso é uma bênção além de qualquer outra. Cuide bem dela.

— Sim, Dougal. Eu vou cuidar.

Dougal se inclinou conspiratório.

— Então você pode querer enviar seu sacerdote para abençoar a cama e, em seguida, desaparecer com ela antes que a multidão peça pela cerimônia de cama¹⁴. É provável que seja mais do que uma jovem pequena, que viveu sua vida em uma abadia, possa suportar.

Tavish riu.

— És um bom homem, Dougal, mas eu fiz Padre Paul abençoar a cama mais cedo esta noite.

¹⁴ A cerimônia da cama – costume do casamento de colocar o casal recém-casado no leito conjugal diante de numerosas testemunhas, completando assim o casamento.

Mesmo se sua linda noiva não tivesse realmente vivido uma vida tão protegida, ele sabia que ela queria evitar esse tipo de espetáculo.

Alguns dias atrás, ela perguntou:

— Tavish, eu sei que tem sido um longo tempo, mas você se lembra de assistir *Game of Thrones* na televisão.

Ele riu.

— Sim. Quando eu cheguei aqui eu estava um pouco preocupado de que a vida seria assim.

— Então a coisa casamento? Isso não acontece.

— Certamente, não está com medo...

— Não, não essa parte. Sabe, a coisa da cerimônia de cama.

— Oh *aquilo*. Bem, há rituais de cama. — O olhar de horror em seu rosto o fez adicionar rapidamente — Mas não como isso.

Ela ainda parecia preocupada.

— Como o quê, então?

— O pior que eu vi é quando os convidados do casamento escoltam o casal a sua câmara, um sacerdote abençoa a cama e o casal fica na cama juntos. Mais frequentemente, o sacerdote abençoa a cama e os convidados do casamento saem antes de qualquer outra coisa acontecer.

Ela torceu o nariz.

— Nós temos que fazer isso?

Ele riu e puxou-a para um abraço.

— Não. No mínimo, a cama tem de ser abençoada, mas pode ser feito no início do dia.

Ela suspirou, claramente aliviada.

— Eu apreciaria isso.

— Eu pensei que apreciarias. Já falei com o padre Paul sobre isso.

Assim, tendo arranjado tudo antes do tempo, tudo o que Tavish tinha que fazer agora era fugir com ela. Ele se inclinou perto de seu ouvido.

— Está pronta para dizer boa noite?

Um sorriso atrevido espalhou por seu rosto.

— Absolutamente. Mas como?

— Basta me seguir.

Ele tomou-a pela mão e levou-a para dançar, como se eles estivessem indo para participar. Ele tinha manobrado perto das escadas da torre até o final da canção. Antes dos menestréis começassem uma outra música, ele chamou.

— Lairds, senhoras e honrados convidados. Espero que vocês estejam desfrutando.

Um grito subiu.

Ele sorriu.

— É uma boa notícia, de fato. Por favor, continuem a fazê-lo. Padre Paulo assegurou-me de que ele abençoou a cama mais cedo esta noite, então não falta mais nada para minha senhora esposa e eu a fazermos, além de dizer-lhes boa noite.

Com isso, ele pegou-a nos braços, fazendo-a rir, e mergulhou na escada. Ele praticamente correu até as escadas, com ela rindo todo o caminho. Abriu a porta de sua câmara com o ombro, entrou e fechou a porta atrás deles. Em poucos passos, ele estava do outro lado da sala. Ele baixou-a para a cama e seus lábios desceu sobre a dela.

Suas mãos estavam em todos os lugares ao mesmo tempo, puxando suas roupas. Ele afastou-se dela o tempo suficiente para removê-los.

Ela observou-o da cama, um sorriso lento se espalhando por todo seu rosto.

— És um homem bonito, Tavish Randal. E enquanto não me deixou querendo antes, acredito que você está certo. Poderia ter negociado um pouquinho.

Ele riu.

— Meu objetivo é agradar.

— Oh, meu amor, eu também — ela disse, com voz baixa e sensual. Ela se levantou da cama. — Basta assistir.

Ela começou removendo o véu e a tiara de sua cabeça. Retirou os alfinetes, pentes e fitas segurando o cabelo no lugar. Então ela puxou os dedos através dele, liberando as tranças, permitindo que seus cabelos a flutuassem em volta dos ombros, e pelas costas, em uma nuvem marrom escura.

Uma vez que seu cabelo estava livre, ela tirou a roupa no que acabou por ser um incrivelmente sexy, *strip tease*, dada suas roupas medievais. Quando ela estava vestida com nada mais que seu cabelo, ela cruzou até onde ele estava, olhando para ela com admiração.

Ela levou-o em suas mãos, acariciando seu comprimento.

Ele gemeu. Seu toque era puro céu.

Em seguida, ela caiu de joelhos, beijando-o e levando-o em sua boca. Ele passou as mãos em seus cabelos enquanto ela trabalhou sua magia. Logo ele teve que puxá-la para seus pés.

— Minha querida, menina. Adoro seu toque, mas temo que esta noite eu a quero muito. — Ele capturou seus lábios em um beijo. Suas mãos vagaram sobre seu seio, vagaram pelas costas para tocar seu traseiro redondo, puxando suas partes íntimas para ele.

~ * ~

Cassie não conseguia o suficiente. Quando ele liberou seus lábios, ela quis puxá-lo para a cama e deixá-lo fazer amor com ela. Mas, em vez disso, ela decidiu deixar de lado seu eu do século XXI e deixou-o assumir a liderança. Ela perguntou:

— O que gostaria de me fazer... Laird?

Ele deu uma risada gutural.

— Oh, docinho, este é o jogo que você quer jogar?

Ela sorriu.

— Sim, Laird.

— Bem, então, ajoelhe-se sobre a cama.

— Vosso desejo é meu comando — disse ela, antes de subir na cama e dar-lhe uma piscadela atrevida.

Tavish simplesmente olhou para ela por um momento.

— Ajoelhada, envolta apenas com seu cabelo, você é a mais incrivelmente bela criatura erótica que eu já vi. — Ele se moveu para ficar ao lado dela ao lado da cama, se inclinou para sua orelha e deu um beijo por trás dela, provocando um arrepio. — Coloque as suas mãos em suas coxas e não as mova.

Ela sorriu e fez o que ele pediu.

Ele varreu seu cabelo para um lado com a mão esquerda, expondo seu pescoço. Ele beijou a nuca dela uma vez. Somente seus lábios a tocaram, mas naquele simples toque, o desejo cresceu ainda mais dentro dela.

Ele a beijou novamente, deslizando os lábios por seu pescoço antes de colocar um beijo suave atrás da orelha.

Ela estremeceu e sorriu.

Ele deu uma risada gutural baixa e os beijos dele tornaram-se mais fortes. Ele deslizou do seu pescoço para o ombro. Finalmente tocá-la com

mais do que seus lábios, agarrou ambos os ombros com as mãos, massageando levemente antes de beijar seu ombro direito. Ele beliscou de leve seu pescoço, enviando uma nova onda de calafrios deliciosos através dela.

Ela o sentiu sorrir contra seu pescoço antes de beijá-la novamente. Em seguida, ele arrastou sua língua até sua orelha, desta vez sugando suavemente o lóbulo da orelha.

As sensações eram surpreendentes. Ele a tinha beijado assim antes, e ela adorou.

Logo, seus beijos se tornaram mais famintos e mais exigentes, as mãos empurrando ligeiramente para baixo em seus ombros. Era quase esmagador.

À medida que seus beijos se tornavam mais intensos, ele enfiou os dedos de sua mão esquerda em seu cabelo fechando o punho em torno dele, e puxando um pouco para mover a cabeça, onde ele desejava. Ela estava completamente sob seu controle o que era exatamente onde ela queria estar.

Ele se ajoelhou na cama em frente a ela e com a mão esquerda ainda fechada em seu cabelo, ele inclinou a cabeça para trás, beijando-se a linha de sua garganta até seus lábios.

Ela estava perdida na sensação de seus lábios nos dela. Ela levantou a mão para acariciar sua bochecha.

Ele virou a cabeça ligeiramente e mordiscou o lado da mão fazendo-a ofegar.

— Onde deve essa mão macia estar, docinho?

Ela franziu a testa. *Onde deveria estar?*

Ele riu.

— Estou feliz de você estar gostando. O que eu pedi antes de começar o jogo?

Seus olhos se abriram e ela sorriu dizendo:

— Sinto muito, Laird, eu esqueci — disse antes de colocar as mãos para trás em suas coxas.

— Essa é uma boa moça.

Ele começou a beijá-la mais uma vez. Seu pescoço, ombros, garganta, bochechas, pálpebras e, finalmente, seus lábios novamente. Ela se abriu para ele, permitindo que a língua saqueasse sua boca. Ela se inclinou em direção a ele quando se afastou, apenas para sentir o puxão de sua mão em seu cabelo, lembrando-lhe que ela tinha lhe dado o controle. Ela fechou os olhos novamente, relaxando completamente.

Só então ele a levantou de seus joelhos e a abaixou para a cama.

— Deite-se, docinho.

Ela fez o que ele pediu.

Ele plantou beijos em sua garganta até que alcançou seus seios.

Ele estava certo sobre eles também, eram mais cheios, mais redondos, e muito sensíveis.

Ele tomou um em sua boca enquanto escovava o polegar sobre o outro pico, ela gemeu, levantando as mãos para os ombros, explorando seus músculos cinzelados com um leve toque de penas.

Ele deslizou a mão pelo corpo dela até o cerne sensível de seu ápice e ela se perdeu. Tinha sido muito tempo. Ela se contorcia debaixo dele, enquanto ele continuava a acariciá-la.

— Tom... por favor...

— Sim, minha linda moça, eu vou dar-lhe tudo o que desejas — Ele se ajoelhou entre suas pernas e moveu as mãos debaixo dela, levantando-a, e unindo-se a ela em um movimento firme.

Ela gritou na breve dor, ela tinha esquecido que Claire era virgem.

Ele se manteve parado dentro dela.

— Estas bem, meu amor? — Sua voz soou tensa, como se ele necessitasse de todo o seu esforço para se segurar.

— Eu estou bem — disse ela. — Faça amor comigo.

Ele suspirou e começou a se mover dentro dela.

Levantou-se para encontrá-lo, tornando-se completamente perdida no ato primal, que irrevogavelmente ligava suas almas novamente. Logo ela foi superada com as ondas trêmulas de seu clímax. Os músculos em seu núcleo se contraíram repetidamente em torno dele e ele também encontrou a sua libertação.

Ela flutuou de volta à Terra sentindo totalmente perfeita... e completa novamente.

Capítulo 24

Os três dias de festa terminaram nas primeiras horas da manhã do quinto dia de novembro. A maioria dos visitantes navegaram naquela noite. Morrisons, Mathesons e MacLeods navegariam no dia seguinte.

Cassie foi mantida ocupada ajudando Lady Ranald a reorganizar o castelo por vários dias. Mas suas noites eram passadas na felicidade dos braços de Tavish. Ela não podia imaginar estar mais feliz.

A semana tinha sido fria e cinzenta, assim como o dia do casamento, mas a sexta-feira amanheceu clara e ensolarada, mesmo que fosse um pouco fresca. No meio da manhã, Tavish a procurava nas armazenagens, onde ela estava verificando alguns estoques para sua mãe.

— Minha moça querida, o que faz enterrada nas salas de armazenamento em um dia tão belo? — Ele puxou-a para um abraço e beijou-a até que ela mal conseguia pensar direito.

Quando ele liberou seus lábios, ela apenas sorriu para ele.

— Bem? — Perguntou.

— Bem o que?

Ele riu.

— O que **está** fazendo aqui em um dia tão belo?

— Oh. Eu estava apenas verificando os estoques para sua mãe.

— Ah, eu vejo. Mas, sabes, se tivéssemos nos casado em nosso próprio tempo, estaríamos em algum lugar quente e ensolarado em uma lua de mel.

— Acho que sim, mas enquanto eu estou com você, eu não me importo onde estamos.

Ele a beijou profundamente novamente.

— Ainda assim, eu suspeito, eu poderia sequestra-la da fortaleza se você desejar.

Ela suspirou.

— Acho que eu poderia, mas sua mãe precisa da minha ajuda.

Seu rosto se abriu em um sorriso largo.

— Minha mãe me mandou aqui.

Ela riu.

— Bem, nesse caso, então sim, me sequestre.

Eles subiram as escadas e estavam fora da fortaleza em instantes. Para sua surpresa, Raven e Belle esperavam no pátio, já selados. Um menino do estábulo segurava suas rédeas. Um plaid e uma bolsa de couro, que Cassie suspeitava ter um piquenique, estavam amarrados à sela de Raven.

— Já sabia de minha decisão?

Ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido:

— Eu tinha certeza de que iria agradecer vosso Laird.

Ela riu.

— É justo. — Então ela notou os guardas montados que também esperavam por eles, e suspirou. — Será que realmente precisamos ter guardas com a gente?

Ele sussurrou novamente.

— Ora, você soa como a Cassandra Calloway que me lembro... sempre tentando sacudir a equipe de segurança.

— E pela mesma razão. É realmente necessário? Nós nunca vimos outra alma quando passeamos no pântano.

— Não, não tem. Mas isso pode ser porque sempre tivemos guardas com a gente. Nós não estamos em bons termos com os Henderson ao nosso norte ou os Camerons ao nosso leste. E ambos os clãs gostariam de receber

a moeda que pode ser adquirida por sequestrar o herdeiro Ranald ou sua esposa.

— Ora, você soa como o pai de Cassie — disse ela em voz baixa.

— Agora eu entendo as suas razões — ele respondeu. — Mas, como sempre, eles vão nos dar privacidade.

— Bem, então, eu não vou discutir.

Rodaram por cerca de metade de uma hora antes de encontrarem um belo lugar para ter o seu piquenique. Então, depois disso, eles deitaram no cobertor conversando. Eles estavam longe o suficiente dos guardas e poderiam falar livremente sobre o passado e o futuro.

Em um ponto, Tavish estava contando uma história engraçada de seus dias em treinamento. Ele parou no meio da frase e inclinou a cabeça. Sua testa franzida.

— Será que você ouviu alguma coisa?

Ela balançou a cabeça e aguçou os ouvidos para escutar. Em seguida, ela ouviu o tilintar leve, macio de um cavalo.

Tavish estava de pé em um instante, tensos para repelir um ataque. Mas ele relaxou imediatamente.

— Ah, nada para se preocupar. É apenas uma velha em um pônei. — Ela usava uma capa preta volumosa e estava andando em direção a eles vinda da direção da aldeia. Ele começou a sentar-se novamente, mas parou, franzindo a testa.

— Agora, isso é estranho.

— O que é estranho?

— A velha está passando ao lado dos guardas e eles não parecem ter notado ela.

Cassie saltou para dar uma melhor olhada, sua boca se abrindo, em estado de choque.

— Oh, não pode ser... pode?

Tavish lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Não pode ser o quê?

— Não é o que, quem. Eu acho que é Gertrude.

— Por que chega a essa conclusão?

— Porque seus homens não podem vê-la.

— Não, isso é impossível. Eles estão provavelmente, apenas, a ignorando. Eles devem vê-la. Ela está bem ali.

Cassie riu.

— É impossível? Diz o homem que viajou através do tempo, para a mulher que viajou através do tempo, sobre o anjo que fez isso acontecer?

— Gertrude pode fazer-se invisível?

— Sim, é uma das suas 'habilidades únicas', como ela as chama. Ela pode vir e passar despercebida. Aparentemente, as únicas pessoas que sabem que ela está presente são aqueles que precisam.

Tavish sacudiu a cabeça com espanto.

— Eu achava que nunca mais ia vê-la novamente. Ela não apareceu para mim desde o dia depois que eu cheguei.

Enquanto a mulher se aproximava, ela deixou o capuz cobrindo a cabeça cair para trás. Quem vinha, de fato, era Gertrude. Ela desmontou e caminhou em direção a eles com os braços abertos.

— Meus queridos. Eu sinto muito por perder o casamento.

Cassie estava dentro do círculo de seu abraço em um instante.

— Eu lhe agradeço, Gertrude. Obrigada por seu presente maravilhoso.

— Foi meu prazer, querida. — Gertrude voltou-se para Tavish e abriu os braços. — E olhe para você, um grande, elegante Highlander agora.

Tavish abaixou-se para abraçá-la também.

— Agradeço-lhe, Gertrude.

— Não há de que, rapaz. Ambos parecem muito felizes.

Tavish colocou o braço em torno do ombro de Cassie e a puxou para mais perto.

— Nós estamos. Mas eu tenho que dizer, você poderia ter feito isso mais fácil. Eu quase a perdi.

— Sim, eu suponho que eu poderia ter feito algumas coisas de forma diferente, mas o final teria sido trágico.

— O que você quer dizer? — Perguntou Cassie. — Se nós fomos feitos para ficar juntos, como poderia torná-lo mais fácil para nós, ter terminado em tragédia?

— Diga-me, Cassie, qual era o meu presente para você?

A pergunta a confundiu. O presente era óbvio.

— O relógio de bolso. Para que eu pudesse voltar e encontrar Tom. E, a propósito, presumo que voltou a você. Ele desapareceu depois que os sessenta dias acabaram.

— Sim, o relógio sempre consegue estar onde ele é necessário. Mas, minha querida moça, esse não era o meu presente para você. Não se lembra o que eu disse a você aquela noite?

Cassie parecia confusa.

— Você me deu o relógio de bolso e disse-me como usá-lo. Eu não tenho certeza, de que me lembro exatamente o que disse.

— É verdade, eu lhe dei o relógio de bolso, mas é apenas uma ferramenta. Como eu disse a você naquela noite, meu presente era o *tempo*.

— Sim, você me deu tempo. Sessenta dias.

— Não, moça. Volte no pensamento, quando você aceitou o relógio, qual era sua a razão para aceitá-lo?

Cassie franziu a testa, como se estivesse tentando se lembrar.

— Eu pensei que, talvez, ter sessenta dias longe de tudo iria diminuir a dor do meu luto. E então eu poderia tentar seguir em frente.

— Exatamente. Tavish lembra da conversa que tivemos antes de você aceitar o relógio?

— Sim, é claro, eu lembro.

— Antes de eu explicar como o relógio funcionava, o que você me pediu?

— Eu acho que eu disse que o único presente que eu queria era tempo suficiente para ver a minha menina, só mais uma vez. E eu também pedi para você dizer a ela que eu a amava e sentiria falta dela.

— Está correto. Foi quando eu disse a você que eu não poderia dar-lhe mais tempo naquele corpo, e que não havia necessidade de eu dizer a ela que você a amava porque ela já sabia disso. Então você pediu-me para fazer mais uma coisa.

Ele sorriu.

— Eu pedi para cuidar dela e você prometeu que o faria.

Cassie estava atônita.

— Mas você não pode quebrar uma promessa, por isso você não as faz a toa. Você me disse isso.

Gertrude acenou e sorriu.

— Assim você cuidou dela, trazendo-a de volta para mim? — Perguntou Tavish.

— Não, rapaz. Deixe-me perguntar-lhe uma coisa. O coração de Cassie foi quebrado quando perdeu você. A tristeza a levava para baixo, tão certo como se fosse uma âncora. Segurando-a em um ponto, não permitindo que ela se movesse para a frente. Então, se eu não tivesse a capacidade de reorganizar as almas, e Cassie ficasse no século XXI, o que supões que ela mais necessitava?

Ele considerou a questão por um momento.

— Bem, ela precisava ser capaz de lidar com a sua dor e seguir em frente.

— Exatamente. E se eu tivesse apenas aparecido e anunciado: “certo, crianças, você estão juntos novamente, aqui vamos nós”, isso teria acontecido?

— Não, mas ela não teria o motivo de sua tristeza em primeiro lugar.

Gertrude assentiu sabiamente.

— E é precisamente por isso, se eu tivesse feito isso de forma diferente, teria sido uma tragédia.

Cassie olhou para Tavish e ele parecia tão ignorante quanto ela se sentia.

Gertrude riu.

— Eu vou tentar torná-lo mais claro. Para Cassie para ser completa, ela tinha que fazer *exatamente* o que ela achava que era necessário... lidar com sua dor e encontrar uma maneira de seguir em frente. E, a propósito, você precisava fazer a mesma coisa, Tavish. Se eu tivesse simplesmente os unido novamente, nenhum de vocês teria chegado à conclusão de que poderiam viver sem o outro, e aprender a amar novamente.

— Mas se estamos juntos, por que isso importa? — Perguntou Cassie.

— Mas você apenas disse que eu tinha que aprender a lidar com a minha dor e seguir em frente.

— E você o fez. Mas você não tem que estar aqui para fazer isso. Você só precisava de tempo... tempo que não terias tomado no século XXI. Então, dei-lhe sessenta dias longe, durante os quais, apenas um minuto de vossa vida passou. Você poderia ter estado aqui, ou em Pompéia, antes de o vulcão entrar em erupção, ou em um rancho ocidental no século XIX. O trabalho que precisava ser feito estava dentro de você. Sua localização física era irrelevante. Por isso, por causa da promessa que fiz, se tivesses recusado o relógio de bolso, eu teria descoberto alguma outra forma para você tomar o seu tempo.

— Então, o presente era realmente apenas os sessenta dias? — Perguntou Cassie.

— Os sessenta dias foi o tempo necessário para descobrir tudo. Eu dei a você, anos em que a tristeza não vai ser um fardo.

— E se eu tivesse escolhido dizer a palavra e voltar? — Perguntou Cassie

— O resultado teria sido o mesmo. Você teria feito o trabalho que precisava ser feito. Teria aprendido que há espaço em seu coração para os outros. Assim, também, terias seguido em frente com sua vida no futuro.

Espantado, Tavish perguntou:

— Você não queria que nos encontrássemos outra vez?

Gertrude riu.

— Eu não diria isso. Eu esperava que Tom e Cassie se curassem o suficiente para que Tavish e Claire pudessem perceber que eles pertenciam um ao outro. Você descobriram que as almas de Tom e Cassie ainda

estavam entrelaçados, foi a cereja do bolo. O ponto é, vocês estão melhores equipados para lidar com o que acontece no futuro.

Cassie deixou isso penetrar em sua mente por um momento. Ela estava certa.

Gertrude riu.

— Claro, eu estou certa. Nunca duvides disso. Mas agora que já arrumamos tudo isso, eu preciso ir.

— Posso perguntar-lhe algo primeiro? — Perguntou Cassie.

— Pode pedir. Eu posso não responder.

— A pessoas que deixamos para trás estão bem? Mike? Nossas famílias?

— Sim, eles estão. Eles sentem sua falta, eles sempre irão sentir, mas eles vão seguir em frente.

— Eles receberam minhas cartas?

Gertrude sorriu.

— Sim, eles receberam. Todos eles sabem o que significava para você. Seus pais estão lidando com um pouco de culpa, mas eles vão trabalhar com isso e serão melhores. Pode agradar-lhe saber que seu pai combinou seu presente para apoiar a investigação linfoma.

Lágrimas brotaram nos olhos de Cassie.

— Mesmo?

— Sim, eles te amam, querida.

— O que você está falando? — Perguntou Tavish.

— Meu testamento. — respondeu Cassie.

— Deu seu dinheiro para pesquisa de linfoma?

Ela sorriu.

— Eu dei um terço para pesquisa, um terceiro para Mike, e um terceiro para seus pais.

Tavish parecia atônito.

— Deixou milhões para meus pais?

— Oito ponto cinco milhões para ser mais precisa — disse Gertrude.

— Quer saber o que eles fizeram com ele?

— Absolutamente — disse Tavish.

— Eles pagaram suas hipotecas, e a de Dave e Tania. Em seguida, eles tomaram uma página de seu livro, Cassie, e dividiram o que restava em três partes. Montaram um fundo para os seus netos com um terço, colocaram um terço para a sua aposentadoria, e eles criaram um fundo de bolsa de estudos na universidade em memória a vocês dois.

Lágrimas brotaram nos olhos dele.

— Uau. Isso é... wow. Graças a você, Cassie.

— O que fez Mike? — Perguntou Cassie.

Gertrude deu um largo sorriso.

— Ele também gostou da ideia da bolsa, então ele contribuiu com um terço de sua herança. Também pagou todas as suas dívidas, incluindo a hipoteca sobre o Hooked. Ele reservou um cruzeiro no Mediterrâneo espetacular para ele e Jean, e guardou o resto para a aposentadoria. E Cassie, quando seus pais descobriram sobre a bolsa de estudos, eles ajudaram com os deles também.

— Isso me faz tão feliz — disse Cassie, as lágrimas escorregando por suas bochechas.

— Ah, e eu garanti que um pouquinho da magia de anjo fizesse seu caminho para o Hooked — disse Gertrude.

— Como? — Perguntou Tavish.

— Eu fiz certo que um dos colegas de trabalho de Cassie, uma doce moça ligeiramente chamada Alicia, encontrasse um sino de vento em forma de fada, em uma loja de presentes.

Cassie riu e enxugou as lágrimas.

— Eles costumavam me chamar de Sininho.

— Eu sei que eles o faziam — disse Gertrude com um sorriso. — Então, quando o viu, ela comprou e pediu a Mike para pendurá-lo atrás do bar. Ela pensou que ouvir o tilintar dos sinos e ver a pequena fada, seria uma boa maneira para que todos pudessem lembrar de você.

— Eu gosto disso. Obrigada por ajudá-la a encontrá-lo.

— Bem, eu fiz apenas um pouco mais do que ajudá-la a encontrá-lo. Eu impregnei um pouquinho de charme de anjo. Quando alguém ouve o tilintar, lhe conhecendo ou não, ele vai alegrar seus corações um pouquinho. E desde que Mike passa mais tempo lá do que ninguém, isso vai fazer seu coração o melhor.

Cassie jogou os braços ao redor de Gertrude.

— Oh, obrigada, Gertrude. Agradeço-lhe tanto. Eu não poderia ter pedido nada mais perfeito.

Gertrude deu um tapinha nas suas costas e riu.

— Sou bastante boa em escolher o presente perfeito.

Quando Cassie saiu de seu abraço, Gertrude abriu os braços para Tavish.

— Agora eu preciso de um abraço osso também, Tavish, e então eu devo ir.

Tavish a abraçou.

— Agradeço-lhe, por tudo. Eu... bem... obrigado é tudo o que tenho.

— E seu agradecimento é tudo que eu preciso, querido. Agora, eu devo partir. — Ela montou seu pônei e começou a ir embora.

— Nós nos veremos novamente? — Chamou Cassie.

— Só o tempo dirá, moça. Só o tempo irá dizer.

Tavish colocou o braço em torno de Cassie enquanto eles observavam Gertrude desaparecer na distância.

E, em seguida, ela se foi. Era como se ela se tornasse uma névoa e depois se afastaram.

Epílogo

O litoral perto do Castelo de Ranald - quase cinco anos depois

Domingo 01 de julho de 1347

Cassie se ajoelhou na areia, brincando com seu filho Michael, que tinha dois anos e meio e tinha grande prazer em cavar buracos e depois enchê-los novamente. Ela virou o rosto para o céu azul imaculado. Era um glorioso dia de verão, o tipo que ocorria apenas ocasionalmente na Escócia. Devido à escassez deles, quando um dia prometia ser tão bom quanto este, Tavish quase sempre os levavam a esta bela praia.

Cassie amava aquele lugar e assim faziam seus filhos. Cassie sorriu quando ela olhou para onde sua sogra sentou-se na sombra de algumas grandes rochas, mais para trás na praia. A querida mulher não entendia por que Cassie e Tavish gostavam tanto daquilo, mas ela nunca recusou a oportunidade de vir com eles. O bebê Jack, que tinha acabado de fazer um ano, estava dormindo em seu colo.

Sua filha Nina, que faria quatro em um mês, estava rindo e perseguindo as ondas sob o olhar e ansioso do tio Hugh. Embora ela nunca ia mais do que a água a altura de seus tornozelos, ele ficava à distância de um braço da pequenina. Ainda assim, Tavish ficava ao lado de Cassie, e como um salva-vidas musculoso, não tirava os olhos de cima deles.

— Ela parece estar tendo um momento maravilhoso — disse Cassie.

Tavish sorriu.

— Sim, ela gosta da praia. Assim como eu quando eu era pequeno.

— Havia alguma coisa melhor do que um dia na praia?

Ele balançou sua cabeça.

— Nada. Não importava onde era. Enquanto havia areia e água, eu estava feliz. Dave e eu até mesmo adorávamos apenas ir para Sandy Point por uma tarde. Mas Rehoboth ou Ocean City eram os melhores.

Cassie não tinha estado em qualquer um destes quando criança. Sua família passava os verões nos Hamptons. Mas ela descobriu a alegria de calçadas com ele, depois que estava na faculdade. Ela suspirou.

— Sim, eles eram divertidos.

— E não há nada como comida do calçadão.

Ela assentiu com a cabeça.

— Mmmm. Sorvete.

— Cachorros quentes.

— Fudge. Sabes, se tivesse me ocorrido que não havia nenhum chocolate aqui quando tomei a decisão de ficar, eu poderia ter reconsiderado.

Ele riu.

— Não, não terias. Mas eu sinto falta de chocolate também. Que tal os caramelos de água salgado?

— Outro deleite onipresente da praia. Mas eu acho que a coisa que eu mais sinto falta é...

— Batatas fritas do calçadão. — disseram em uníssono e riram.

— Mas eu não sinto falta dos biquínis. Especialmente agora que eu tenho três filhos.

— Apenas fica mais linda para mim, não importa o que está vestindo... ou não estas vestindo. — Ele balançou as sobrancelhas sugestivamente.

Ela riu, e inclinou-se para ajudar Michael a encher mais um buraco.

Tavish continuou a observar Hugh e Nina brincarem, uma expressão pensativa no rosto. Ele estendeu a mão e acariciou o rosto de Cassie.

— São boas lembranças.

Ela se inclinou em seu toque, colocando a mão sobre a dele, segurando-a contra seu rosto.

— Sim, são. Mas agora, eu não mudaria nada.

— Mesmo? Nem mesmo se eu pudesse ter ficado com você?

— Não, meu amor, nem mesmo então. Logo antes de eu usar o relógio de bolso eu perguntei a Gertrude se havia alguma coisa que eu precisava saber. Ela disse, “É sempre uma boa ideia lembrar que o universo se desenrola como deve.” Eu não pensava muito sobre isso até Nina nascer. Mas se as coisas não tivessem acontecido da forma como aconteceram, nós não teríamos Nina, ou Michael ou Jack. Tavish e Claire são seus pais, só que não teria havido Tavish e Claire. Eu simplesmente não posso imaginar a vida sem esses três pequeninos.

Ele sorriu.

— O universo se desenrola como deveria.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim. E eu não mudaria um único detalhe.

~ *Fim* ~

Note: 4.1- Nothing to Lose was originally.

4.2- Nothing to Lose

lançado como um dos dois romances completos livro

4. The Choice.



Sessenta dias em outra vida, outra hora ... é tentador.

Sara Wells está em Veneza, preparando-se para partir em um cruzeiro de catorze dias para a Grécia, quando Gertrude oferece a ela o relógio de bolso. Sara aproveita a oportunidade e viaja para a Veneza do século XVIII, onde conhece um jovem expatriado escocês que é dono de uma pequena empresa de construção naval. Será que o amor deles um pelo outro será suficiente para superar todos os obstáculos?